J. Krishnamurti
QUE
ESTAMOS
BUSCANDO?

QUE ESTAMOS BUSCANDO?

(Conferências, com perguntas e respostas, realizadas em Rajahmundry, Madrasta e Bombaim, Índia, nos anos de 1949 e 1950.)

DO MESMO AUTOR:

A Renovação da Mente
Novo Acesso à Vida
Novos Roteiros em Educação
A Canção da Vida (Poemas) (Nova Edição)
Da Insatisfação à Felicidade
Viver Sem Confusão
Por que não te Satisfaz a Vida?
A Conquista da Serenidade.
Nós Somos o Problema.
Solução Para os Nossos Conflitos.
Uma Nova Maneira de Viver.
O Egoísmo e o Problema da Paz.
Autoconhecimento, Correto Pensar, Felicidade (esgotado)
O que te fará feliz (esgotado)
A Luta do Homem (esgotado)
A Finalidade da Vida.
O Caminho da Vida.
Palestras no Brasil. (esgotado)
Palestras no Chile e México.
Palestras no Uruguai e na Argentina.
Idem em Ommen, 1936. (esgotado)
Idem em Ojai, Califórnia, 1936 (esgotado)
Idem em Nova York, Eddington e Madrasta, 1937. (esgotado)
Acampamento em Ommen, 1937/38.
Adyar, Índia, 1933/34 (esgotado)
Auckland, 1934 (esgotado)
Ojai e Sarobia, 1940 (esgotado)

NOTA: *Os originais em inglês das obras acima encontram-se à venda, também, na sede da Instituição Cultural Krishnamurti, na Avenida Rio Branco, 117, sala 203, telefone: 52-2697 — Rio de Janeiro.*

J. KRISHNAMURTI

QUE ESTAMOS BUSCANDO?

TRADUÇÃO
DE
Hugo Veloso

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Avenida Rio Branco, 117 — sala 203
Rio de Janeiro — Brasil

I

CONFERÊNCIA EM RAJAHMUNDRY

HÁ uma arte no escutar. Escutar, a fim de descobrir se o que se diz tem significação, e depois de escutar, julgar, aceitar, ou rejeitar; mas, antes de tudo, escutar. A questão é que a maioria de nós não escuta. Vimos preparados para ser desfavoráveis ou favoráveis, e não para escutar com neutralidade. Se escutais neutralmente, só então, decerto, começareis a descobrir o que se esconde atrás das palavras. As palavras são meios de comunicação. Tendes de aprender o meu vocabulário, a significação de minhas palavras, para reconhecer a importância do assunto. A coisa de primordial importância é aprender a escutar de maneira apropriada. Se lêdes um poema de espírito prevenido, como o podeis compreender? Para apreciar o que o poeta deseja fazer-vos compreender, deveis vir com liberdade para isso.

O problema que se depara à máioria de nós neste momento crítico é se o indivíduo é apenas instrumento da sociedade ou o fim da sociedade. Estamos, vós e eu, como indivíduos, destinados a ser utilizados, dirigidos, educados, regulados, moldados por um certo padrão, pela sociedade, pelo govêrno; ou a sociedade, o Estado, existem para o indivíduo? O indivíduo é o fim da sociedade, ou é simples títere,

que se ensina, explora, e massacra como instrumento de guerra? Eis o problema que se depara à maioria de nós. Eis o problema do mundo: se o indivíduo é mero instrumento da sociedade, um brinquedo para ser moldado ao sabor das influências; ou se a sociedade existe para o indivíduo.

Como vamos verificar isso? É um problema importante, não achais? Se o indivíduo é apenas um instrumento da sociedade, então a sociedade é muito mais importante do que o indivíduo. A ser verdade isso, cumpre-nos, então, renunciar à individualidade e trabalhar em prol da sociedade; nêsse caso o nosso sistema educativo tem de ser inteiramente revolucionado e o indivíduo transformado em instrumento para ser utilizado e destruído, liquidado, pôsto de parte como importuno. Mas se a sociedade existe para o indivíduo, então, a função da sociedade não é a de moldá-lo segundo um padrão, mas, sim, de dar-lhe o sentimento, o ímpeto da liberdade. Temos, pois, de verificar o que é falso.

Como entraríeis nêste problema? É um problema vital, não achais? Não depende êle de nenhuma ideologia, da esquerda ou da direita; e se *está* na dependência de qualquer ideologia, temos nesse caso uma pura questão de opinião. As idéias sempre geram inimizade, confusão, conflito. Se vos estribais em livros da esquerda ou da direita, ou em livros sagrados, estais dependendo de meras opiniões, sejam do Buda, do Cristo, do capitalismo, do comunismo, sejam quais forem. São só idéias, e não a verdade. Um fato nunca pode ser negado. A opinião relativa a um fato pode ser negada. Se pudermos descobrir a verdade contida nesta questão, estaremos aptos para agir independentemente de opinião. Não é, portanto, necessário que nos

descartemos do que outros disseram? A opinião do esquerdista ou de outros chefes é o produto do seu condicionamento. Portanto, se para o descobrimento, dependeis do que se encontra em livros, estais amarrados pela opinião. Para o descobrimento não necessitamos de conhecimentos.

Como descobrir a verdade contida nesta questão? De acôrdo com ela agiremos. Para achar a verdade, nesta questão, precisamos estar livres de tôda propaganda, o que significa estar aptos para considerar o problema independentemente de qualquer opinião. Tôda a tarefa da educação consiste em despertar o indivíduo. Para perceber a verdade disso, precisais estar muito lúcidos, o que significa que não podeis depender de nenhum chefe ou guia. Quando escolheis um guia, vós o fazeis por causa da confusão em que estais, e por isso os vossos guias são também confusos, como está acontecendo no mundo atualmente. Por conseqüência, não podeis recorrer a um chefe, para guiar-vos ou ajudar-vos.

O problema, pois, é como encontrar a verdade nesta questão: Se o indivíduo é o instrumento da sociedade, ou se a sociedade existe para o indivíduo. Como ides verificar isso — não intelectualmente, mas realmente? Que se entende por "indivíduo"? Que é o "vós"? Que somos nós, física e psicològicamente, exterior e interiormente? Não somos o resultado de nossa civilização, nacionalidade, religião, etc.? Assim, o indivíduo é o resultado da educação, técnica ou clássica. Sois o resultado do ambiente. Há os que dizem que não sois apenas sêres físicos, mas algo mais: em vós mora a realidade, Deus. Isso, afinal de contas, não passa de mera opinião, resultado da influência da sociedade. É uma reação condicionada, e nada mais. Aqui na

Índia, acreditais que sois mais do que o produto de influências materiais. Outros crêem que são apenas isso, e nada mais. Ambas as crenças são condicionadas. Tanto uma como a outra são o resultado de influências sociais, econômicas e outras, — o que é um fato bem evidente. Cumpre-nos, pois, em primeiro lugar, reconhecer que somos o resultado das influências sociais que nos cercam. Quer creiais no hinduísmo, no cristianismo, quer na ideologia esquerdista, ou em nada absolutamente, vós sois o resultado daquele condicionamento.

Agora, para se descobrir se sois algo mais, é preciso que haja liberdade de qualquer condicionamento. Para sermos livres, devemos pôr em dúvida a reação social, pois só então poderemos descobrir se o indivíduo é apenas o resultado da sociedade, ou algo mais. Isto é, só há possibilidade de descobrirmos a verdade, a êsse respeito, pondo em dúvida a influência social, econômica, a influência do ambiente, das ideologias, etc. Só os que põem em dúvida são capazes de promover a revolução social. Tais indivíduos, uma vez livres de padrões, de crenças, de ideologias, estão aptos para ajudar a criar uma nova sociedade não baseada em condicionamento algum.

Vendo que o mundo está atualmente em conflito, com o imperialismo, as guerras, a fome, o aumento de população, o desemprêgo, o antagonismo — percebendo tudo isso, uma pessoa que tenha real interêsse irá verificar se o indivíduo é o fim da sociedade, isto é, se a sociedade existe para o indivíduo. Se ela existe para o indivíduo, então a relação entre o indivíduo e a sociedade é inteiramente diferente. Nêsse caso o indivíduo é um ser livre, em relação com a sociedade, também livre. Requer

isso um extraordinário conhecimento de si mesmo. Sem autoconhecimento não há base para o pensar: somos simplesmente moldados pelas circunstâncias. Sem conhecermos o nosso "eu" total, não pode haver pensar correto. A compreensão de nós mesmos não é achada com o retirar-nos da vida, com o fugirmos da sociedade para a floresta; pelo contrário, ela se encontra nas relações com nossa espôsa, com nosso filho, com a sociedade. As relações são um espelho no qual vemos a nós mesmos. Afinal de contas, se desejais compreender alguém, vós não o condenais, mas o estudais, o observais, sob tôdas as condições. Sois um observador silencioso, que observa, sem condenar — pois só assim compreendeis. Dessa compreensão surge a clareza, que é a base do pensar correto. Mas, pela mera repetição de idéias, por maravilhosas que sejam, tornamo-nos gramofones, tocando conforme as várias influências, mas sempre gramofones. É só quando deixa de ser gramofone que o indivíduo adquire importância. Somos então verdadeiros revolucionários, porque descobrimos o real. A liberdade de idéias, de condicionamento, só ela pode produzir revolução — a qual deve começar em vós, e não com um plano prèviamente traçado. Qualquer pessoa engenhosa pode elaborar um plano, mas êle de nada serve. O descobrimento do que somos trás consigo uma revolução radical, e êsse descobrimento não depende de plano algum. Êsse descobrimento é essencial para a criação de um novo Estado.

Entregaram-me várias perguntas. Antes de responder às mesmas, importa verificar por que razão fazeis perguntas. É com o intúito de robustecer as vossas opiniões, ou de criar uma controvérsia, ou de contestar o que se diz? Porque, se ficais

apegados às vossas opiniões, escutareis munidos de vossos argumentos, não escutareis com a disposição de verificar o que se diz. Espero que escuteis, não com o espírito de antagonismo mas com o intuito de verificar o que é a verdade. Se fordes ao encontro do que se diz com as vossas opiniões, de que vale escutar?

PERGUNTA: Dizeis, em vossas palestras, que o homem é a medida do mundo, e que quando êle se transformar o mundo estará em paz. A vossa própria transformação provou isso?

KRISHNAMURTI: Que se subentende nesta pergunta? Que embora eu diga que reconheço que sou o mundo, e que o mundo não está separado de mim, embora eu fale contra as guerras, etc., a exploração continua da mesma maneira; portanto, o que digo é fútil. Vamos examinar isso. Vós e o mundo não sois duas entidades separadas. Vós sois o mundo, não como ideal, mas como realidade. Sois o resultado do clima, da nacionalidade, de várias espécies de condicionamento; e o que pensais, o que sentis, vós o "projetais", criando um mundo de desarmonia. Quereis ser Telugus contra Tamils[1], só Deus sabe porque. O que projetais é o mundo; vós criais o mundo. Se sois ganancioso, projetais essa qualidade; portanto o mundo sois vós mesmo. Como o mundo é, vós sois, para transformardes o mundo precisais conhecer a vós mesmo. Com a vossa transformação produzis uma transformação

---

1 *Telugus*: povo do Hyderabad, Índia, da raça dravídica. *Tamil*: o ramo mais enérgico da raça dravídica, mais numeroso no sul da Índia. (Dictionary "Webster Collegiate".)

na sociedade. O interrogante dá a entender que, como a exploração não acabou, o que digo é fútil. Será verdade? Vim pelo mundo, apontando a verdade, e não fazendo propaganda. Propaganda é mentira. Pode-se propagar uma ideia, mas não se pode propagar a verdade; e compete-vos reconhecê-la ou deixar de reconhecê-la. Um homem sòzinho não pode transformar o mundo, mas vós e eu podemos modificar o mundo, juntos. Isto aqui não é uma conferência política. Vamos em busca de descobrir o que é a verdade, porque é a verdade que dissolve os sofrimentos, as misérias do mundo. O mundo não está lá longe, na Rússia, na América, ou na Inglaterra. O mundo está onde vós estais, por menor que pareça ser; é vós, vosso ambiente, vossa família, vosso vizinho, e se isso for transformado, produzireis transformação no mundo. Mas, em geral, somos indolentes, morosos. O que digo é real, em si; mas é vão se não tendes vontade de compreendê-lo. A transformação só pode ser realizada pelo indivíduo. As grandes coisas são realizadas por indivíduos, e vós podereis promover uma revolução fenomenal, radical, quando compreenderdes a vós mesmo. Não notastes, na História, que são os indivíduos os que transformam, e não a massa? A massa pode ser influenciada, utilizada, mas as revoluções radicais, na vida, só se verificam em indivíduos. Em qualquer parte que vivais, em qualquer nível social que estejais colocado, se compreenderdes a vós mesmo produzireis transformação em vossas relações com outros. O que importa é pôr fim ao sofrimento, porque o terminar do sofrimento é o começo da revolução, e essa revolução produz transformação no mundo.

de um método de viver, para que dissipe a vossa confusão, vos faça achar a verdade. Escolheis um *guru* porque estais confuso, e esperais que êle vos dê o que lhe pedis. Isto é, escolheis um *guru* que satisfaça o vosso desejo; escolheis de acôrdo com a satisfação que dêle esperais, e vossa escolha depende da satisfação que desejais. Não escolheis um *guru* que diga: "dependei de vós mesmo", vós o escolheis em conformidade com vossos preconceitos. Assim, uma vez que escolheis um *guru* de acôrdo com a satisfação que êle vos dá, não estais em procura da verdade, mas de um caminho para saírdes da confusão; e êsse caminho é chamado errôneamente a verdade.

Examinemos primeiro essa idéia de que um *guru* pode dissipar a nossa confusão. Pode alguém dissipar a nossa confusão — essa confusão que é o produto de nossas próprias reações? Nós a criamos. Pensais que outra pessoa a criou — criou esta miséria, esta batalha que se trava em todos os níveis da existência, interior e exteriormente? Ela é o resultado de nossa própria falta de conhecimento de nós mesmos. Porque não compreendemos a nós mesmos, nossos conflitos, nossas reações, nossas misérias, dirigimo-nos a um *guru* que, segundo pensamos, nos ajudará a livrar-nos daquela confusão. Só podemos compreender a nós mesmos em relação com o presente; e essa relação é o próprio *guru*, e não alguém de fora. Se não compreendo essa relação, tudo o que um *guru* diga é fútil; porque, se não compreendo as relações, minhas relações com a propriedade, com pessoas, com idéias, como posso resolver o conflito que há no meu íntimo? Para resolver êsse conflito, eu próprio preciso compreendê-lo, o que significa que preciso estar cônscio de mim mesmo,

dade. No momento em que pensais no desconhecido, êle não é mais que o conhecido, de vós mesmo projetado. Assim, Deus, ou a verdade, não podem ser pensados. Se pensais nela, não é a verdade. A verdade não pode ser procurada; ela vem a nós. Só podemos procurar o que é conhecido. Quando a mente não é torturada pelo conhecido, pelos efeitos do conhecido, só então pode a verdade revelar-se. A verdade se encontra em cada folha, em cada lágrima; ela tem de ser conhecida momento por momento. Ninguém vos pode levar à verdade; e se alguém vos guia, só pode levar-vos ao conhecido.

A verdade só pode manifestar-se na mente que está livre do conhecido. Ela surge num estado em que o conhecido está ausente, não funciona. A mente é o depósito do conhecido, o resíduo do conhecido, e para que a mente esteja naquele estado no qual o desconhecido se manifesta, tem de estar cônscia de si mesma, de suas experiências anteriores, tanto conscientes como inconscientes, das suas respostas, reações, da sua estrutura. Quando há autoconhecimento completo, o conhecido termina, e a mente fica completamente vazia do conhecido. Só então a verdade pode vir a vós, sem ter sido chamada. A verdade não vos pertence, nem a mim. Não podemos adorá-la. No momento em que a conhecemos, ela é irreal. O símbolo não é real, a imagem não é real; mas quando há compreensão do "eu", desaparecimento do "eu", desponta então a eternidade.

PERGUNTA: Para ter paz de espírito não preciso aprender a controlar os meus pensamentos?

KRISHNAMURTI: Para compreendermos adequadamente esta questão, devemos entrar nela a

fundo, o que exige muita atenção. Espero que não estejais excessivamente fatigados para seguir-me.

Minha mente vagueia. Por que? Quero pensar num quadro, numa frase, numa idéia, numa imagem, e, quando estou pensando, vejo que minha mente fugiu para a estrada de ferro ou para alguma coisa que aconteceu ontem. O primeiro pensamento foi-se, e outro lhe tomou o lugar. Por isso, examino cada pensamento que surge. Isso é inteligente, não achais? Fazeis esforços para fixar o pensamento nalguma coisa. Por que fixá-lo? Se vos interessais pelo pensamento que surge, êle vos revela o seu significado. O divagar da mente não é distração — não lhe deis nome algum. Segui a divagação, a distração, averiguai porque foi que a mente divagou; segui-a, penetrai-a a fundo. Compreendida completamente uma determinada distração, ela se extingue. Se surge outra, segui-a também. A mente é constituída de inumeráveis exigências e desejos; e quando os compreende, ela é capaz de um percebimento em que não há exclusão de nada. Concentração é exclusão, resistência a alguma coisa. Tal concentração é a mesma coisa que colocar antolhos — é evidentemente inútil, não conduz à realidade. Quando uma criança tem interêsse num brinquedo, não há distração.

Comentário do Auditório: Mas isso é momentâneo.

KRISHNAMURTI. Que quereis dizer? Quereis ficar cercado por um muro contínuo? Sois um ente humano ou uma máquina, para ser limitado, circunscrito? Tôda concentração é exclusiva. Nessa exclusão concentrada, nada pode penetrar o vosso desejo

um conflito entre o que pensais que *deverieis* ser e o que existe realmente. Isso é como um automóvel a rodar com os freios ligados. É fútil essa concentração. É uma exclusão, um empurrar para o lado. Por que não reconhecer logo a distração? Ela é um fato. Quando a mente fica tranqüila, depois de resolvidos todos os problemas, ela se assemelha a um lago de águas serenas, no qual podeis ver-vos claramente. Não está ela tranqüila quando presa na rêde dos problemas, porque então recorreis à repressão. Quando a mente segue e compreende todos os pensamentos, não há distração, ela está serena. Só em liberdade pode a mente estar silenciosa, não na camada superficial, mas inteiramente Quando está livre de todos os valores, da perseguição de suas próprias projeções, não há mais distração, e só então surge a realidade.

20 de novembro de 1949

II

CONFERÊNCIA REALIZADA EM RAJAHMUNDRY

É óbvio que todos os problemas exigem não uma solução, uma conclusão, porem a compreensão do próprio problema. Porque a resposta, a solução do problema está contida no problema; e para compreender o problema, qualquer que ele seja — pessoal ou social, íntimo ou geral — é essencial haver uma certa tranquilidade, uma certa qualidade de não-identificação com o problema. Isto é, assistimos atualmente a grandes conflitos no mundo; conflitos ideológicos, confusão e luta de idéias antagônicas, que finalmente levam à guerra; e no meio de tudo isso queremos paz. Porque, evidentemente, sem paz não se pode criar individualmente, visto que isso requer uma certa tranquilidade, a sensação de uma existência livre de perturbações. Viver tranquilamente, em paz, é essencial, para se criar, para se pensar de maneira nova sôbre qualquer problema.

Ora, qual é o fator principal dessa falta de paz interior e exterior? Eis o nosso problema. Temos inumeros problemas de vários tipos; e para resolvê-los há necessidade de um estado de tranquilidade, uma capacidade de paciente observação, uma investigação silenciosa; isso é essencial para a solução de qualquer problema. Que é que impede aquela paz, aquela observação silenciosa do que é? Parece-me que, antes de começarmos a falar de paz, precisamos

compreender o estado de contradição; porque é êsse o elemento perturbador que obsta à paz. Vemos contradição em nós e ao redor de nós; e, como tentei explicá-lo, o que somos o mundo é. Quaisquer que sejam as nossas ambições, os nossos interêsses, os nossos alvos, é nessas coisas que baseamos a estrutura da sociedade. Assim, porque estamos em contradição, há falta de paz em nós e, portanto, fora de nós. Há em nós um constante estado de negação e afirmação: o que queremos ser e o que somos realmente. O estado de contradição gera conflito, e esse conflito não produz paz — o que é um fato muito simples e evidente. Essa contradição interior, não convém traduzi-la numa dada espécie de dualismo filosófico, porque isso é uma fuga muito cômoda. Isto é, dizendo que a contradição é um estado de dualismo, pensamos tê-la resolvido — o que òbviamente é mera convenção, mais uma fuga da realidade.

Agora, que entendemos por conflito, por contradição? Por que existe contradição em nós? Compreendeis o que eu entendo por contradição — esta luta constante para ser algo diferente do que sou? Sou isso e quero ser aquilo. Essa contradição em nós é um fato, não um dualismo metafísico, sôbre o qual não há necessidade de discorrermos. A metafísica nenhum valor tem para a compreensão do que é. Podemos discutir sôbre o dualismo, dizer o que êle é, se existe, etc.; mas, que valor tem ele se não sabemos se existe contradição em nós, desejos antagônicos, interêsses opostos? Isto é, quero ser bom e não o consigo. Essa contradição, essa oposição que existe em nós precisa ser compreendida, porque gera conflito, e no conflito, na luta, não podemos criar individualmente. Vejamos com clareza o

estado em que nos achamos. Há contradição, e por isso tem de haver luta; e a luta é sempre destruição, desperdício. Em tal estado, nada podemos produzir, senão antagonismo, luta, mais amarguras e sofrimentos. Se pudermos compreender perfeitamente êsse estado e ficarmos assim livres da contradição, haverá paz interior, a qual nos trará a mútua compreensão.

O problema, portanto, é este: Visto que o conflito é destrutivo, inútil, por que existe contradição em cada um de nós? Para compreendermos isso, precisamos ir um pouco mais longe. Por que existem desejos opostos? Não sei se estamos bem cônscios disso — dessa contradição, dêsse querer e não querer, dêsse lembrar-nos de uma coisa e querermos esquecê-la, substituí-la por algo novo. Observai bem. É um fato muito simples e muito normal. Nada tem de extraordinário. A verdade é que existe contradição. Mas como nasce essa contradição? Não importa compreendê-lo? Porque se não fosse a contradição, não haveria conflito, não haveria luta, e o que *é* seria compreendido sem lhe acrescentarmos um elemento oposto, gerador de conflito. A questão que temos de examinar, portanto, é: Por que existe essa contradição e, consequentemente, essa luta inútil e destrutiva? Que significa contradição? Não implica ela um estado impermanente ao qual se opõe um outro estado impermanente? Isto é, julgo que tenho um desejo permanente. Admito em mim a existência de um desejo, e logo surge outro desejo, que o contradiz, e essa contradição gera conflito, que é desperdício. Isto é, há uma constante negação de um desejo por outro desejo, um interêsse que se sobrepõe a outro interêsse. Mas existe de fato um desejo perma

mente? Sem dúvida, todo desejo é impermanente — não metafisicamente, mas de fato. Não deis a isso uma significação metafísica, pensando que assim a compreendeis. Na realidade, todo desejo é impermanente. Desejo um emprêgo. Isto é, penso que um determinado emprêgo me proporcionará felicidade, e quando o obtenho vejo-me insatisfeito. Quero tornar-me gerente, depois proprietário, etc., não somente neste mundo, mas também no mundo dito espiritual — o professor quer ser diretor, o ministro quer ser bispo, o discípulo Mestre.

Assim, êsse constante "vir a ser", êsse sucessivo passar de um estado para outro, produz contradição, não é verdade? Nessas condições, por que não encarar a vida, não como um desejo permanente, mas como uma série de desejos fugitivos, em constante oposição entre si? A mente, não tem necessidade de permanecer em estado de contradição. Se considero a vida, não como um desejo permanente, mas como uma série de desejos temporários, em constante mutação, não existe contradição. Não sei se estou me explicando claramente; porque muito importa compreender que, onde há contradição há sempre conflito, e que o conflito é improdutivo, inútil, quer se trate de uma disputa entre duas pessoas, quer de uma luta interior; como a guerra, êle é totalmente destrutivo.

A contradição, surge apenas quando temos um ponto fixo de desejo, isto é, quando a mente, não considerando *todo* desejo como uma coisa em movimento, transitória, se apodera de um desejo, atribuindo-lhe permanência: só então, ao surgirem outros desejos, apresenta-se a contradição. Mas todos os desejos estão em constante movimento, não há fixação do desejo. Não há um ponto fixo de

desejo; a mente estabelece um ponto fixo, porque se serve de tôdas as coisas como um meio de ganho; e há de haver contradição, conflito, enquanto houver êsse empenho de chegar. Não sei se percebeis isso.

É importante compreender, em primeiro lugar, que o conflito é essencialmente destrutivo, quer se trate do conflito comunal, do conflito entre nações, entre idéias, quer do conflito interior do indivíduo. Êle é sempre improdutivo; e essa luta é aproveitada, explorada pelos sacerdotes, pelos políticos. Se percebemos bem isso, se percebemos realmente que tôda luta é destrutiva, cabe-nos então descobrir a maneira de pôr têrmo à luta, isto é, investigar a contradição; a contradição implica sempre o desejo de vir a ser, de ganhar, o desejo de chegar — é isso, afinal de contas o que significa a chamada busca da verdade. Isto é, quereis atingir algo, quereis lograr bom êxito, quereis encontrar, no final de tudo, um Deus ou a verdade, que passará a ser vossa permanente satisfação. Por conseguinte, não estais em busca da verdade, não estais à procura de Deus. Procurais satisfação duradoura, e disfarçais essa satisfação com uma idéia, uma palavra de som respeitável, tal como Deus, a verdade; mas de fato, cada um de vós está é em busca de satisfação, e, pondo essa satisfação no mais alto nível, vós a chamais Deus; no mais baixo nível ela se chama embriaguez pela bebida. Enquanto o que a mente busca é a satisfação, não há muita diferença entre Deus e a bebida. Socialmente, o hábito de beber pode ser mau, mas o desejo interior de satisfação, de ganho, é muito mais nocivo, não achais? Se desejais realmente encontrar a verdade, deveis ser sincero, em extremo, e não apenas no nível verbal, mas totalmente; precisais estar extraordinariamente lúcidos,

tôdas as nossas ações produzem a guerra. Não desejamos dissolvê-los comunais, e ao mesmo tempo renegamos essa esperança. Assim, enquanto não compreendermos êsse processo da contradição, em nós mesmos, não será possível a paz e, conseqüentemente, não será possível uma nova civilização, um novo Estado; e, para que possamos compreender essa contradição, temos de olhar-nos de frente, e não teòricamente, temos de ver-nos assim como somos, não com conclusões antecipadas, com citações de *Bhagavadgita*, do *Sankara*, etc. Temos de reconhecer a nós mesmos exatamente como somos, tanto o agradável como o desagradável, o que requer capacidade para perceber o que é, com toda a exatidão, não podemos compreender o que é, se condenamos, se identificamos, se justificamos. Devemos olhar a nós mesmos como olharmos aquêle homem que vai pela estrada; isso requer um percebimento constante; percebimento não num nível fora do comum, mas, sim, um percebimento do que somos, da nossa fala, das nossas reações, das nossas relações com a propriedade, com os pobres, os mendigos, os letrados, etc. O percebimento tem de iniciar-se nesse nível, porque para chegar longe, precisamos começar com o que está perto, mas a maioria de nós não quer começar com o que está perto. É muito mais fácil — pelo menos o supomos — começar com o que está longe de nós, o que representa uma fuga do que está perto. Todos nós temos ideais. Somos habilíssimos no fugir, e êsse é o grande mal das religiões que oferecem fugas. Para chegar longe, precisamos começar com o que está perto. Isso não requer nenhuma renúncia extraordinária, mas um estado de elevada sensibilidade; porque o que é altamente sensível é receptivo, e só nesse estado de sensibili-

dade pode-se receber a verdade — a qual não é para os insensíveis, os indolentes, os desatentos. Êstes nunca acharão a verdade. Mas o homem que começa com o que está perto, que está cônscio dos seus gestos, sua fala, sua maneira de comer, de falar, sua conduta — para êste há a possibilidade de penetrar muito extensamente, muito amplamente nas causas do conflito. Não podeis subir muito se não começais por baixo; mas não desejais começar por baixo; não quereis ser simples, não quereis ser humildes. Humildade é bom humor, e sem bom humor não podemos ir longe. Mas o bom humor não é coisa cultivável. Assim, um homem que realmente desejasse achar, conhecer a verdade, ou que desejasse estar aberto para a verdade, teria de começar muito perto de si, deveria avivar a própria sensibilidade, mediante vigilância, tornando sua mente apurada, clara, e simples. Uma mente assim não anda em busca dos seus próprios desejos, não rende culto a um ideal de sua própria fabricação. Só assim é possível a paz; porque essa mente descobre o imensurável.

PERGUNTA: Por que não alimentais os pobres, em vez de falar?

KRISHNAMURTI: É muito importante estar judiciosamente atento, mas nunca formular um julgamento, porque no instante em que formulamos um julgamento, já temos uma conclusão. Vós não estais judiciosamente atento. No momento em que chegais a uma conclusão, está morta a vossa capacidade de observação judiciosa. Pois bem, o autor da pergunta dá a entender que êle está alimentando os pobres, e eu não. Será mesmo que está alimen-

apenas uma ideia, não é uma utopia. Será uma realidade quando houver aquela radical revolução interior, quando houver uma transformação fundamental dentro de cada um de nós. Não haverá então nem classes, nem nacionalidades, nem guerras, nem separatismo destrutivo, e isso só poderá verificar-se quando houver amor em vosso coração. A revolução real só poderá realizar-se quando houver amor, e não antes. O amor é a única chama sem fumo; mas, infelizmente, enchemos os nossos corações com as coisas da mente, e por isso os corações estão vazios e as mentes cheias. Quando enchemos o coração de pensamentos, o amor não passa de mera ideia. O amor não é ideia, pois quando pensais no amor, não há amor, mas sim mera projeção do pensamento. Para purificar a mente, requer-se plenitude do coração, mas o coração precisa ser desocupado das coisas da mente, para poder encher-se — e essa é uma revolução extraordinária. Todas as outras revoluções não são mais do que a continuação de um estado modificado.

Senhor, quando amais alguém — não pela maneira como costumamos amar ao próximo, que consiste apenas em pensar nesse próximo — quando amais completamente, totalmente, não há nem rico nem pobre. Não tendes consciência de vós mesmos. Existe aquela chama isenta da fumaça do ciúme, da inveja, da avidez, da sensação. Só uma revolução dessas pode alimentar o mundo — e isso depende de vós, não de mim. Mas nós, pela maioria, já nos habituamos a ouvir conferências e a viver de palavras. As palavras se tornaram importantes para nós, porque somos leitores assíduos dos jornais, ouvintes habituais de conferências políticas, cheias de palavras sem muita significação. Nutrimo-nos de

palavras, e vivemos de palavras; e a maioria de vós está ouvindo estas minhas conferências apenas no nível verbal, e por isso não há em vós uma revolução real. Mas depende de vós a realização dessa revolução — não a revolução sangrenta, que é apenas continuidade modificada, à qual, erradamente, chamamos revolução — mas aquela revolução que se efetua quando a mente já não está enchendo o coração, quando o pensamento já não toma o lugar da afeição, da compaixão. Mas não se pode ter amor, quando a mente predomina. Os mais de vós não sois cultos, sois apenas muito lidos, e viveis do que tendes aprendido. E a sapiência não produz revolução, não produz transformação. O que produz transformação é a compreensão dos conflitos de cada dia, das relações de cada dia. Quando o coração está vazio das coisas da mente, só então se acende a chama da realidade. Mas precisamos estar aptos para recebê-la; e para recebê-la não devemos ter nenhuma conclusão baseada em conhecimento nem em determinação. A mente assim em paz, que está livre de idéias, é capaz de receber o infinito, e por conseguinte de produzir revolução, não só para alimentar os pobres ou para dar-lhes empregos, ou para dar poder aos que o não têm; — será um mundo inteiramente diferente, de valor diferente, não baseado na satisfação monetária.

Assim, com palavras não se mata a fome de ninguém. As palavras são para mim sem importância, sirvo-me delas apenas como meio de comunicação. Podemos empregar quaisquer palavras, quando nos compreendemos mùtuamente; e eu não vos estou dando idéias, não vos estou nutrindo com palavras. Falo com o intuito de fazer-vos ver claramente, por vós mesmos, o que sois, para poderdes,

com êsse percebimento, agir com clareza, com precisão, resolutamente. Só aí existe a possibilidade de ação cooperativa. Falar só para nos divertirmos não tem valor algum; mas falar com o intuito de compreendermos a nós mesmos e realizar, assim, a transformação, isso é essencial.

PERGUNTA: Durante as vossas palestras de 1944, foi-vos feita a seguinte pergunta: "Vós estais numa situação feliz. Tôdas as vossas necessidades são satisfeitas. Nós temos de ganhar a vida, para nós, nossas esposas e filhos. Temos que sustentar o mundo. Como podereis compreender-nos e ajudar-nos?" Foi esta a pergunta.

KRISHNAMURTI: Procurei responder a esta pergunta, não me furtei a isso, mas pode ser que eu me tenha expressado de maneira que, ao interrogante, pareceu evasiva. A vida não é assunto que se possa liquidar com um "sim" ou um "não"; a vida é complicada, não comporta nenhuma conclusão permanente. Isso é como desejar saber se há ou não há reencarnação. Temos de examinar a questão. Enquanto discorro sôbre ela, ficais pensando que me estou esquivando, porque a vossa mente está fixada numa só coisa: se "há" ou se "não há". Assim, do vosso ponto de vista, é bem evidente a evasão. Mas, se considerardes com um pouco mais de clareza, podeis ver que não há evasão.

Muito bem: o interrogante deseja saber — uma vez que as minhas necessidades são satisfeitas por outros — como posso compreender os que lutam pela vida, para sustentarem suas famílias e a si próprios? Que se subentende nesta pergunta? Que eu sou privilegiado, e vós não; e como pode a classe

privilegiada compreender a não privilegiada? A questão pois é esta: "Como pode uma pessoa privilegiada compreender as não privilegiadas?"

Em primeiro lugar: Sou privilegiado? Só sou privilegiado quando aceito posição, autoridade, poder, o prestígio que me vem do afirmar que *sou* alguém — coisa que nunca fiz, porque ser alguém é muito iníquo, contrário à ética, anti-espiritual. Ser alguém é negar a realidade; e só aquêle que é alguém, é privilegiado. Êle explora e nega, mas eu não me acho nessa situação. Viajo e faço conferências, e para isso sou pago, assim como sois pagos pelo vosso trabalho; e sou tratado exatamente nesse nível. Minhas necessidades não são muito grandes, porque não creio em grandes necessidades. Um homem cheio de riquezas é pobre de pensamento; mas também o homem que evita as posses, e aquêle que se identifica com umas poucas posses, tanto um como outro são igualmente pobres de pensamento. Ganho, pois, a minha vida, como vós ganhais a vossa. Faço muitas conferências, e sou convidado a visitar diferentes partes do mundo. Os que me convidam, pagam-me. Se não me chamam, e se não falo, está muito bem, do mesmo modo. Para mim, o falar não é um meio de auto-expressão, ou exploração. Não encontro deleite nisso, não é um meio de explorar-vos e de tirar o vosso dinheiro, porque não desejo caridade de vossa parte. Não desejo fazer-vos crer nisso ou não crer naquilo. Falo, meramente, com o objetivo de ajudar-vos a ver o que sois, a ter clareza no vosso íntimo. Porque na clareza existe felicidade; na compreensão há esclarecimento. Há felicidade no raciocinarmos juntos, porque no raciocinar podemos ver-nos assim como somos. E a relação pode atuar como um espelho, porque todo

deseja investigar a fundo essas questões, e por isso procura delas fugir. Senhor, a pessoa que foge, que evita olhar o que é, nunca encontrará a realidade. A pessoa religiosa é aquela que vê diretamente o que é, que não procura a realidade fora do que é. A realidade está em vossas relações com espôsa e filhos, na maneira como ganhais o vosso dinheiro, ela não se encontra noutra parte. Não podeis ganhar dinheiro por meios incorretos; deveis ter um meio de vida correto. A verdade não está longe dessas coisas, e precisamos descobri-la na atividade de cada dia, mas porque evitamos todas essas coisas, nossa vida é cheia de aflições. Nossa vida é vazia, não tem significação, a não ser para criar filhos, ganhar a subsistência, aprender umas palavras sânscritas, praticar um pouco de *puja*. A isso chamamos existência. A isso chamamos viver — uma coisa vazia, sem muita significação. Por certo, o apontar-vos essas coisas não é fugir da questão. Para a compreendermos, é claro que vós e eu temos de a examinar. Eu não sou vosso *guru*; porque, se me escolheis como *guru*, fareis de mim um novo meio de escape, e o que escolheis na vossa confusão é também necessariamente confuso. A verdade, pois, é uma coisa que cumpre ser descoberta instante por instante, em cada movimento da vida. E para compreendermos isso, vós e eu podemos conversar a êsse respeito, pensar de maneira completa a êsse respeito. Não vos estou impondo uma coisa a que não quereis dar atenção. Estamos conversando com o propósito de ver claramente o nosso problema, com a dignidade de seres humanos, e não com o desejo de render adoração um ao outro.

Assim, o que tem importância, nesta questão, é se realmente posso ajudar-vos a compreender a vós

mesmos. Só posso ajudar-vos, se *quereis* compreender a vós mesmo; se não quereis, o problema é muito simples: não posso ajudar-vos. Isso não é nem injusto, nem justo. E simplesmente uma coisa impossível. Mas, se nós dois queremos compreender e, por conseguinte, temos uma relação em que não existe temor, nem subserviência, nesse caso tendes a possibilidade de descobrir a vós mesmo, como sois. O que a vida de relação pode fazer é só isto: apresentar um espelho, no qual podemos descobrir a nós mesmos; e quanto mais compreendemos, tanto mais tranquilidade e paz existem no espírito. E nessa tranquilidade, nesse silêncio, manifesta-se a realidade.

PERGUNTA: Para que serve a oração?

KRISHNAMURTI: Para responder a esta pergunta, temos de examiná-la de maneira completa, visto que se trata de um problema complexo. Vejamos o que se entende por oração, e descobriremos então para que ela serve. Que se entende por oração? Quando é que orais? Não quando sois feliz, não quando estais contente, não quando há alegria ou prazer em vós. Só orais quando estais em confusão, quando estais em dificuldade, e então a vossa prece é um pedido. Um homem atribulado reza, o que significa que está pedindo, está necessitado de ajuda. Está suplicando, pedindo que se lhe dê confôrto (risos). Não há motivo para risos. Assim, o homem que está contente, que está feliz, o homem que percebe a realidade com tôda a clareza, e a compreende, nas atividades de cada dia — êsse homem não necessita da prece. Não rezais quando estais alegre; não rezais quando há deleite em vosso

oração. Só rezais quando há confusão, e a vossa prece é mera súplica, um pedido de ajuda, de confôrto, de alívio. Não é assim? Em outras palavras, estais confuso e por isso desejais que alguma fôrça exterior vos tire da confusão. Precisais de alguém que vos socorra; e quanto maior a soma do elemento psicológico, no vosso problema, tanto mais urgente a vossa necessidade de socorro exterior. E, assim, orais a Deus, ou, se tendes idéias modernas, procurais um psicólogo; ou procurando libertar-vos dessa confusão repetis uma infinidade de palavras.

Tomais parte em sessões de preces, onde sois pastoreados como um rebanho, onde sois hipnotizados e postos num determinado estado, pensando com isso ter obtido a resposta desejada. Tudo isso são fatos reais. Não estou inventando nada, estou apenas mostrando o que se contém nisso que chamais oração. Assim como procuramos um médico, quando sofremos fisicamente, assim também quando nos vemos numa confusão psicológica, escapamo-nos para o hipnotismo coletivo, ou pedimos socorro a alguma fôrça exterior. Não é isso o que fazemos? Estou pensando alto, no vosso lugar, e só isso: não vos estou impondo coisa alguma. Assim, a nossa prece é dirigida, não à verdade, mas a uma fôrça externa, que chamamos nosso guia, *guru*, ou Deus. Isto é, quando sofremos, quando nos achamos em conflito psicológico, recorremos a alguém. É o mesmo instinto natural da criança que corre para junto do pai, em busca de socorro. Quando não compreendo as minhas relações com os outros, quando estou em confusão, chamo alguém, para socorrer-me — o que é um instinto natural, não é verdade?

Ora, pode alguma fôrça exterior socorrer-me? Não quero dizer que não exista nenhuma fôrça exterior — disso trataremos noutra ocasião, mas pode uma fôrça exterior ajudar-me quando tenho um problema, quando me acho em conflito, em confusão criada por mim mesmo? Criei o conflito, em minhas relações com a sociedade. Fiz alguma coisa que gerou o conflito. Então naturalmente, sou eu o responsável por êsse conflito, e ninguém mais; e enquanto eu não o compreender, de que vale recorrer a uma fôrça exterior? A fôrça exterior pode ajudar-me a sair do conflito, pode ajudar-me a fugir dêle, mas enquanto eu não compreender a minha confusão, criarei nova confusão. É o que estamos fazendo: criamos uma confusão, achamos um meio de nos livrarmos dela, e logo mergulhamos noutra confusão. Assim, enquanto eu não compreender o produtor da confusão, que sou eu mesmo, enquanto eu não lançar luz nessa confusão, por mim mesmo, o simples recorrer a uma fôrça exterior é de muito pouca valia. Sei que isso não vos agradará, que resistireis ao que digo, porquanto não tendes vontade de ver as coisas tais como são, mas, evidentemente é necessário que eu me veja com clareza, para compreender a causa da confusão. Este é um dos fatos.

Conhecemos, também, o modo simples de fugir do que é, negando-o. Costumamos encobri-lo mediante uma recitação de palavras, ou fugir, dirigindo-nos a uma reunião de oração coletiva. Conhecemos bem êsses vários métodos. Entrais num templo e recitais uma infinidade de palavras, continuais recitando, e pensais que vos transformais. Tendes uma resposta, achastes uma conclusão. Isso é apenas uma maneira de fugir do problema. Não olhastes o pro-

blema. Que acontece quando orais? Que fazeis, quando orais? Recitais certas palavras, certas frases. Que acontece à mente quando repetis sem cessar certas orações? Pela repetição de frases *fazemos* a mente ficar tranqüila. Ela não está tranqüila: foi *posta* tranqüila. Há uma diferença entre a mente tranqüila, e a mente que *fazemos* ficar tranqüila. A mente posta tranqüila, a poder de repetição, é compelida, hipnotizada para o silêncio. Ora, que acontece quando a mente é artificialmente posta tranqüila? Já pensastes nisso a fundo? Fazei-o, e vereis aonde vos conduz. Tendes de prestar um pouco de atenção, experimentar em vós mesmos, sem deixar-vos distrair pelos que entram e saem. Os que se interessam queiram chegar mais para perto.

Ora bem, que acontece a uma mente que *fazemos* ficar quieta? Isto é, tendes um problema, e desejais encontrar uma solução. Por conseguinte, orais, o que significa repetir certas frases, e por êsse meio a mente é posta tranqüila. Qual a relação que existe entre essa mente hipnotizada e o problema? Por favor, prestai mais um pouco de atenção. Desejais uma solução para o problema, e por conseguinte empregais, recitais monòtonamente certas palavras, com o fim de pôr a mente tranqüila; isto é, desejais uma solução satisfatória para o problema, uma solução que vos agrade, e não uma solução que vos contradiga. Assim, quando orais e fazeis a mente ficar quieta, por meio de palavras, estais em busca de uma solução que vos proporcione satisfação. Já concebestes a solução de antemão, a qual tem de ser satisfatória; por conseguinte, encontrareis uma solução satisfatória. Vede, senhor, a importância disso. Vós criais aquilo que desejais, amortecendo a mente e pondo-a tranqüila; forçando a mente a

preendê-lo. A compreensão só pode vir quando a mente não mais está julgando o problema, isto é, quando a mente pode olhar o problema sem condenação nem justificação. Nesse caso, a mente está tranquila, não foi *posta* tranquila; e quando a mente está tranquila, pode-se ver como o problema se desdobra. Se não condenais, se não tentais encontrar uma solução, a mente está tranquila; nessa tranquilidade, o problema revela a sua própria solução, e não uma solução que vos satisfaça. Por conseguinte, a verdade do problema sai do próprio problema; mas não podeis perceber a verdade do problema, se a êle vos chegais com uma conclusão, uma prece, uma súplica, que se interpõe entre vós e o problema.

Assim, o homem que deseja compreender qualquer problema, só o pode compreender com a mente quieta, imparcial. Quando desejais compreender o problema do desemprêgo, do sofrimento humano, não podeis ter parcialidade. Se quereis compreender o problema, não podeis tomar partido, porque o problema não é uma questão de opinião, não exige ideologia alguma. O que êle requer é que o vejais claramente, a fim de compreenderdes o seu conteúdo; e não podeis compreender o conteúdo de um problema, se há uma cortina de ideologia entre vós e o problema. De modo idêntico, a prece, sem autoconhecimento, conduz à ignorância, à ilusão. Autoconhecimento é meditação, e sem autoconhecimento não há meditação. Meditação não é o fixar da mente num determinado objeto: meditação é compreensão do que é, em relação. A mente não precisa, então, ser forçada à quietude: ela está extremamente sensível e, portanto, altamente receptiva.

Mas o disciplinar a mente para estar quieta, destroi a receptividade.

Talvez tratemos dêste assunto novamente no próximo domingo. Para se compreender um problema, precisamos compreender o criador do problema, que somos nós mesmos. O problema não está separado de nós. Assim, a compreensão de nós mesmos é de suma importância; e para compreendermos a nós mesmos não podemos afastar nos da vida de relação, porque a vida de relação é um espelho no qual nos vemos. Relação é ação, não ação abstrata, mas a ação de todos os dias: nossas disputas, nossas cóleras e pesares; e ao compreendermos tudo isso em relação com nós mesmos, sobrevém a serenidade mental, a tranqüilidade. Nessa tranqüilidade, há liberdade. Só com essa liberdade, é possível o percebimento da verdade.

27 de novembro de 1949.

III

CONFERENCIA REALIZADA EM RAJAHMUNDRY

HAVERÁ amanhã uma sessão de debates às 7,15, e outra na têrça-feira, às mesmas horas; mas não haverá conferência no proximo domingo. Esta é a última.

Já disse eu que há uma arte no escutar, e será talvez proveitoso estender-me um pouco mais a êsse respeito, porquanto considero muito importante o escutar de maneira adequada. Em geral ouvimos o que nos convém ouvir com exclusão de tudo que cause perturbação. A tôda expressão de uma idéia perturbadora fazemos ouvidos de mercador; e sobretudo quando se trata de matéria profunda, religiosa, de importância na vida, temos a tendência de ouvir muito superficialmente. Se ouvimos mesmo alguma coisa, ouvimos apenas as palavras, não o seu conteúdo; porque os mais de nos não queremos ser perturbados. Queremos em geral prosseguir em nossos velhos caminhos; porque o alterar, o realizar qualquer modificação, significa perturbação: perturbação em nossa vida diária, perturbação em nossa família, perturbação entre marido e mulher, entre nós e a sociedade. Como em geral não gostamos de ser perturbados, preferimos seguir pelo caminho fácil da existência — se êsse caminho conduz ao sofrimento, à confusão e ao conflito, isso, ao que

mais esforço, isto é, quando não mais opõe resistência, não mais tem preconceito, mas escuta em liberdade e de maneira completa. E, se posso sugeri-lo, é isso o que deveríamos tentar esta tarde; porque, então, há no escutar um grande deleite — como o de escutar um poema, uma canção, ou de ver o agitar de uma árvore Então, essa própria observação, esse escutar, comunica um significado extraordinário à existência.

A religião, sem dúvida, é o descobrimento da realidade. Religião não é crença. Religião não é procura da verdade. A procura da verdade é apenas preenchimento de crença. Religião é compreensão do pensante; porque o que o pensante é, isso ele cria Sem compreender o processo do pensante e do pensamento, nada adianta estarmos presos a um dogma, pois isso não nos revela a beleza da vida, da existência, da verdade. Se procurais a verdade, então já sabeis o que é a verdade. Se saímos à procura de uma coisa, isso subentende que a perdemos, o que significa que já sabemos o que ela é. O que *sabemos*, é crença; e crença não é a verdade. Nenhuma crença, nenhuma tradição, por maior que seja, nenhuma das cerimônias religiosas, tão cheias de idéias preconcebidas da verdade, conduz à religião. Tampouco é religião a crença, o Deus do irreligioso, do crente que não crê.

Religião é, sem dúvida, permitir que a verdade se manifeste, como quer que seja esta verdade — não a verdade que desejamos, porque nesse caso se trata apenas da satisfação de um determinado desejo, que chamamos crença. Torna-se, portanto, necessária uma mente receptiva para a verdade, seja ela como for, e essa mente só é possível quando soubermos escutar passivamente. Manifesta-se o per-

cebimento passivo, quando não há esfôrço, nem repressão ou sublimação; porque, afinal de contas, para estarmos receptivos, necessitamos de uma mente que não esteja carregada de opinião nem ocupada com sua própria tagarelice. Com uma opinião ou uma crença, pode a mente "projetar" uma idéia ou imagem de Deus; mas isso é uma projeção dela própria, de sua própria tagarelice, de sua própria fabricação, e não é portanto o real. O real não pode ser projetado nem chamado, só pode manifestar-se quando a mente, o pensante, compreende a si mesmo. Sem compreensão do pensamento e do pensante, não existe possibilidade de recebermos a verdade, porque o produtor de esfôrço é o pensamento, que é o pensante. Sem pensamento não há pensante; e o pensante, em busca de mais segurança, refugia-se numa idéia a que chama Deus, religião. Mas isso não é religião, é um mero prolongamento do seu próprio ego, uma projeção dêle próprio. É uma virtude projetada, uma respeitabilidade projetada; e essa respeitabilidade não pode receber a verdade. Os mais de nós somos muito respeitáveis, no sentido político, econômico, ou religioso. Desejamos ser alguma coisa, neste ou num outro mundo. O desejo de existência num outro mundo, sob forma diferente, é ainda auto-projeção, é ainda auto-adoração; e uma tal projeção, de certo, não é religião. Religião é coisa muito mais vasta, muito mais profunda do que as projeções do "eu", e, afinal de contas, vossa crença é uma projeção. Vossos ideais, quer nacionais, quer religiosos, são auto-projeções, e o seguimento dessas projeções é sem dúvida uma satisfação para o "eu" e, portanto, o enclausuramento da mente numa crença; isso, portanto, não é real.

A realidade só pode manifestar-se quando a mente está tranquila, sem ter sido posta tranquila. Por conseguinte, não deve haver disciplinamento da mente para pô-la quieta. Quando disciplinamos a nós mesmos, isso representa apenas um desejo "projetado" de passarmos a um determinado estado. Esse estado não é o estado de passividade. Religião é a compreensão do pensante e do pensamento, isto é, compreensão da ação nas relações. A compreensão da ação, no conflito, e tal como é, não é a adoração de uma coisa feita, por mais agradável, por mais tradicional que seja e não importa quem a tenha fundado. Religião é a compreensão da beleza, da profundidade, do vasto significado da ação nas relações. Porque, afinal de contas, a vida é relação, ser é estar em relação; fora do contato, não temos existência. Não se pode viver no isolamento. Estamos relacionados com nossos amigos, com nossa família, com nossos companheiros de trabalho. Ainda que nos retiremos para uma montanha, estamos em relação com o homem que nos traz o alimento, estamos em relação com uma idéia projetada de nós. A existência implica o ser, que é relação, e se não compreendermos essa relação, não há compreensão da realidade. Mas, visto que o estado de relação é doloroso, perturbador, sempre a variar em suas exigências, nós fugimos dele para o que chamamos Deus e pensamos que com isso buscamos a realidade. Aquele que busca não pode buscar o real. Só pode buscar o seu ideal, dele próprio projetado. Assim, as nossas relações e a compreensão das mesmas é que constituem a verdadeira religião, e nenhuma outra coisa é religião, porque naquelas relações está contido todo o significado da existência. Nas relações, quer com pessoas, quer

com a natureza, com as árvores, com as estrêlas, com as idéias, com o Estado — nessas relações está tudo o que revela o pensante e o pensamento, que é o homem que é a mente. O "eu" surge na existência por causa do foco constituído pelo conflito; o foco do conflito origina a consciência individual, do "eu", na mente. Em condições diferentes, não existe "eu", e ainda que coloqueis êsse "eu" num nível elevado, êle é sempre o "eu" — satisfação.

Assim, o homem que deseja receber a realidade, e não *buscar* a realidade, que deseja ouvir a voz do eterno, de qualquer espécie que seja êsse eterno, êsse homem tem de compreender a vida de relação; porque na vida de relação existe conflito, e é sempre o conflito que impede a manifestação do real. Isto é, no conflito ocorre a fixação da consciência individual, a qual diligencia por fugir, escapar ao conflito; mas só quando compreende o conflito é a mente capaz de receber o real. Se não compreendemos a vida de relação, a busca do real é a busca de um meio de fuga, não é verdade? Por que não enfrentamos o conflito? Se não compreendemos a realidade, como poderemos ir mais longe? Podeis fechar os olhos, podeis fugir para os vossos santuários e adorar imagens vãs; mas a adoração, a devoção, o jejum, a oferenda de flores, os sacrifícios, os ideais, as crenças — tudo isso é vazio de significação se não compreendemos o conflito em nossas relações. Assim, a compreensão do conflito na vida de relação é de primordial importância, e nada mais o é, porque nesse conflito se descobre o processo integral da mente. Se não conheceis a vós mesmos, assim como sois, e não como teòricamente se supõe que sejais — Deus encerrado na matéria, ou qualquer teoria dêsse gênero — se não conheceis a vós

mesmos na realidade, no conflito da existência diária, econômica, social, ideológica — se não compreendeis esse conflito, como podeis passar além e descobrir alguma outra coisa? A busca do que está além é mera fuga ao que é, e se quereis um meio de fuga, então a religião ou Deus constituem um meio tão bom quanto a bebida. Não vos choqueis se coloco a bebida e Deus no mesmo nível. Todas as fugas estão no mesmo nível, não importando se fugis por meio da bebida, por meio do *yoga*, ou por qualquer outro meio.

A compreensão do conflito, pois, na vida de relação, é de importância primacial, e nada mais o é; porque, em razão desse conflito, criamos o mundo em que vivemos cada dia — o sofrimento, a pobreza, a fealdade da existência. Estar em relação é corresponder ao movimento da vida. Isto é, a vida é um desafio constante, e quando a nossa reação é inadequada, desse conflito; mas se correspondemos imediatamente, verdadeiramente, adequadamente, ao desafio, isso nos traz um estado de plenitude. Na reação que é adequada ao desafio, o conflito cessa, e por isso é de relevância compreendermos a nós mesmos, não de maneira abstrata, porém real, na existência de cada dia. O que somos na vida cotidiana é de suma importância; não o que pensamos, ou as ideias que concebemos, mas nossa conduta para com nossa esposa, marido, filhos, empregados. Porque é com o que somos que construímos o mundo. Conduta não significa a conduta ideal. Não há conduta ideal. Conduta é aquilo que somos momento por momento, nossa maneira de proceder, minuto por minuto. O ideal é sempre uma fuga do que somos. Como podemos conhecer o que está longe, se desconhecemos o que está perto de nós, quando

desconhecemos nossa própria espôsa? Positivamente, precisamos começar com o que está perto, para alcançar o que está longe; entretanto, nossos olhos estão sempre fixos no horizonte, que chamamos religião, e temos todo o aparato da crença para ajudar-nos a fugir.

O que tem importância, pois, não é o fugir, porque uma fuga é tão boa como qualquer outra — as fugas religiosas e as fugas mundanas são tôdas da mesma natureza e as fugas não resolvem o nosso problema. Nosso problema é o conflito, não sòmente o conflito entre indivíduos, mas também o conflito mundial. Vemos o que está acontecendo no mundo — o crescente conflito da destruição, da miséria. *Êsse*, vós não podeis sustar; o mais que podeis fazer é alterar a vossa relação com o mundo, não o mundo da Europa ou da América, mas o mundo de vossa espôsa, vosso marido, vosso emprêgo, vosso lar. *Nesse mundo* podeis operar uma transformação, e esta transformação se espalhará em círculos cada vez mais amplos; mas sem essa transformação fundamental, não haverá paz de espírito. Podeis sentar-vos a um canto para ler algo que vos faça dormir: é o que em geral se chama meditação, mas isso não é contemplar, não é receber o real. O que, em geral, desejamos é uma fuga satisfatória; não queremos olhar de frente os nossos conflitos, porque são dolorosos demais. Êles só são dolorosos porque não nos damos ao trabalho de verificar por que razão êles existem; procuramos uma coisa que chamamos Deus, mas nunca procuramos ver a causa do conflito. Mas, se compreendemos o conflito da existência de cada dia, podemos passar além, porque nisso se encerra todo o significado da vida. A mente em conflito é destrutiva, desperdiçada, e os que vivem

em conflito são incapazes de compreensão, mas o conflito não se aplaca com sanções, crenças ou disciplinas, porque é o conflito que precisa ser compreendido. Nosso problema está em nossas relações, que são a vida; e religião é a compreensão dessa vida, a qual produz um estado em que a mente fica tranqüila. Nesse estado, a mente é capaz de receber o real. É isso, afinal, que é religião — e não as vossas vestes sagradas, vossos *pujas*, vossa repetição de palavras, frases, cerimônias. Nada disso, por certo, é religião. São fatores de divisão, mas a mente que compreende a vida de relação não conhece divisão. A crença em que a vida é una, não passa de simples idéia e por conseguinte sem valor; mas para o homem que compreende a vida de relação, não há nem "os de fora", nem "os de dentro"; não há réprobos, nem proscritos. Religião é o estado de alta compreensão, e a compreensão de nós mesmos, instante por instante, na vida cotidiana, é autoconhecimento. Autoconhecimento não é religião; não é alvo supremo. Não existe alvo supremo. Tal coisa só existe para o homem que deseja fugir; mas a compreensão da vida de relação, na qual sem cessar se descobre o autoconhecimento, essa é imensurável.

Autoconhecimento, portanto, não significa conhecimento do "eu", colocado num nível elevado; mas é de todos os momentos, na conduta diária, que é ação, que é relação, e sem esse autoconhecimento, não há pensar correto. Não temos base para pensar corretamente, se não sabemos o que somos. Não podemos conhecer a nós mesmos em abstração, em isolamento. Só nos podemos conhecer nas relações de nossa vida diária. Não sabeis que estais em conflito? E qual a vantagem que há em vos afastardes dele, em evitá-lo, como um homem que tem um ve-

neno no organismo, que não pode expelir o que o está matando lentamente? O autoconhecimento é o comêço da sabedoria, e sem êsse autoconhecimento não podemos prosseguir; e buscar o absoluto, buscar Deus, a verdade, ou o que quiserdes, é simples busca de uma satisfação projetada de nós mesmos. Por conseguinte, precisamos começar perto de nós, examinando cada palavra que pronunciamos, cada gesto, nossa maneira de andar, de comer — dando atenção a tudo, sem condenação. Então, nessa vigilância, conhecer-se-á o que tem existência real, o que é, e dar-se-á a transformação do que é, a qual constitui o começo da libertação. A libertação não é um fim. A libertação se encontra momento por momento, na compreensão do que é — quando a mente é livre, sem a termos *feito* livre. Só uma mente livre é capaz de descobrir, e não uma mente moldada por crença ou de acôrdo com uma hipótese. A mente nessas condições é incapaz de descobrir. Não pode haver liberdade quando há conflito, porque o conflito é a fixação do "eu", nas relações.

Foram-me enviadas muitas perguntas, sendo-me naturalmente impossível responder a tôdas elas. Por conseguinte, selecionamos algumas que parecem típicas, e aquêles de vós cujas perguntas ficarem sem resposta, não pensem que elas tenham sido esquecidas. Afinal de contas, todos os problemas são relacionados entre si, e se consigo compreender um problema, em sua inteireza, posso compreender todos os outros problemas. Escutai, pois, as perguntas pela mesma maneira como escutais a palestra; porque perguntas são desafios, e só no reagirmos a elas, adequadamente, encontramos solucionados os problemas. São elas um desafio, tanto para vós

como para mim e por conseguinte vamos pensar juntos e reagir de maneira completa.

PERGUNTA: Que é educação adequada? Como mestres e como pais estamos confusos.

KRISHNAMURTI: Como iremos achar a verdade, nesta matéria? O mero forçar da mente num sistema, num padrão, não é evidentemente educação. Assim, para descobrirmos o que é a verdadeira educação, precisamos verificar o que entendemos por "educação". Educação, por certo, não é o aprender a finalidade da vida, mas, sim, o compreender o significado, o processo da existência, porque, quando dizeis que a vida tem uma finalidade, esta finalidade, então, é projetada de vós mesmos. Não há dúvida que para verificar o que é educação adequada, temos primeiramente de procurar compreender o significado total da vida, do viver. Que é a educação, atualmente? Aprender, para ganhar algumas rupias, para exercer uma profissão, tornar-se engenheiro, sociólogo, aprender a matar gente, ou a ler um poema. Se dizeis que educação é tornar uma pessoa eficiente, o que significa ministrar-lhe conhecimento técnico, cumpre-vos compreender todo o significado da eficiência. Que acontece quando uma pessoa se torna mais e mais eficiente? Torna-se mais e mais impiedosa. Não mais. Que estais fazendo em vossa vida diária? Que está acontecendo presentemente no mundo? Educação significa desenvolvimento de uma determinada técnica, que é eficiência, que significa industrialização, capacidade de trabalhar mais depressa e produzir cada vez mais, e tudo isso, afinal, conduz à guerra. Vêdes isso acontecer todos os dias. A edu-

tempo o compreenderdes a vós mesmos, desde que tenhais interêsse nisso. Senhor, se não compreendeis a vós mesmo, como educador, como podeis implantar uma educação de nova espécie? E voltamos assim ao mesmo ponto de sempre: que sois vós mesmo; e vós desejais evitar êsse ponto, quereis passar a responsabilidade para o mestre, para o govêrno. O govêrno é o que *sois*, o mundo é o que *sois*, e se não compreendeis a vós mesmo, como pode haver educação adequada?

PERGUNTA: Que quereis dizer com "viver momento por momento"?

KRISHNAMURTI: Uma coisa que tem continuidade nunca pode ser nova. Pensai nisso a fundo, e vereis: não é nenhum problema complicado. Não há dúvida que, se eu consigo completar cada dia sem transportar para o dia seguinte minhas ansiedades, minhas tribulações, saberei enfrentar de maneira nova o dia de amanhã. O enfrentar o desafio de maneira nova é criação, e não haverá criação se não houver um findar. Enfrentais o que é novo com o que é velho; por conseguinte, há necessidade de que o velho termine, para enfrentardes o novo. Há necessidade de um findar a todos os minutos, de modo que cada minuto seja um minuto novo. Isso não é nenhuma imagem nem devaneio poéticos. Se experimentardes, verificareis o que acontece. Mas, nós *queremos* continuar, subsistir. Queremos uma continuação de momento em momento, dia por dia, porque pensamos que sem continuidade não existimos.

Ora, o que é capaz de continuar, pode renovar-se? Pode ser novo? É evidente que só pode haver

uma coisa nova, quando há um findar. Vosso pensamento é contínuo. O pensamento é resultado do passado, é uma continuação do passado, que, em conjunção com o presente, cria, modifica o futuro. Mas o passado, atravessando o presente, para o futuro, é sempre uma continuidade. Não há solução da mesma. Só na quebra da continuidade se pode ver algo novo. O pensamento precisa extinguir-se para que o novo exista. Mas vós bem sabeis o que estamos fazendo. Estamo-nos servindo do presente, como de uma passagem do passado para o futuro. Não é o que estamos fazendo? Para nós o presente é sem importância. Ao pensamento, que é a ação presente, que é a relação presente, não atribuímos importância alguma. Atribuímos importância ao produto, ao resultado do pensamento, que é o futuro ou o passado. Não notais como os velhos contemplam o passado e também como os jovens contemplam o passado, às vezes, ou o futuro? Ocupam-se de si mesmos, no passado ou no futuro, e nunca dão inteira atenção ao presente. Dessa maneira, usamos o presente como uma passagem para outra coisa, não havendo por isso consideração, observação do presente; e para observar-se o presente, o passado precisa morrer. Certo, para percebermos o que é, não podemos olhar o presente através do passado. Se desejo compreender-vos, devo olhar-vos diretamente e não por de permeio os meus velhos preconceitos. Porque, nesse caso, estou apenas olhando os meus preconceitos. Só posso olhar-vos quando não existirem preconceitos; por essa razão, precisamos pôr fim aos preconceitos.

Assim, para compreendermos o que é, que é ação, que é relação, a cada momento, há necessidade de estarmos novos; por conseguinte, o passado pre-

cisa terminar; e isto não é nenhuma teoria. Experimentai, para ver como êsse findar não é tão difícil como vos parece. Enquanto estais escutando, experimentai, e vereis como é fácil findar completamente o pensamento e ficar apto para descobrir. Isto é, quando não estais influenciado, quando estais interessado numa coisa, vitalmente, profundamente, vós a olhais por maneira nova. O próprio interêsse expulsa o passado. Só vos interessa observar o que *é* e deixar que êle se vos revele. Ao perceberdes a verdade disso, a vossa mente se desocupa momento por momento. Por conseguinte, está descobrindo tudo por maneira nova, e é por isso que o conhecimento nunca pode ser novo. Só a sabedoria é nova. O conhecimento pode ser dado na escola, mas a sabedoria não pode ser ensinada. Uma escola de sabedoria é um absurdo. A sabedoria é o descobrimento e a compreensão do que *é*, momento por momento, e como se vos pode ensinar a observar o que *é*? Se vô-lo ensinam, isso é conhecimento, o qual se interpõe entre vós e o fato. O conhecimento, por conseguinte, é uma barreira diante do novo, e uma mente cheia de conhecimento não pode compreender o que *é*. Vós sois instruído, não sois? E é nova a vossa mente? Ou está ela repleta de fatos armazenados na memória? E uma mente que se torna dia a dia em mero repositório de fatos — como pode uma mente dessas perceber uma coisa nova? Para perceber o que é novo, requer-se completa ausência de conhecimentos passados. Só no descobrimento do que *é*, instante por instante, se encontra a liberdade que a sabedoria traz. A sabedoria, por conseguinte, é algo novo, não repetido, não é coisa aprendida de um livro escolar ou de Sankara, do *Bhagavadgita*, do Cristo.

uma proteção, uma fuga disso. Vós, por conseguinte, buscais a continuidade, mas a continuidade nunca é nova, nela não pode dar-se renovação, nunca há um vazio onde possais receber. Assim, a mente só pode renovar-se quando está vazia, e não quando repleta das vossas ansiedades, dia por dia; e com o findar da mente, há uma criação, que é eterna.

PERGUNTA: Quanto mais vos ouço, tanto mais sinto a verdade dos antigos ensinos do Cristo, do Sankara, do Bhagavadgita, *da Teosofia. É verdade que nunca os lêstes?*

KRISHNAMURTI: Responderei em primeiro lugar à segunda parte da pergunta, e depois à primeira parte. "É verdade que nunca os lêstes?" Não, senhor, nunca os li. Que mal há nisso? Estais surpreso? Escandalizado? Mas por que lê-los? Por que desejais os livros dos outros, quando tendes o vosso próprio livro? Por que desejais ler a Bíblia ou Sankara? Sem dúvida, porque desejais confirmação, porque desejais conformar-vos. Eis porque a maioria das pessoas lê: querem ver confirmada sua crença ou sua opinião, para terem segurança, abrigo, certeza. Pode-se descobrir alguma coisa, na certeza? Claro que não. Um homem que está certo, psicològicamente, é incapaz de descobrir. Então, por que ledes? Podeis ler por simples divertimento, ou com o fim de acumular fatos; ou ledes, também, para adquirir o que chamais sabedoria, e pensais ter compreendido tôdas as coisas porque podeis citar Sankara; pensais que, citando Sankara, possuís o inteiro significado da vida. O homem que cita, não pensa, porque repete o que outro disse. Senhores, se não tivésseis livro algum, nem *Bhagavadgita*, nem

Sankara, que faríeis? Teríeis de empreender sòzinhos a viagem para o desconhecido, aventurar-vos sòzinhos. Quando descobris alguma coisa, o que descobris vos pertence; não necessitais então de livro algum. Não li o *Bhagavadgita*, nem nenhum livro de religião, psicologia, ou filosofia, mas descobri algo, e êsse descobrimento só é possível quando somos livres, e não mediante repetição. Êsse descobrimento é muito mais grandioso do que a experiência alheia, porque descobrimento não é repetição, não é cópia.

Passo agora à primeira parte da pergunta. Senhor, por que comparais? Qual é o processo da comparação? Por que dizeis "O que falais tem semelhança com Sankara"? Se tem ou não semelhança, isso nada importa. A verdade não pode ser sempre a mesma, ela é sempre nova. Se se conserva a mesma, não é a verdade, porque a verdade é viva, momento por momento, não pode ser hoje o que ontem foi. Mas, por que comparais? Não é porque quereis sentir-vos seguro, sentir que não tendes necessidade de pensar, visto que o que digo é o que Sankara disse? Lêstes Sankara, e pensais que compreendestes; assim, comparais e vos pondes à vontade, e isso se pode fazer num instante e sem esfôrço. Na verdade, nada compreendestes, e é por isso que comparais. Quando comparais não há compreensão. Para compreender, devemos olhar diretamente a coisa que se nos apresenta, e uma mente que compara é indolente, desperdiçada; é uma mente que vive na segurança, que está fechada na satisfação. Uma mente em tais condições não pode, em absoluto, compreender a verdade. A verdade é uma coisa viva, não estática, e uma coisa que é viva é incomparável; não se pode comparar com o passado ou

o futuro. A verdade é incomparável, de instante em instante, e para a mente que tenta compará-la, pesá-la, julgá-la, não existe verdade alguma. Para essa mente só há propaganda, repetição; e repetição é mentira, não é verdade. Repetis porque não estais "experimentando", e o homem que está experimentando nunca repete, porque a verdade não pode ser repetida. Não podemos repetir a verdade, mas tão sòmente a nossa conclusão, nosso juízo a respeito dela. Por conseguinte, a mente que compara, que diz: "O que estais dizendo é exatamente o que disse Sankara", essa mente deseja continuidade e, portanto, está paralisada, morta.

Senhor, não existe canção em vosso coração, se vos limitais a repetir uma canção e, por conseguinte, seguir o cantor. O que importa não é se eu li livros sagrados, ou se o que digo é comparável ao que disse Sankara, *Bhagavadgita,* ou Cristo: o que importa é saber porque repetis, porque comparais. Compreendei a razão por que comparais, e compreendereis a vós mesmo. A compreensão de vós mesmo é muito mais importante do que a vossa compreensão de Sankara, porque o que sois tem muito mais importância do que Sankara ou qualquer ideologia. É só através de vós mesmo que descobris a verdade. *Vós sois* o descobridor da verdade, e não Sankara, nem o *Bhagavadgita*, que nada significam, servindo apenas como um meio de vos hipnotizardes, tal como ler os jornais.

Assim, a mente que é capaz de receber a verdade não compara, porque a verdade é incomparável. Para receber a verdade, a mente precisa estar só, e ela não está só quando sob a influência de Sankara ou Buda. Por conseguinte, tôda influência, todo condicionamento deve desaparecer. Só nesse

estado em que o conhecimento cessou de todo existe um findar e, consequentemente, a solidão da verdade.

PERGUNTA: Que entendeis, exatamente, por meditação? É um processo ou um estado?

KRISHNAMURTI: Embora eu esteja falando e vós ouvindo, vamos "experimentar" e descobrir juntos o que é meditação. Não vou ensinar-vos a meditar, mas tratemos, juntos, de descobrir o que é meditação. Assim, escutai e "experimentai", enquanto vamos caminhando pois as palavras só têm significação quando estamos em movimento, viajando juntos.

Que é meditação? Meditação é a compreensão daquele que medita; o que medita é a meditação. Meditação não é exclusão, concentração. Que se entende por concentração? Vou explicá-lo. Estamos viajando juntos: vós estais descobrindo e eu estou descobrindo, e o que importa é descobrir, e não meramente copiar, seguir. Os mais de nós consideramos que concentração é meditação, mas não é, e vou mostrar-vos porquê. Concentração significa exclusão — fixar um só interêsse, com exclusão de outros. Vós vos concentrais e resistis; a concentração, pois, é a focalização da resistência. Procurais concentrar-vos num retrato, numa imagem, numa idéia; e vossa mente foge para outros interêsses; e à resistência que exclui os vários interesses chamais concentração. Positivamente, essa concentração não é meditação, porque nesse esfôrço há conflito entre o que resiste e o que invade. Isto é, desperdiçais tempo, resistindo, batalhando, disciplinando alguma coisa. Passais dias e anos nesta bata-

lha, até conseguir focar a vossa mente no objeto de vosso desejo. O objeto de vosso desejo é projetado de vós mesmo, é parte do processo do pensamento, é de vossa própria criação, e nêle tentais concentrar-vos, portanto, o objeto em que vos concentrais sois vós mesmo, ainda que lhe chameis ideal. A concentração, portanto, é um processo de fechamento, de exclusão.

Pois bem, a meditação não é exclusão. Estamos averiguando o que é a meditação, interrogativamente: dizer o que ela é, não passa de cópia. É só quando dizemos o que ela não é, que dizemos o que ela é. A concentração, pois, não é meditação. Quando uma criança tem interêsse num brinquedo, isso é concentração. Não é meditação, por certo. O brinquedo não é deus, e o esfôrço no sentido de alcançar a virtude não é meditação. Vejamos, pois, o que isso significa. O cultivo da virtude é virtude? O cultivo da bondade é virtude? Dizer "vou ser fraternal" e meditar sôbre a fraternidade — isso é virtude? Essa meditação sôbre a virtude não passa de cálculo egoísta. Virtude implica liberdade, e vós não sois livre quando arquitetais um plano para vos tornardes virtuoso. Assim, o homem que medita diàriamente, para tornar-se virtuoso, não é virtuoso. Veste, meramente, uma capa de respeitabilidade. Senhor, quando falais de humildade, sois realmente humilde, ou estais apenas vestindo a capa da humildade? Sabeis o que significa ser humilde? Não se pode cultivar a humildade. Não se pode cultivar a "não avidez". Porque sois ávido, desejais ser "não ávido". Como pode a estupidez tornar-se inteligência? Onde há estupidez, não há inteligência. A estupidez é sempre ela mesma, em tôdas as circunstâncias. Só quando termina a estupidez, surge a

nando, forçando a mente — todas essas coisas, evidentemente não são meditação, porque nelas não há liberdade; e só na liberdade pode a virtude manifestar-se. A oração tampouco é meditação, como já vimos antes. Quando toda aquela superestrutura for retirada da mente — o cultivo do ideal, a busca da verdade, o tornar-se virtuoso, a concentração, o esforço, a disciplina, a condenação, o julgamento — quando tudo isso houver desaparecido, que será a mente? Quando isso não existe, não existe o meditador; por conseguinte, não há meditação. Quando não existe o meditador, há meditação, mas o meditador não pode meditar. Só pode meditar sobre si mesmo, pensar em si mesmo, mas não é isso a meditação. Quando o meditador compreende a si mesmo e deixa de existir, só então há meditação; porque o findar do meditador é meditação. Concentração, busca da verdade, tornar-se virtuoso, contemplar, julgar, disciplinar — tudo isso é o processo do meditador; e sem se compreender o processo do meditador, não há meditação. Por conseguinte, sem autoconhecimento, não há meditação. Não há meditação sem tranquilidade da mente, mas a tranquilidade não aparece como resultado da busca ou da concentração do meditador. Quando não mais existe o processo completo, total, do meditador, há silêncio, o qual não é produzido pela mente, como o é o ideal, que é satisfação "projetada" de nós mesmos. Mas quando o "projetador", o meditador, o "eu", está de todo ausente, completamente extinto, há silêncio, que não é produto da mente. Meditação é aquele silêncio que se manifesta quando o meditador e o seu processo são compreendidos. Esse silêncio é incomparável, não é do tempo e portanto é imensurável. Só o meditador compara, julga, mede; mas

quando não existe medida, existe o imensurável. Por conseguinte, só quando a mente está de todo silenciosa, completamente tranquila, serena, sem "projetar", sem pensar — só então aquilo que não tem medida vem à existência. Mas o que não tem medida não pode ser pensado. O que se pensa é o conhecido, e o conhecido não pode compreender o desconhecido. Por conseguinte, só ao terminar o conhecido, vem o desconhecido à existência. Só então há felicidade suprema.

4 de dezembro de 1949.

I

CONFERÊNCIA REALIZADA EM MADRASTA

Se nos fôr possível compreender integralmente o problema do buscar, do procurar, talvez estejamos em condições de compreender o complexo problema da insatisfação e do descontentamento. Os mais de nós estamos em busca de alguma coisa, em vários níveis da existência — confôrto físico ou bem estar psicológico; e dizemos que estamos à procura da verdade ou da sabedoria. Ora, que significa isso, de fato? Que estamos procurando? Só podemos procurar uma coisa que conhecemos; não podemos procurar uma coisa que desconhecemos. Não podemos procurar uma coisa que não sabemos se existe; só podemos procurar algo que tivemos e perdemos. A busca é o desejo de satisfação.

Em geral vivemos insatisfeitos, exterior e interiormente; e se nos observamos com tôda a atenção, vemos que o descontentamento é apenas a busca de uma satisfação permanente, em diferentes níveis da existência, a qual chamamos verdade, felicidade, compreensão, ou por outro nome qualquer. Bàsicamente, êsse impulso consiste em encontrar satisfação permanente; e, estando descontentes com tudo quanto fazemos, não encontrando satisfação em nenhuma das coisas que tentamos, apelamos para um instrutor, uma religião, um caminho, outra pessoa,

na esperança de achar satisfação definitiva. Assim, essencialmente, a nossa busca não visa a verdade, mas a satisfação. Os mais de nós estamos descontentes, insatisfeitos, com as coisas como são; e a nossa luta psicológica, nossa luta interior visa encontrar um refúgio permanente; quer seja um refúgio de idéias, quer de relações imediatas, o impulso básico é um desejo de alcançar satisfação completa. Êsse impulso é o que chamamos buscar.

Experimentamos várias satisfações, vários "ismos", inclusive o comunismo; e quando êles não satisfazem, apelamos para a religião e seguimos gurus, um depois do outro, ou nos tornamos cínicos. O cinismo também proporciona grande satisfação. Nossa busca é sempre no sentido de um estado mental isento de toda e qualquer perturbação, de toda luta, no qual haja satisfação completa. Existirá possibilidade de completa satisfação em qualquer coisa que a mente busque? A mente anda em busca de suas próprias "projeções", que são proporcionadoras de satisfação, de aprazimento, e no momento em que acha inconveniente uma dessas projeções, larga-a e passa a outra. Isto é, estamos em busca de um estado psicológico tão tranquilizador, tão conciliatório, que elimine todos os conflitos. Se examinarmos profundamente, veremos que um tal estado é uma impossibilidade, a não ser que vivamos na ilusão ou ligados a uma forma qualquer de asserção psicológica.

Pode o descontentamento encontrar satisfação permanente? E com o que é que estamos descontentes? Queremos um emprego melhor, mais dinheiro, uma esposa melhor, ou uma formula religiosa melhor? Se examinarmos com atenção, veremos que todo o nosso descontentamento é uma busca

de satisfação permanente — e que a satisfação permanente é impossível. A própria segurança física é impossível. Quanto mais desejamos estar em segurança, tanto mais ficamos fechados, tanto mais nos tornamos nacionalistas, e o resultado final é a guerra. Nessas condições, enquanto andarmos em busca de satisfação, haverá conflito cada vez maior.

É possível ficarmos contentes? Que é contentamento, de fato? Que produz o contentamento, como aparece êle? O contentamento, sem dúvida, só aparece quando compreendemos o que *é*. O que produz descontentamento é a maneira complexa por que encaramos o que *é*. Por causa do meu desejo de transformar o que *é* noutra coisa diferente, existe a luta do "vir a ser". Mas a mera aceitação do que *é* também cria um problema. Por certo, para compreender o que *é*, requer-se vigilância passiva, sem o desejo de transformá-lo em coisa diferente; significa isso que devemos estar passivamente cônscios do que *é*. Então é possível transcendermos o mero aspecto exterior do que *é*. O que *é* nunca é estático, embora a nossa reação possa ser estática.

Nosso problema, por conseguinte, não é a busca de satisfação definitiva, que chamamos Deus, ou de um melhor estado de relação, mas, sim, a compreensão do que *é*. Para compreender o que *é*, requer-se uma mente extraordinariamente ágil, que perceba a futilidade do desejo de transformar o que *é* em outra coisa, ou de comparar ou procurar conciliar o que *é* com outra coisa.

Essa compreensão vem não por meio de disciplina, contrôle, ou auto-sacrifício, mas, sim, pelo afastamento dos obstáculos que nos impedem de ver diretamente o que *é*.

A satisfação é infindável, contínua; e a menos que percebamos isso, somos incapazes de aceitar o que *é*, tal como é. A relação direta com o que *é*, eis a ação correta. Ação baseada numa idéia não passa de autoprojeção. A idéia, o ideal, a ideologia, tudo isso faz parte do processo do pensamento, e o pensamento é uma reação a condicionamento, em qualquer nível. Por conseguinte, o cultivo de uma idéia, de um ideal, de uma ideologia, é um círculo em que a mente fica encerrada. Quando percebemos todo o processo da mente e suas ardilosas manobras, só então há a compreensão produtiva de transformação.

PERGUNTA: Vemos a desigualdade entre os homens, e alguns dêles se acham muito acima do resto da humanidade. Por conseguinte, deve haver tipos superiores de sêres, tais como Mestres e devas, *que bem podem estar profundamente interessados em cooperar com a humanidade. Já tivestes contacto com algum dêles? Se tivestes, podeis dizer-nos como entrar em contacto com êles?*

KRISHNAMURTI: Nós, em geral, gostamos de conversas fúteis; e as conversas fúteis são extraordinàriamente estimulantes, quer se trate de Mestres e *devas*, quer se trate de nossos vizinhos. Quanto mais embotados estamos, tanto mais adoramos uma conversa fútil. Quando estamos enfarados da tagarelice social, desejamos tagarelar a respeito de algo superior. Estamos interessados, não no problema da desigualdade, mas, sim, nas guloseimas servidas nas conversas sôbre estranhas entidades que não vemos, que nos proporcionam um meio de fugirmos à nossa superficialidade. Afinal de contas, os

Mestres e os *deuses* são nossa própria projeção; quando os seguimos, estamos seguindo nossas próprias projeções. Se êles nos dissessem: "Abandonai o vosso nacionalismo, vossas sociedades, não sejais ganancioso, não sejais cruel", trataríamos imediatamente de substituí-los por outros que nos dessem satisfação. Vós desejais que eu vos ajude a entrar em contacto com os Mestres. A dizer a verdade, não tenho nenhum interêsse pelos Mestres. Fala-se muito a respeito deles, e isso se tornou um meio engenhoso de explorar os outros. Criamos uma confusão no mundo, e queremos, agora, que um irmão mais velho venha ajudar-nos a sair dela. Há muita mistificação nisso. A divisão entre Mestre e discípulo, a ascensão da escala hierárquica do sucesso — isso é verdadeiramente espiritual? Toda essa idéia de transformação hierárquica, de luta para nos tornarmos o que chamamos espiritual, para alcançarmos a libertação — é espiritual isso? Quando nossos corações estão vazios, enchemo-los com as imagens de Mestres, o que significa que não existe amor. Quando amamos alguem, não temos o sentimento de igualdade ou desigualdade. Por que vos ocupais tanto com a questão dos Mestres? Os Mestres são importantes para vós, por causa da vossa noção da autoridade, e vós atribuís autoridade ao que não tem autoridade alguma. Dais autoridade, porque vos agrada; isso é auto-lisonja.

O problema da desigualdade é mais fundamental do que o desejo de entrar em contacto com os Mestres. Há desigualdade de capacidade, de pensamento, de ação — desigualdade entre o gênio e o néscio, entre o homem livre e o que está preso a uma rotina. Já se tem tentado quebrar essa desigual-

dade com revoluções de tôda espécie, no processo das quais outras desigualdades foram criadas. O problema é como transcender a *noção* da desigualdade, do inferior e do superior. *Isso* é espiritualidade verdadeira — e não a busca de Mestres, que implica a manutenção da noção da desigualdade. O problema não é de como implantar a igualdade, visto que a igualdade é uma impossibilidade. Vós sois inteiramente diferente de outro. Sois mais perspicaz, muito mais esperto do que outro; tendes uma canção no vosso coração, o outro tem o coração vazio, e para êle uma folha morta é uma folha morta, que se lança ao fogo. Algumas pessoas são dotadas de capacidade extraordinária, são ágeis e eficientes. Outros são tardos, obtusos, desatentos. É um nunca acabar de diferenças físicas e psicológicas, e não podemos anulá-las — isso é uma impossibilidade. O mais que podemos fazer é proporcionar uma oportunidade aos de pouca inteligência, em vez de dar-lhes pontapés, e explorá-los.

O problema, pois, não é de como entrar em contacto com Mestres e *devas*, e, sim, de como transcender a noção da desigualdade; a busca de contacto com Mestres é ocupação de indivíduos extremamente obtusos. Quando conheceis a vós mesmo, conheceis o Mestre. Um Mestre verdadeiro não pode ajudar-vos, porque vós mesmo tendes de compreender-vos. Vivemos em busca de Mestres falsificados; buscamos confôrto, segurança, e projetamos a espécie de Mestre que desejamos, esperando que esse Mestre nos dê tudo o que desejamos. Uma vez que não existe essa coisa chamada confôrto, o problema é muito mais fundamental, isto é, trata-se de transcender essa noção de desigualdade. Sabedoria não é a luta para "vir a ser" mais e mais.

Ora bem, é possivel transcender a noção de desigualdade? Porque a desigualdade existe, incontestavelmente. Que acontece quando não negamos a desigualdade, quando não nos chegamos a ela com preconceito na mente, mas a encaramos diretamente? Ha o arraial sórdido e ha também a casa bonita e limpa; um e outro são o que é. Qual a vossa atitude diante do feio e do belo? Disso depende a solução. Com o belo quereis identificar-vos, e o feio afastais para o lado. Para o que é inferior não tendes consideração alguma, mas para com o superior vos portais com a maior consideração e deferencia. Nossa atitude é de identificação com o superior, e de rejeição do inferior; olhamos para cima, rastejando, e para baixo com menosprezo.

A desigualdade só pode ser transcendida quando compreendemos a nossa atitude perante ela. Enquanto resistirmos ao feio e nos identificarmos com o belo, será inevitavel toda esta miseria. Mas se consideramos a desigualdade com uma atitude isenta de condenação, de identificação, ou de julgamento, então nossa reação é de todo diferente. Experimentai-o, e vereis como se opera uma extraordinaria transformação em vossa vida. A compreensão do que é traz o contentamento — que não é o contentamento da estagnação, o contentamento causado pela posse de bens, pela posse de uma ideia, de uma mulher. O contentamento é o estado em que procuramos conhecer o que é, tal como é, sem nenhuma barreira de permeio. Só então existe amor, o amor que destrói a noção de desigualdade; e esta é a única coisa que é revolucionária, o único fator de transformação. Uma vez que não possuimos aquela chama da revolução, enchemos os corações e as mentes com ideias de revolução da esquerda ou da

direito, de modificação do que foi. Daí nada há que esperar. Quanto mais reformarmos, maior se torna a necessidade de novas reformas.

Não é de importância saber a maneira de entrar em contacto com os Mestres, porque eles nenhuma significação têm na vida. O que importa é compreendermos a nós mesmos, pois o Mestre é uma ilusão. Pela vossa falta de compreensão própria, estais criando cada vez mais infelicidade no mundo. Olhai o que está acontecendo no mundo, e vede a estreiteza espiritual que os cercam os zelosos devotos da paz, dos Mestres, do amor e da fraternidade. Estais todos empenhados em vosso próprio proveito, embora o disfarceis com belas palavras. Desejais que os Mestres vos ajudem a vos tornardes mais glorificados e mais egocêntricos.

Sei que já respondi a esta mesma pergunta em ocasiões diferentes e de maneiras diferentes. Sei também que, apesar de tudo o que disse, vós ireis executar os vossos rituais e fazer retinir as vossas espadas, pelo rei e pela pátria. Não desejais compreender e resolver o problema da desigualdade. Já me têm escrito cartas, dizendo: "Sois muito ingrato para com os Mestres, que vos educaram". É tão fácil dizer tais coisas. São palavras ocas. Cada um deve descobrir por si próprio que nenhum Mestre pode ajudá-lo. É ingratidão perceber aquilo que é falso e declará-lo falso? Quereis que eu seja grato à vossa idéia, à vossa formulação de um Mestre; e quando vossas idéias estão perturbadas, chamais-me ingrato. O problema não é o de mostrar gratidão para com os Mestres, mas sim o de compreendermos a nós mesmos.

Há uma grande alegria em compreendermos e descobrirmos o que somos, o integral conteúdo de

nós mesmos, minuto por minuto. O autoconhecimento é o começo da sabedoria. Sem autoconhecimento nada podeis conhecer — ou se conheceis algo, dêle fareis mau uso. Seguir o Mestre é fácil; mas ter autoconhecimento, observar passivamente cada pensamento e cada sentimento, isso é difícil. Não podeis observar, se há julgamento ou identificação; porque a identificação e o julgamento impedem a compreensão. Se observais passivamente, a coisa que observais começa a desdobrar-se, e há então compreensão, a qual se renova momento por momento.

PERGUNTA: Numa de vossas palestras dissestes que quando uma pessoa reza, recebe, mas terá que pagar, no fim. Qual é a entidade que atende as nossas preces, e por que não conseguimos tudo o que pedimos?

KRISHNAMURTI: Não vos alegra verificar que nem tudo o que pedis por meio da prece vos é concedido? Não seria isso mortalmente fastidioso? Devieis ver todo o conjunto do quadro e não apenas a parte de que gostais. A maioria reza para se satisfazer. Vossas preces são petições, súplicas de ajuda para sairdes de vossa própria confusão. É bem evidente que só orais quando estais confusos, atribulados, quando sois infelizes. Não orais quando sentis alegria, mas só quando sentis mêdo e quando sentis dôr. Que acontece quando orais? Por favor, experimentai-o pessoalmente e observai o que acontece. Quando orais, tranqüilizais a mente com a repetição de certas frases; isto é, a mente é posta quieta, narcotizada, pela repetição de uma porção de palavras ou pela fixação do olhar num

retrato ou numa imagem. Quando a mente superficial está tranquila, no canal superior da mente insinua-se a resposta mais satisfatória. A prece coletiva tem idêntico efeito. Vós suplicais, estendeis o chapéu para receber; desejais satisfação, desejais uma fuga da vossa confusão. Assim, quando a mente está anestesiada ou parcialmente adormecida, nela se projeta, inconscientemente, a resposta satisfatória, a qual é a influência geral do mundo que vos rodeia. Existe o reservatório coletivo da ganância, do desejo universal, da avareza e do ciúme; e quando o destampais, conseguis, naturalmente, o que desejais. Mas esse reservatório será Deus, a verdade suprema? Por favor, escutai atentamente, observai com toda a atenção, e vereis.

Quando orais a Deus, orais a algo com que estais em relação, e só podeis estar em relação com uma coisa que conheceis; logo, o vosso Deus é uma projeção de vós mesmo, herdada ou adquirida. Quando a mente suplica, terá uma resposta, mas essa resposta será sempre mais apaixonante e mais perturbadora, e criará novos problemas. É este o preço que pagais. Quando cantais ou entoais litanias, em conjunto, estais apenas evitando o que é, procurando um meio de fugir do que é. As fugas dão suas satisfações, mas o seu preço é que tereis ainda de enfrentar o problema, o qual vos segue como uma sombra. Vossas preces poderão proporcionar-vos satisfação, as mais das vezes, mas viveis eternamente aflitos, e desejais fugir. Vossa busca é a busca do evitar. O compreender requer vigilância, conhecimento de cada pensamento, de cada gesto. Mas sois indolentes, tendes cômodas maneiras de fugir, que vos ajudam a evitar a compreensão de vós mesmo, o criador do sofrimento. Se não compreenderdes o

problema de vós mesmo, de vossas ambições, vossa ganância, vossa exploração, vosso desejo de manter a desigualdade; se não encarais de frente o fato de que vós é que sois o criador da dor e do sofrimento, no mundo, que valor têm vossas preces? *Vós* sois o problema, não podeis fugir dêle definitivamente, e só vos será possível dissolvê-lo pela sua integral compreensão.

Assim, a vossa prece é um obstáculo à compreensão. Há uma prece de espécie diferente, um estado mental em que não há pedido, não há súplica. Nessa prece — talvez seja inadequada esta palavra — nessa prece não há movimento de estender a mão, não há recusa; ela não é uma fórmula, não pode ser produzida por artifício de espécie alguma. Êsse estado mental não é uma busca de resultado, é tranqüilidade, não pode ser pensado, nem praticado, nem meditado. Só êsse estado mental pode descobrir a verdade e permitir a sua manifestação, e só êle pode dar solução ao nosso problema. Êsse estado sereno da mente surge quando o que *é* é observado e compreendido; e a mente é então capaz de receber o infinito.

PERGUNTA: Há muito sofrimento pelo mundo, e tôdas as religiões falharam; entretanto parece que falais cada vez mais de religião. Pode alguma religião ajudar-nos a libertar-nos do sofrimento?

KRISHNAMURTI: Precisamos averiguar o que entendemos por religião. As religiões falharam, no mundo inteiro, talvez, porque não somos religiosos. Podeis chamar-vos por determinados nomes, mas as vossas crenças, as vossas imagens, as vossas

incensações, não são absolutamente religiosas. Para vós, tudo isso tem importância, menos a religião. Vêde o que fizemos, no mundo inteiro. As idéias puseram os homens uns contra os outros. A expansão do dogma não nos liberta do dogma. A crença está dividindo os homens. A divisão é a ênfase da crença, e constitui um bom meio de explorar os crédulos. Na crença achais confôrto, segurança — que são só ilusão. Sempre que há tendência para a separação, há de haver desintegração. Onde há a fôrça aprisionante da crença, é inevitável a desintegração. Vós vos chamais hinduístas, muçulmanos, cristãos, teosofistas, e o que mais seja, e com isso vos fechais. Vossas idéias geram oposição, inimizade e antagonismo; do mesmo modo, as vossas filosofias, por mais geniais, por mais idealistas ou divertidas que sejam. Assim como um homem tem paixão pela bebida, assim também tendes a paixão das vossas crenças. Eis porque as religiões organizadas falharam no mundo inteiro.

A verdadeira religião é o "experimentar", que nada tem que ver com a crença. É aquêle estado mental que, no processo do autoconhecimento, descobre a verdade instante por instante. A verdade nunca é contínua, nunca é a mesma, é incomparável. A verdade é o singular; não é o símbolo de coisa alguma. A adoração de qualquer símbolo provoca desastres, e uma mente entregue à crença, qualquer que seja ela, nunca será uma mente religiosa. É só a mente religiosa, e não a mente ideológica, é capaz de resolver o problema. Citar palavras de outras pessoas não tem valor algum. A mente que cita, seja Platão, seja Buda, é incapaz de "sentir" a rea-

lidade. Para experimentar, sentir a realidade, deve a mente estar de todo desnuda; e a mente assim não é uma mente que busca.

Religião, pois, não é crença; religião não são cerimônias; religião não é idéia, nem várias idéias combinadas em ideologia. Religião é o "experimentar" a verdade do que é, momento por momento. A verdade não é um fim supremo — não há fim supremo para a verdade. A verdade se encontra no que é; está no presente, nunca é estática. A mente nublada pelo passado não pode em absoluto compreender a verdade. Tôdas as religiões, tal como são atualmente, dividem os homens. As crenças dessas religiões não são a verdade. A verdade não pode ser encontrada em nenhuma crença de reincarnação; a verdade só pode ser conhecida, quando há um findar, o findar que está implicado na morte. Vossa crença em Deus não é religião, não é a verdade. Pouca diferença existe entre o crente e o incréu; tanto um como o outro estão condicionados pelo seu ambiente. Êles produzem divisões no mundo, por meio de idéias, por meio de crenças. Por conseguinte, nem o crente nem o incrédulo podem experimentar a realidade.

Quando vêdes as coisas como são, sem preconceito, sem louvor nem condenação, em relação direta com o que é, há ação. Quando intervém a idéia, há o adiamento da ação. A mente, que é a estrutura de idéias e resíduo de tôdas as lembranças e pensamentos, nunca pode achar a realidade. A realidade tem de vir por si. Só podeis procurar uma coisa que conheceis; não podeis procurar a realidade. Vêde a verdade que há nesta questão, vêde a beleza da mente que experimenta diretamente e que age,

portanto, sem recompensa, nem punição. Mas a experiência não é a medida da verdade. Vosso "eu" é pensamento, e pensamento é memória; experiência é memória transmudada em pensamento. Por conseguinte, a mente, em tais condições, pode "organizar" a palavra "verdade" e explorar os outros; mas é incapaz de experimentar a realidade. Só a mente que nenhuma idéia possui é capaz de experimentar a realidade.

Um homem religioso é o verdadeiro revolucionário. O homem que age em conformidade com idéias, pode matar os outros. Na relação direta com o que *é*, há o experimentar, e a mente que se acha nesse estado não fabrica idéias. A mente que nenhuma idéia tem, é sensível, capaz de ver o que *é*, de maneira direta, e capaz, portanto, de ação. Só essa ação é revolucionária.

PERGUNTA: Disseram que o alcançar a sabedoria é o alvo supremo da vida, e que a sabedoria tem de ser procurada aos poucos, através de uma vida de purificação e dedicação, com a mente e os sentimentos apontados para ideais elevados, pela oração e a meditação. Estais de acôrdo?

KRISHNAMURTI: Vamos averiguar o que entendeis por sabedoria, e depois ver se podemos achar essa sabedoria. Que entendeis por sabedoria? É ela o alvo da vida? Se o é, e se sabeis qual é o alvo, a finalidade da vida, então sabedoria é o conhecido. Podeis conhecer, ou adquirir a sabedoria, ou só é possível conhecer fatos, adquirir sapiência? Por certo, sapiência e sabedoria são duas coisas diferentes. Podeis saber tudo a respeito de uma

coisa; mas será isso sabedoria? A sabedoria terá de ser adquirida aos poucos, em vidas consecutivas? Sabedoria será acumulação de experiência? Aquisição implica acumulação; experiência implica resíduo. Resíduo, acumulação — isso é sabedoria? Já acumulastes os resíduos raciais, hereditários, em conjunto com o presente. Êsse processo de acumulação será sabedoria? Vós acumulais para vos garantirdes, para viverdes em segurança; adquiris experiência gradualmente. A acumulação de conhecimento, o lento juntar de experiência — isso é sabedoria? Tôda a nossa vida é acumulação, aquisição de mais e mais. Isso vos fará sábio? Adquiristes algo, tivestes uma experiência que deixou um resíduo; e êsse resíduo condiciona a experiência seguinte. Vossa reação é essa experiência, e é a continuação das experiências passadas, com variações. Assim, quando dizeis que sabedoria é experiência, entendeis a acumulação de muitas experiências. Por que não sois sábio? Pode o homem que adquire constantemente ser sábio? Pode o homem carregado de experiência ser sábio? Pode o homem que sabe ser sábio? O homem que sabe não é sábio, e o que não sabe é sábio. Não sorriais e não desconsidereis isso.

Quando sabeis, é porque experimentastes, porque acumulastes; e a projeção dessa acumulação é conhecimento adicional. A sabedoria, por conseguinte, não é um processo lento, não é para ser acumulada pouco a pouco, como um depósito no banco. Crer que, gradualmente, através de várias vidas, ides tornar-vos Buda, é pensar e sentir de maneira imatura. Tais asserções parecem maravilhosas, sobretudo quando atribuídas a um Mestre.

Quando investigais para descobrir a verdade, vereis que ela é apenas uma auto-projeção, vossa, que deseja continuar a experimentar a mesma coisa de antes.

A acumulação, pois, nunca é sabedoria, porquanto só pode haver acumulação daquilo que se conhece e o que se conhece não pode, nunca, ser o desconhecido. O esvaziar da mente não é um processo lento; mas o *tentar* desocupá-la constitui um obstáculo. Se dizeis "Vou desocupar a minha mente", temos então o mesmo processo já bem conhecido. Vêde bem a verdade de que uma mente ocupada em adquirir *nunca* pode ser sábia — nem em seis vidas, nem em dez. Um homem que acumulou, já é rico; e um homem rico nunca é sábio. Quereis ser rico de saber, que é a aquisição de experiência, em palavras; mas o homem que tem nunca pode ser sábio. Também o homem que, deliberadamente, nada tem, nunca pode ser sábio.

A verdade não pode ser acumulada. Ela não é experiência. Ela é "experimentar" — em que não há nem experimentador nem experiência. Conhecimento implica alguém que acumula, que junta; mas a sabedoria não implica "experimentador". A sabedoria é como o amor; e, privados dêsse amor, queremos cultivar a sabedoria, pelo processo de aquisição contínua. O que continua tem de corromper-se. Só o que tem fim pode conhecer a sabedoria. A sabedoria é sempre vigorosa, sempre nova. Como se pode conhecer o novo, quando há continuidade? E há continuidade enquanto damos continuidade à experiência. Só quando há findar, há o novo, que é criador. Mas queremos continuar, queremos acumulação, que é a continuidade da experiência; e

a mente em tais condições nunca pode conhecer a sabedoria. Pode conhecer, apenas, a sua própria projeção, suas próprias criações, e a combinação das suas criações. A verdade é sabedoria. A verdade não pode ser procurada. A verdade só surge quando a mente está vazia de todo conhecimento, todo pensamento, tôda experiência; e isso é sabedoria.

18 de dezembro de 1949.

II

CONFERÊNCIA REALIZADA EM MADRASTA

VERIFIQUEMOS qual é a situação do indivíduo na sociedade, se o indivíduo pode contribuir para uma transformação radical da sociedade; se a entidade transformada, o ser humano inteligente que logrou transformar-se fundamentalmente, tem alguma influência, se pode atuar de alguma maneira na corrente dos acontecimentos; ou se o indivíduo de que falo, a entidade transformada, nada pode fazer, êle próprio, mas pode, pela mera circunstância de sua existência, injetar alguma espécie de ordem na sociedade, na corrente do caos e da confusão. Vemos como no mundo inteiro a ação em massa òbviamente produz resultados. Percebendo isso, vem-nos o sentimento de que a ação individual é muito insignificante, que vós e eu, ainda que transformemos a nós mesmos, muito pouca influência podemos ter; e, assim, perguntamo-nos o que valemos nós, uma vez que somos impotentes para influir na corrente.

Ora, por que pensamos com referência à massa? As revoluções fundamentais são produzidas pela massa, ou são elas iniciadas por uns poucos indivíduos de visão que, pelo seu verbo e sua energia, influenciam grande número de pessoas? É assim que nascem as revoluções. Não é um êrro julgar que nós, como indivíduos, nada podemos fazer? Não é

um engano supor que tôdas as revoluções fundamentais são produzidas pela massa? Por que pensamos que os indivíduos não têm importância como indivíduos? Com tal atitude mental, nunca pensaremos por nós mesmos, e reagiremos sempre automaticamente. A ação é sempre da massa? Ela não brota, essencialmente do indivíduo, comunicando-se, depois, de indivíduo a indivíduo? Não existe realmente essa coisa chamada massa. Afinal de contas, a massa é uma entidade constituída de pessoas que estão enredadas, hipnotizadas por palavras, por certas idéias. Quando não estamos hipnotizados por palavras, estamos à margem da corrente — coisa de que nenhum político haveria de gostar. Não deveríamos manter-nos à margem da corrente e tirar dela outros indivíduos, em número crescente, para, dessa maneira, influir na corrente? Não importaria muito que se realizasse uma transformação fundamental no indivíduo em primeiro lugar, que antes de tudo vós e eu nos transformemos radicalmente, em vez de esperarmos que todo o mundo se transforme? Não é um ponto de vista "escapista", uma forma de indolência, uma maneira de fugir ao problema, pensar que vós e eu somos incapazes de influir, por pouco que seja, na sociedade como um todo?

Quando vemos tanto sofrimento, não apenas em nossas vidas, mas também na sociedade que nos cerca, que é que nos impede de nos transformarmos, de nos modificarmos fundamentalmente? Será simples hábito, letargia, qualidade da mente, que está satisfeita com o padrão em que se acha encerrada e não deseja quebrá-lo? De certo, não é apenas isso, porque circunstâncias econômicas quebram aquêle padrão; entretanto, persiste o padrão interior, o padrão psicológico. Por que persiste êle? Para nós

transformarmos fundamentalmente, radicalmente, teremos necessidade de alguma influência ou força exterior — como o sofrimento, a revolução comunista ou social, ou um *guru* — isto é, teremos necessidade de compulsão? Uma força exterior implica conformismo, dependência, compulsão, temor. Modificamo-nos fundamentalmente pela dependência? Não é um estorvo o dependermos, para nossa transformação, de forças exteriores, comoções econômicas, etc.? Essa dependência de uma força exterior impede a revolução radical, porque a revolução radical só pode vir quando compreendermos o processo total de nós mesmos. Se, para a transformação, dependermos de uma força exterior de qualquer espécie, introduzimos o temor e outros fatores que impedem a transformação. Um homem que deseja deveras a transformação, não depende de nenhuma força exterior, não há luta em seu interior; êle percebe a necessidade e se transforma.

Será de fato difícil a transformação do indivíduo? É difícil ser bondoso, compassivo, amar alguém? Afinal de contas, é esta a essência de uma transformação radical. A dificuldade é que temos uma natureza dualista, na qual existe ódio, aversão, várias formas de antagonismo, etc., que nos afastam do problema central. Estamos de tal maneira entranhados nos impulsos que incitam ao ódio, à antipatia, que perdemos a chama pura, ficou-nos só fumo; e o problema fica sendo o de como nos livrarmos do fumo. Não possuímos mais, em absoluto, a chama da criação, tomamos o fumo pela chama. Não é necessário investigarmos o que é a chama, isto é, ver as coisas de maneira nova, sem nos subordinarmos a um padrão; olhar as coisas como são, sem lhes darmos nomes? Será realmente difícil isso? A

dificuldade é que os mais de nós estamos cheios de compromissos, assumimos inumeráveis responsabilidades, deveres, etc., e dizemos que dêles não nos podemos eximir. Positivamente, essa não é uma dificuldade real. Quando sentimos uma coisa profundamente, nós fazemos o que queremos, sem considerações de família, da sociedade e tudo o mais. Assim, a única dificuldade resulta de não sentirmos suficientemente a importância da transformação radical do indivíduo. É imperioso que se opere essa transformação. A transformação se realizará quando vivermos sem "verbalização", quando virmos as coisas como são realmente e aceitarmos a verdade tal como é. Isso deve começar em nós, como indivíduos. Se não começa, isso se deve, simplesmente, a que não prestamos atenção suficiente, não nos entregamos, com todo o nosso ser, à compreensão dessa coisa; vemos tanto sofrimento ao redor de nós, e há tanta confusão dentro em nós, e todavia não nos dispomos a pôr côbro a essa situação.

Agora, que acontece quando tenho um problema e procuro resolvê-lo? Na solução do problema, surgem-me vários outros problemas; resolvendo um problema, multiplico-o. Por isso, desejo encontrar a solução do problema sem aumentar o problema, desejo viver feliz, desejo estar livre da aflição psicológica, sem arranjar um substituto para ela. É possível descobrir se podemos realmente dissolver a aflição, se podemos investigá-la sem contar com a autoridade de ninguém, examiná-la em nós mesmos, observando-nos a tôdas as horas e em tôda espécie de relação? Não será esta a única solução do problema: observar-nos constantemente, o que pensamos, o que sentimos, o que fazemos, conservar-nos nesse estado de vigilância em que tudo se nos revela?

Cumpre-vos experimentá-lo e não, simplesmente, dizer que não é possível, nem aceitar a minha autoridade e repeti-la, apenas. Suponhamos que sejais feliz, e eu não; e desejo ser feliz, não desejo narcotizar-me com crenças, etc., mas, sim, levar inteiramente a cabo o meu propósito. Nessas condições, procuro-vos, investigo, e examino a questão mais e mais profundamente. — Que vos impede agora de assim proceder? Por que não tendes o sentimento da felicidade, da criação, de ver as coisas como são? Por que não operais nesse sentido profundo? Por que dizeis que o sofrimento leva à felicidade, que o sofrimento é um meio de alcançar a felicidade, aceitastes o sofrimento, ou outro substituto qualquer. Fizemo-nos de tal maneira embotados, que não percebemos a necessidade de nos modificarmos, e aí é que está a dificuldade.

Dizeis, porventura, que desejais modificar-vos, mas alguma coisa há que impede a transformação. Explicações não alteram coisa alguma. Dizer que o "ego" é um obstáculo, é simples explicação, mera descrição. Desejais que eu descreva a maneira de vencer os obstáculos, mas precisamos achar um meio de saltar a barreira, se possível, precisamos lançar-nos à corrente, ousadamente, aventurosamente, em vez de ficarmos sentados na margem à especular. Que nos está impedindo de dar o salto? O que no-lo impede é a tradição, que é memória, que é experiência, — não é verdade? Tanto nos satisfazemos com palavras, com explicações, que não damos o salto, mesmo percebendo a necessidade de saltar. Alvitra-se que não ousamos lançar-nos à corrente porque temos mêdo do desconhecido. Mas, é-me possível saber o que acontecerá? é-me possível conhecer o desconhecido? Se eu o conhecesse, não

a coisas que me proporcionaram satisfação, porque em tal caso tenho mêdo de qualquer pessoa ou coisa que mas possa arrebatar. As acumulações psicológicas impedem a dor psicológica, enquanto não são perturbadas; isto é, sou um feixe de acumulações, experiências, que impedem qualquer perturbação séria — pois não desejo ser perturbado. Por isso temo qualquer um que venha perturbá-las. Meu temor, portanto, é inspirado pelo conhecido; tenho mêdo, por causa das acumulações, físicas ou psicológicas, que constituí para defender-me da dor ou evitar a aflição. Mas a aflição está presente no próprio processo de acumular para proteger-nos do sofrimento. Também o conhecimento ajuda-nos a evitar a dor. Assim como o conhecimento da medicina nos ajuda a evitar a dor física, assim também as crenças nos ajudam a evitar a dor psicológica, e esta é a razão por que tenho mêdo de perder as minhas crenças, embora eu não possua um conhecimento perfeito, nem prova concreta da realidade de tais crenças. Posso rejeitar alguma das crenças tradicionais que me foram inculcadas, porque minha experiência própria me dá fôrça, confiança, compreensão; mas tais crenças e o conhecimento que adquiri são basicamente idênticos, isto é, constituem um meio de proteção contra a dor.

Existe temor enquanto há acumulação do conhecido, que gera o mêdo de perder. Por conseguinte, o temor do desconhecido é, na realidade, o mêdo de perder o conhecido, por nós acumulado. A acumulação, invariàvelmente, importa em temor, o qual por sua vez importa em sofrimento; e no minuto em que digo "não devo perder" há temor. Embora, quando acumulo, a minha intenção seja a

de resguardar-me da dor, a dor é inerente ao processo de acumulação. As próprias coisas que possuo criam o temor, que é dor.

A semente da defesa encerra também o ataque. Desejo segurança física; por isso crio um govêrno soberano, e êste necessita de fôrças armadas, que acarretam a guerra, a qual destrói a segurança. Sempre que há o desejo de autoproteção, existe o temor. Quando percebo a falácia do desejo de segurança, desisto de acumular. Se dizeis que o reconheceis, mas não podeis deixar de acumular, é que, de fato, não percebeis que na acumulação está, inerentemente, a dor.

Existe temor no processo de acumulação, e a crença em alguma coisa é parte do processo acumulativo. Morre o meu filho, e eu creio na reencarnação para, psicològicamente, preservar-me de mais sofrimento; mas no próprio "processo" do crer existe a dúvida. Exteriormente acumulo coisas, e provoco a guerra; interiormente acumulo crenças, e provoco a dor. Enquanto desejo estar seguro, ter depósitos nos bancos, ter prazeres, etc., enquanto desejo tornar-me alguma coisa, fisiológica ou psicològicamente, haverá dor, necessàriamente. As mesmas coisas que estou fazendo para proteger-me da dor, geram o temor e a dor.

Nasce o temor quando desejo permanecer num determinado padrão. Viver sem temor significa viver sem padrão algum. Quando desejo determinada maneira de viver, êsse desejo, em si, é uma fonte de temor. A dificuldade está no meu desejo de viver segundo um certo molde. Não posso quebrar o molde? Só posso quebrá-lo ao perceber esta verdade: que o molde está causando temor, e que o temor está reforçando o molde. Se digo que preciso

quebrar o molde, porque desejo ficar livre do temor, e vou seguindo outro padrão, o qual será a causa de outros temores. Tôda ação de minha parte, baseada no desejo de quebrar o molde, há de sempre criar outro padrão, e, portanto, temor. Como posso quebrar o padrão sem causar temor, isto é, sem nenhuma ação, consciente ou inconsciente, de minha parte, em relação a êle? Significa isso que não devo agir, não devo fazer movimento algum para quebrar o molde. Que me acontece, então, quando fico apenas observando o padrão sem nada fazer em relação a êle? Percebo que a mente é, ela própria, o molde, o padrão; ela vive no padrão habitual que criou para si. Por conseguinte, a mente é, ela própria, temor. Tudo o que a mente faz é no sentido ou de reforçar um velho padrão ou de pôr em vigor um padrão novo. Significa isso que tudo o que a mente faça para livrar-se do temor, há de gerar temor. Ao percebermos a verdade disso, ao percebermos o "processo" respectivo, que acontece? A mente se torna imóvel, tranquila.

Ora, por que não está a mente sempre tranquila? Cada vez que o padrão se cristaliza, por que não percebe a mente a verdade a êsse respeito? Porque a mente deseja permanência, estabilidade, um refúgio de onde lhe seja possível operar. A mente quer estar segura. Dá-se a quebra de um determinado padrão, e poucos minutos depois observa-se uma nova cristalização, e, em vez de examinar essa nova cristalização e compreendê-la por completo, a mente volve à antiga experiência e diz "percebi a verdade, e isso deve continuar". Na busca de continuação, a mente cria um novo padrão e a êle se apega. Toda vez que ocorre cristalização, esta deve ser observada e compreendida; e a repeti-

ção ocorre por causa da deficiência da compreensão.

A verdade é não-continuidade. A verdade de ontem não é a verdade de hoje. A verdade não é do tempo e, portanto, não é da memória; não é algo que se possa experimentar, lembrar, ganhar, perder, ou realizar. Perseguimos a verdade, porque desejamos ganhá-la e dar-lhe uma continuidade; e logo que percebermos isso, realmente o padrão se quebrará, pois a mente, então, já cortou tôdas as amarras.

29 de janeiro de 1950.

III

CONFERENCIA REALIZADA EM MADRASTA

Em tôdas as nossas relações — com pessoas, com a natureza, com idéias, com coisas — parece que criamos cada vez mais problemas. Se tentamos resolver um problema — econômico, político, social, coletivo ou individual — fazemos surgir grande número de novos problemas. De algum modo, parece que criamos cada vez mais conflito e estamos cada vez mais necessitados de reforma. É bem evidente que tôda reforma torna necessárias novas reformas, sendo, por conseguinte, um verdadeiro retrocesso. Enquanto a revolução, seja da esquerda, seja da direita, fôr apenas a continuidade *do que foi*, em referência *ao que será*, ela também é retrocesso. Só pode haver uma revolução fundamental, uma constante transformação interior, quando nós, como indivíduos, compreendermos nossas relações com a coletividade. A revolução deve começar em cada um de nós, e não nas influências exteriores, nas influências ambientes. Nós, afinal, somos a coletividade; tanto o nosso consciente, como o inconsciente são o resíduo de tôdas as influências políticas, sociais e culturais do homem. Por conseguinte, para se realizar, exteriormente, uma revolução fundamental, torna-se necessária uma transformação radical em nosso interior, uma transformação independente de qualquer modificação do ambiente. A revolução deve começar em vós e em mim. Tôdas as grandes

coisas começam em escala pequena, todos os grandes movimentos começam em vós e em mim, como indivíduos; e se esperamos pela ação coletiva, essa ação coletiva, se vem a realizar-se, é destrutiva e conducente a mais sofrimentos.

Vemos, pois, que a revolução deve começar em vós e em mim. Essa revolução, essa transformação individual, só pode realizar-se quando compreendemos as nossas relações, que constituem o "processo" do autoconhecimento. Sem conhecer integralmente o "processo" das minhas relações, nos seus diferentes níveis, o que penso e o que faço nenhum valor têm Que base tenho eu para pensar, se não conheço a mim mesmo? Temos tanto desejo de agir, tanto empenho em fazer alguma coisa, em realizar alguma espécie de revolução, alguma espécie de melhoria, alguma modificação no mundo; mas sem conhecermos o nosso próprio funcionamento (processo), tanto na periferia como no interior, falta-nos tôda base para a ação e o que fazemos não pode deixar de criar mais sofrimento e mais luta. A compreensão de nós mesmos não se consegue pelo processo de nos retirarmos da sociedade, ou de nos recolhermos a uma tôrre de marfim. Se vós e eu nos dedicarmos a estudar o assunto com tôda a atenção e de maneira inteligente, veremos que só podemos compreender a nós mesmos em relação e não no isolamento. Ninguém pode viver no isolamento. Viver é estar em relação. E só no espelho das relações que compreendo a mim mesmo — o que significa que devo estar sempre sobremodo atento, em todos os meus pensamentos, sentimentos e ações, na vida de relação. Não constitui isso um processo difícil nem emprêsa sôbre-humana; e, como acontece com todos os rios, se bem que a nascente seja

quase imperceptível, as águas vão ganhando ímpeto, no seu curso, à medida que se vão aprofundando. Se, neste mundo louco e caótico, vos empenhardes naquele processo, avisadamente, com atenção, com paciência, sem condenar, vereis como êle começa a ganhar ímpeto, independentemente da questão de tempo.

A verdade existe minuto por minuto, na vida de relação, e temos de vê-la em cada ato, cada pensamento e cada sentimento que surge, em nossas relações. A verdade não é coisa que se possa acumular, armazenar; temos de achá-la de novo, no pensamento e no sentimento, a cada instante — o que não representa um processo acumulativo e, por conseguinte, não depende do tempo. Quando dizeis que, com o tempo, compreendereis, graças à experiência ou ao saber, estais justamente impedindo a compreensão, porque esta não resulta de acumulação alguma. Podeis acumular saber, mas isso não é compreensão. A compreensão surge quando a mente está livre do conhecimento. Quando a mente não exige a satisfação de desejos, quando não procura experiência, há tranquilidade, e quando a mente está tranquila, só então haverá compreensão. Só quando vós e eu estamos verdadeiramente dispostos a ver claramente as coisas tais como são, é que se nos oferece a possibilidade de compreensão. A compreensão vem, não por meio de disciplinamento, de compulsão, de coerção, mas, sim, quando a mente está tranquila e disposta a ver as coisas com lucidez. A serenidade da mente nunca se pode conseguir por meio da compulsão, sob qualquer forma, consciente ou inconsciente, tem de ser espontânea. A liberdade não está no fim, mas no começo; porque o fim e o começo não são diferentes, o meio e o fim são

idênticos. O começo da sabedoria é a compreensão do processo total de nós mesmos, e êsse autoconhecimento, essa compreensão, é meditação.

PERGUNTA: Todos temos tido a experiência do isolamento, conhecemos suas tristezas e percebemos suas causas, suas raízes. Mas que é "estar só"? É diferente do isolamento?

KRISHNAMURTI: Isolamento é a dor, a agonia da solidão, o estado em que vós e eu, como entidades, não nos ajustamos a coisa alguma, — seja o grupo, a nação, a espôsa, os filhos, o marido, vemo-nos segregados de todos os demais. Vós conheceis esse estado. Mas conheceis o "estar só"? Presumis que estais sós, mas estais realmente sós?

O "estar só" é diferente do isolamento, mas não podeis compreendê-lo, se não compreenderdes o isolamento. Conheceis o estado de isolamento? Vós o tendes observado sub-repticiamente, o tendes olhado com aversão. Para o conhecerdes bem, precisais entrar na sua intimidade, sem barreira alguma de permeio, sem conclusão, sem preconceito ou especulação; deveis chegar-vos com liberdade e não com temor. Para compreender o isolamento precisamos ir ao seu encontro sem nenhum sentimento de temor. Se nos chegamos, dizendo que já lhe conhecemos as causas, as raízes, não podemos compreendê-lo. Conheceis as raízes do isolamento? Só as conheceis teòricamente, do exterior. Conheceis a essência íntima do isolamento? Fazeis, apenas, uma descrição dela, mas a palavra não é a coisa, não é o real. Para o compreenderdes, tendes de chegar-vos sem nenhuma intenção de fuga. A simples idéia de fugir ao isolamento é em si uma forma de

insuficiência interior. A maioria de nossas atividades não são evasões? Quando vos sentis só, ligais o rádio, executais *pujas*, saís em busca de *gurus*, conversais com amigos, ides ao cinema, às corridas, etc. Vossa vida de cada dia é um fugir de vós mesmos, e por isso todos os meios de fuga se tornam importantíssimos e competis uns com os outros por causa dêles — quer se trate da bebida ou de Deus. A fuga é que constitui o problema, embora tenhamos diferentes maneiras de fugir. Podeis causar malefícios imensos, psicològicamente, com as vossas fugas respeitáveis, e eu sociològicamente, com minhas fugas mundanas; mas, para se compreender a solidão, tôdas as fugas devem cessar — não por meio de coerção, de compulsão, mas com o perceber a falsidade da fuga. Estais então em confronto direto com o que *é*, e aí começa o verdadeiro problema.

Que é o isolamento? Para o compreenderdes, não lhe deveis dar nome. O simples dar nome, a simples associação do pensamento com outras lembranças dêle, acentuam mais ainda o isolamento. Experimentai-o, e vereis. Quando tiverdes desistido de fugir, vereis que, enquanto não compreenderdes o que é o isolamento, tudo o que fizerdes por sua causa é sempre um modo de fugir a êle. Só compreendendo o isolamento sois capaz de o transcender.

A questão do "estar só" é inteiramente diferente. Nunca estamos sós; estamos sempre em companhia de outras pessoas, a não ser, talvez, quando damos passeios solitários. Somos o resultado de um "processo" total, constituído de influências econômicas, sociais, climáticas, e outras; e enquanto vivermos sujeitos a tais influências, não estaremos sós. Enquanto houver o "processo" da acumulação e da experiência, nunca será possível

"estarmos sós". Podeis imaginar que estais só, quando vos isolais por meio de estreitas atividades individuais e pessoais; mas isso não é "estar só". Só é possível "estar só", quando não existe influência alguma. "Estar só" é ação que não é o resultado de uma reação, que não é resposta a desafio ou estímulo. O isolamento é um processo de exclusão, e nós procuramos o isolamento em tôdas as nossas relações, sendo esta a verdadeira essência do "eu" — meu trabalho, minha natureza, meu dever, minha propriedade, minhas relações. O próprio processo do pensamento, que é o resultado de todos os pensamentos e influências do homem, conduz ao isolamento. Compreender o isolamento não é um ato burguês; não podeis compreendê-lo enquanto houver em vós a dor daquela insuficiência não revelada que acompanha o sentimento de vazio e frustração. "Estar só" não é isolamento, e não é, tampouco, o seu oposto; é um "estado de ser" em que há completa ausência da experiência e do conhecimento

PERGUNTA: Falais há muitos anos de transformação. Conheceis alguém que se tenha transformado, no sentido que dais à palavra?

KRISHNAMURTI Qual o motivo do vosso cantar, qual o motivo do vosso rir? Rides e sorrides, para convencer alguém, para fazer alguém feliz? Se tendes uma canção em vosso coração, cantais. É por isso, também, que falo. É da vossa competência o transformar-vos, e não da minha Desejais saber se alguém já se transformou. Não sei. Não andei procurando saber quem se transformou e quem não se transformou. Trata-se da vossa própria vida, com seus desgostos e sofrimentos, e

não sou eu o juiz. O juiz sois vós mesmo. Nem vós nem eu somos propagandistas. Fazer propaganda é mentir; perceber a verdade é coisa de todo diferente. Se vós, que sois responsável por esta miséria, este caos, esta corrupção, estas guerras devastadoras, não percebeis que sois vós que deveis transformar-vos, para promover uma revolução no mundo, isso é da vossa conta. Se não quereis transformar-vos, não vos transformareis. Não podeis tornar-vos cantor, ouvindo cantigas, mas se tiverdes uma canção, não sereis um mero repetidor.

O que mais importa, pois, é o descobrirmos por que razão escutais tanto e tantas vezes, por que razão vindes aqui para escutar. Por que desperdiçais o vosso tempo, se nada fazeis no sentido da transformação? Por que não estais transformado? Não sou eu que vos faço esta pergunta — sois vós que a deveis fazer a vós mesmo. Quando vêdes tanta miséria, tanta corrupção — não apenas em vossa vida individual, mas também em vossas relações sociais e em toda experiência política — que fazeis? Por que não sentis interêsse por isso? A mera leitura dos jornais não constitui naturalmente solução alguma. Não será uma questão de interêsse vital verificar o que estais fazendo, e por que? Os mais de nós estamos embotados, insensíveis a tudo o que se passa ao redor de nós, embora as coisas que estão à nossa frente exijam ação. Por que estais embotado, insensibilizado? Não é por causa do vosso culto da autoridade, política ou religiosa? Lêstes o *Bhagavad Gita* e tantos outros livros, os quais podeis repetir como papagaios, mas não tendes um único pensamento próprio; e o homem que sabe repetir com voz melodiosa, que explica e torna a explicar textos, a êsse homem rendeis culto. Vemos, pois,

que a autoridade embota a mente, e a imitação e a repetição tornam a mente insensível, inflexível. Eis a razão porque os *gurus* se multiplicam e por que os seguidores destroem. Desejais orientação, e o desejo de orientação é o fator da autoridade; e, subordinadas que estão à autoridade, as vossas mentes, na busca de confôrto, na busca de satisfação, se tornam insensíveis, embotadas. A observância de rituais e a constante leitura de um livro dito sagrado é a mesma coisa que beber. Que faríeis se não existisse livro algum? Teríeis de pensar em tudo por vós mesmo; teríeis de procurar, de averiguar, de inquirir, a todos os momentos, para descobrirdes, para compreenderdes o novo. Não estais agora nesta situação? Todos os sistemas sociais e políticos não deram resultado algum, embora tudo prometessem; e, entanto, continuais a ler livros religiosos e a repetir o que lêstes, o que torna a mente embotada. Vossa educação é mero acumular de conhecimento tirado dos livros, para passardes num exame ou obterdes um emprêgo. Por essa maneira, fôstes vós mesmo que tornastes embotada a vossa mente, e o vosso saber vos corrompeu

Assim, a vossa transformação é um problema que vos toca pessoalmente. Que necessidade tendes de verificar quem foi que se transformou e quem foi que não se transformou? Se tendes a beleza dentro em vós, nunca procurais. Um homem feliz nada procura; é o homem infeliz que procura. A infelicidade não se resolve por meio de busca, mas tão sòmente por meio da compreensão, da observação de cada gesto, pelo espontâneo percebimento de cada um dos vossos pensamentos e sentimentos, os quais, assim, vos revelam o seu conteúdo. Só então dá-se o descobrimento da verdade.

PERGUNTA: Nunca falastes do futuro. Por quê? Tendes-lhe mêdo?

KRISHNAMURTI: Que importância tem o futuro em vossa vida? Por que atribuir-lhe qualquer importância? Que entendemos por "futuro"? O amanhã, o ideal, a eterna esperança da Utopia, do que *deveria* ser, o padrão, em diferentes modos, de uma sociedade ideal — é isso o que entendeis por futuro? Vivemos na esperança, e a esperança é um meio de morte. Quando esperamos, estamos mortos, porque a esperança é uma fuga do presente. Não tendes esperança alguma quando sois feliz. Só quando vos sentis infeliz, frustrado, oprimido, quando sofreis, quando penais, quando sois prisioneiro, olhais para o futuro. Quando vos sentis verdadeiramente alegre, feliz, não existe o tempo. Vivemos na esperança, do berço ao túmulo, porque somos infelizes do começo ao fim; e a esperança é o meio de fuga, e não a solução do nosso estado atual, de infelicidade. Olhamos para o futuro, como um meio de evitar o presente, e o homem que evita o presente, fugindo para o passado ou para o futuro, não está vivendo; não conhece a vida conforme vai vivendo, só conhece a vida em relação ao passado ou ao futuro. A vida é dolorosa, tortuosa, e por isso tentamos fugir dela; e se nos prometem o céu, sentimo-nos inteiramente felizes. É por esta razão que um partido, seja da esquerda, seja da direita, acaba vencendo. Os partidos sempre prometem alguma coisa para amanhã, para daqui a cinco anos, e atiramo-nos à isca e a devoramos; e, ao fim de tudo, somos destruídos. Uma vez que nos interessa fugir do presente, se nada podemos esperar do futuro, volvemo-nos para o passado — os instrutores do pas-

sado, os livros do passado, o conhecimento do que foi dito por Sankara, por Buda, e outros. Vivemos, assim, no passado ou no futuro, e um homem que vive no passado ou no futuro, só corresponde à vida como os mortos porque o seu corresponder não passa de meras reações. É portanto fútil falar-se de passado e de futuro, de recompensas e punições. O que importa é descobrirmos como viver, como estarmos livres de sofrimentos no presente. A virtude não vem amanhã O homem que vai ser misericordioso amanhã, é um insensato. A virtude não é cultivável; ela é a compreensão do que é, no presente.

Como podeis viver no presente, sem a dor, sem as penas da aflição? A aflição tem de ser resolvida, não no curso do tempo, mas pela compreensão; só pode ser resolvida no presente — e é por isso que nunca falo do futuro. Vem nos uma atividade e uma vitalidade extraordinárias, quando há uma observação direta do que é; mas vós desejais brincar com as coisas, e quando brincais com coisas sérias, queimais os dedos. Sois arrebatados por esperanças e recompensas, e o homem que segue a esperança é um morto-vivo.

Nosso problema consiste em saber se a aflição pode acabar-se pelo processo do tempo, que é a continuidade. A aflição não pode terminar no curso do tempo, porque o processo do tempo é a continuação do sofrimento, não sendo, portanto, a solução do sofrimento. A aflição pode terminar imediatamente; a liberdade não está no fim, porém no começo. Para compreender-se isso, necessita-se o começo da liberdade, liberdade para ver o falso como falso, capacidade para ver as coisas como são, não no tempo, mas agora. Assim procedeis, quando

vos achais numa crise. Afinal, que é uma crise? É uma situação que exige tôda a nossa atenção, sem buscarmos refúgio nas crenças. Quando não há solução, quando não há reação da mente, quando a mente não tem nenhuma resposta pronta, nenhuma conclusão, e não temos meios de resolver o problema — achamo-nos, então numa crise. Mas, infelizmente, porque estudais em livros, porque acompanhais a instrutores, a vossa mente encontra explicações para todos os problemas — e por isso nunca vos achais num momento de crise. Há um desafio a cada minuto e surge uma crise quando a mente não tem nenhuma resposta pronta. Quando não podeis achar uma saída, consciente ou inconsciente, por meio de palavras ou por meio de fuga, estais então numa crise. A morte é uma crise, embora tenhais palavras para explicá-la e pô-la de lado. Achai-vos em crise quando perdeis vossa fortuna, quando milhares de indivíduos são destruídos num segundo. O fim é a crise — mas vós nunca findais, quereis que as coisas continuem sempre. Só quando há uma crise, sem possibilidade de fuga, e nos vemos frente a frente com ela, diretamente, — só então o problema é resolvido. O interêsse pelo futuro é um meio de evitar a crise; a esperança é um meio de evitar o que é. Para enfrentar a crise, precisamos destituir-nos completamente do futuro e do passado; por essa razão, é fútil falar sôbre o futuro.

PERGUNTA: Qual deveria ser, de acôrdo com vossas idéias, a relação entre o indivíduo e o Estado?

KRISHNAMURTI: Desejais um programa? Aqui vos temos de volta ao que *deveria ser*. É peculiar e a coisa mais fácil e mais inútil que se pode

fazer. Cuidado com o homem que vos oferece esperança, não confieis nêle, êle vos levará à morte; êle está interessado na sua idéia do futuro, na sua concepção do que deve ser, e não na nossa vida.

O Estado e o indivíduo são dois "processos" diferentes? Não atuam um sôbre o outro? Como podeis viver sem mim, sem outra pessoa e não são as nossas relações que constituem a sociedade? Vós e eu e mais outra pessoa somos um "processo" único, e não processos separados. O "vós" implica o "eu" e "o outro". Vós sois a pluralidade e não o singular, embora prefirais considerar-vos singular. Sois o resultado de tôda a coletividade, e o indivíduo nunca pode ser uma entidade singular. Fizestes uma pergunta errada, porque separastes o indivíduo do Estado. Vós sois um resultado do "processo" total, de tôdas as influências do coletivo; e embora o resultado se diga uma entidade individual, êle é produto do processo em operação. A compreensão dêsse processo é encontrável nas relações, quer com o singular, quer com o coletivo, e essa compreensão, e a ação dela resultante, criarão uma nova sociedade, uma nova ordem de coisas, mas pintar um quadro do que *deveria ser* e deixá-lo aos reformadores, aos políticos, ou aos chamados revolucionários, isso significa, meramente, buscar satisfação em idéias. Só pode haver revolução fundamental quando enfrentamos a crise diretamente, sem intervenção da mente.

PERGUNTA: Tendes falado das relações baseadas na utilização de outra pessoa, para satisfação própria, e tendes aludido freqüentemente a um estado que se denomina amor. Que entendeis por amor?

KRISHNAMURTI: Sabemos o que são as nossas relações — satisfação e utilização mútuas, ainda que as disfarcemos com o nome de amor. Na utilização de uma coisa há ternura para com ela e o cuidado de protegê-la. Protegemos nossas fronteiras, nossos livros, nossa propriedade; de modo idêntico, temos o cuidado de proteger nossas esposas, nossos filhos, nossa sociedade, porque, sem êles, nos sentiríamos sós, perdidos. Privados do filho, ficam os pais desolados; o que não sois, vosso filho será, e vós o filho se torna, assim, um instrumento de vossa vaidade. Conhecemos as relações de necessidade e de utilização. Necessitamos do estafeta dos correios, e êle necessita de nós, — mas não dizemos que amamos o estafeta dos correios. Mas dizemos que amamos nossas esposas e nossos filhos, embora nos sirvamos dêles para nossa satisfação pessoal e estejamos prontos a sacrificá-los à vaidade de sermos chamados patriotas. Conhecemos muito bem êsse "processo" — e, evidentemente, isso não pode ser amor. O amor que utiliza, que explora, e e depois se lamenta, não pode ser amor, porque o amor não é uma coisa da mente.

Vamos, pois, "experimentar" e descobrir o que é o amor, descobrir, não apenas verbalmente, mas "experimentando" realmente aquele estado. Quando vos servis de mim como vosso *guru*, e eu me sirvo de vós como meus discípulos, há exploração de parte a parte. De modo idêntico, quando vos utilizais de vossa esposa e vossos filhos para conveniência própria, há exploração. Isso, sem dúvida, não é amor. Quando há utilização, há posse; a posse, invariàvelmente, gera o temor, e com o temor vem o ciúme, a inveja, a suspeição. Quando há utilização, não pode haver amor, porque o amor não é coisa da

mente. Pensar numa pessoa não significa amar essa pessoa. Pensais numa pessoa só quando ela não está presente, quando morreu, quando fugiu do vosso lado, ou quando não vos dá o que dela desejais. É aí que a vossa insuficiência interior põe em operação o "processo" da mente. Quando aquela pessoa está perto de vós, não pensais nela; pensar nela, quando presente, significa estar perturbado, e, por isso, consideramos a sua presença como coisa muito natural. O hábito é um meio de esquecer, de se estar em paz, a salvo de perturbações. A utilização, pois, conduz invariàvelmente à invulnerabilidade, e isso não é amor.

Que estado é aquele em que a utilização — que é "processo" de pensamento, como meio de encobrir a insuficiência interior, positiva ou negativamente — não existe? Que estado é aquele em que não existe o intuito de satisfação? A busca de satisfação é a própria natureza da mente. O sexo é sensação, criada, pintada, pela mente; e então a mente age ou se abstém de agir. A sensação é um processo de pensamento, que não é amor. Quando a mente predomina e tão importante é o processo do pensamento, não existe amor. Êsse "processo" de utilização, de pensar, imaginar, prender, fechar, rejeitar, é só fumo; e quando não existe o fumo, está viva a chama do amor. Às vêzes temos essa chama, rica, cheia, completa, mas a fumaça volta, porque não podemos viver muito tempo com a chama, que não nos dá nenhum sentimento de proximidade, seja de um só, seja de muitos, pessoal, ou impessoal. Quase todos nós temos conhecido ocasionalmente o perfume do amor e a sua vulnerabilidade, mas a fumaça do uso, do hábito, do ciúme, da posse, do contrato e da quebra do contrato — se tornou importante para

I

CONFERÊNCIA REALIZADA EM BOMBAIM

NÃO é importante descobrir a maneira de escutar? Parece-me que, em geral, não escutamos de todo. Escutamos por detrás de várias cortinas de preconceitos, examinando o que se diz, como hinduísta, como muçulmano, como cristão, com uma opinião já formada. Não escutamos livremente, calmamente e em silêncio. Ouvimos com a intenção de concordar ou discordar, ou ouvimos predispostos à argumentação; não ouvimos com o propósito de descobrir. A mim me parece importantíssimo saber ouvir, saber ler, ver, observar. Os mais de nós somos incapazes de ouvir verdadeiramente, e só escutando e ouvindo direito temos possibilidade de compreender. A compreensão nos vem, não como resultado de esforço ou de qualquer forma de conformismo ou conformidade, mas tão só quando a mente se acha muito tranquila. Quando procuramos perceber com clareza o que diz outra pessoa, não há tensão, não há esforço, porém uma suave facilidade, uma deleitável presteza; não podemos ver com clareza o que outra pessoa diz, se a ouvimos já munidos de um preconceito qualquer. Talvez eu tenha alguma coisa nova para transmitir, e é extremamente difícil aos que vêm predispostos, favorável ou desfavoravelmente, compreender de fato. Porque os mais de nós estamos condicionados por influências sociais, econômicas, religiosas, etc.; somos cépticos, indiferentes e por isso não ligamos importância ao que

idéia. Isto é, a esquerda se aplica à solução do problema com um sistema novo, que está em conflito com o da direita; e enquanto estamos em conflito por causa de idéias, nas quais todos os sistemas se baseiam, é bem evidente que não é possível solução alguma. Por outras palavras: temos o problema da fome, do desemprêgo, das guerras, e nós chegamos a êles trazendo na mente certo sistema para resolver cada um dêles. Pode algum sistema, seja da esquerda, seja da direita, resolver um problema? Tanto os que estão ligados à esquerda como os que estão ligados à direita acham que possuem o sistema perfeito, definitivo, absoluto, e, assim, um e outro se aplicam ao problema da fome, do desemprêgo e das guerras, com uma idéia, com um preconceito. O resultado é que os sistemas, as idéias, as crenças ficam em conflito entre si e os problemas continuam. Se vós e eu desejamos realmente aplicar-nos à solução de um problema, devemos, por certo, examinar o problema diretamente, sem o preconceito ou a cortina de um sistema; pois só quando a mente está livre de sistemas, da esquerda ou da direita, nos é possível enfrentar o problema diretamente.

Ora, é possível a ação sem idéia? — esta é, com efeito, a questão básica. A idéia é evidentemente uma esperança, está baseada no futuro ou no passado; e pode-se viver sem esperança? É claro que o viver sem esperança implica a compreensão do presente, diretamente, e não em conexão com o passado ou o futuro. Se investigarmos as nossas mentes e examinarmos a base do nosso pensamento, veremos que estamos pensando com referência ao ideal, ao futuro, à esperança de vir a ser alguma coisa, de alcançar um novo estado. A esperança sempre leva a morte; na esperança não há vida; porque a vida está no presente, e não no futuro. A vida não está

nem no futuro nem no passado, mas no "processo" atual do viver. Não será, então, possível examinarmos de novo todos os nossos problemas, quaisquer que sejam — econômicos, individuais ou coletivos — libertos, completamente, do padrão, da esperança do futuro e do preconceito, do condicionamento do passado? Por certo, todo desafio é novo, pois, do contrário, não seria desafio; e para enfrentar esse desafio nossas mentes precisam ser novas, frescas, não oneradas com o passado ou com a esperança do futuro. E será possível à mente enfrentar um problema sem o condicionamento do passado, nem a fuga, a esperança do futuro? Isso só é possível, de certo, quando vós e eu, como indivíduos, somos capazes de compreender o problema, qualquer que ele seja, pessoal ou coletivo, e de corresponder ao desafio de maneira adequada, plena e completa; e só quando a mente não está carregada de conhecimento, de experiências, podemos corresponder ao desafio adequadamente, naturalmente. Isso significa, de fato, que a mente precisa ser capaz de estar muito tranquila; porque, só quando não estamos lutando, só quando a mente está muito tranquila, vem a compreensão. Não sei se tendes notado isso pessoalmente, em vossa vida cotidiana. Quando estais agitado, atormentado com um problema, vós não o compreendeis, de certo; mas quando a mente está muito tranquila, livre do passado e do futuro, é ela então capaz de enfrentar o desafio adequadamente. É a nossa inadequada reação ao desafio que cria o problema, e nossa reação ao desafio há de ser sempre inadequada, enquanto nossas ações se basearem no passado ou no futuro, na tradição ou na esperança. Por conseguinte, o homem que deseja realmente compreender o problema da existência e realizar, assim,

uma revolução radical, deve estar livre do passado e do futuro, da esperança e da tradição, do ideal, e *do que foi*.

Êsse estado mental é criador, e só a mente criadora é capaz de compreender os problemas atuais, e não a mente que está crivada de idéias, inventando esquemas e seguindo ideais, não a mente que está apenas copiando, imitando; porque o desafio é sempre novo e se desejamos compreendê-lo precisamos enfrentá-lo de maneira nova.

Assim, a realidade, ou qualquer nome que vos aprouver dar-lhe, é um "estado de ser", no qual a mente não mais oscila entre o passado e o futuro, mas está percebendo e compreendendo o que é, de momento em momento. O passado e o futuro não são o que é. O que é é novo, não está relacionado com o passado nem com o futuro; e, para enfrentá-lo, não deve a mente deixar-se apanhar no movimento do passado e do futuro, não deve a mente ser uma passagem, um movimento do passado para o futuro. A compreensão do que é é a realidade, e a realidade não pertence ao tempo, e a mente que é produto do tempo não pode compreender a realidade. Assim, a mente tem de estar totalmente tranqüila, mas não devemos fazê-la tranqüila, mediante compulsão, disciplina ou controle; e ela só está tranqüila ao compreender todo êsse processo de "vir a ser", êsse movimento do tempo, que vem do passado e atravessa o presente para o futuro.

Várias perguntas me foram encaminhadas; antes de respondê-las, seja-me permitido sugerir que vós e eu procuremos juntos as respostas corretas. É muito fácil fazer uma pergunta e esperar a resposta, é um simples expediente de colegial; mas requer-se uma mente amadurecida, inteligente, uma mente inquiridora, para se empreender a jornada do desco

brimento. Assim, ao tratarmos destas perguntas, vamos viajar juntos e descobrir a verdade, e não uma resposta agradável a vós ou a mim. A verdade, certamente, não é opinião; a verdade não depende do conhecimento; e onde há conhecimento, não existe a verdade. A verdade não é o resultado de experiência; porque experiência é memória, e viver só na memória é negar a verdade. Para descobrir a verdade, a mente precisa ser livre, ágil, flexível. Por isso há necessidade daquela arte de escutar, de ouvir, que revela a verdade, sem esforço; porque o esforço, evidentemente, é desejo, e onde há desejo há conflito, e o conflito nunca é criador. Assim, ao considerarmos estas perguntas, não esperemos por uma resposta, porque não há resposta alguma. A vida não tem resposta, tal como "sim" ou "não", ela é vasta demais, imensurável; e para sondar o imensurável deve a mente ser livre e silenciosa. Nossa investigação não se destina a encontrar uma opinião, uma conclusão com suas afirmativas e negações, mas sim a descobrir a verdadeira resposta, que é a verdade contida na questão. Se me é permitido sugeri-lo, vós e eu vamos ver se conseguimos descobrir a verdade do problema; porque é só a verdade que nos liberta do problema, e não a vossa ou a minha opinião, por mais sensata e erudita que seja. O homem de saber, o homem de opinião, o homem de experiência, nunca encontrará a verdade; porque a mente tem de ser muito simples para encontrar a verdade, e a simplicidade não se consegue pela aquisição de conhecimentos.

PERGUNTA: Nossas vidas são vazias de todo impulso genuíno de bondade, e procuramos preencher êsse vazio com a caridade organizada e a justiça com

atribuir tanta importância à mente' — o que não significa que os termos emotivos, sentimentais e lacrimosos. Conhecemos esse vazio, conhecemos esse extraordinário sentimento de frustração. E por que existe em nossas vidas essa falta de profundidade, êsse sentimento de negação? Isso, de certo, só podemos compreender pela vigilância nas relações.

Que está sucedendo realmente em nossas relações? Nossas relações não são auto-isolamento? Toda atividade da mente não é um processo de proteger, de buscar segurança, de isolamento? Aquêle mesmo pensar que chamamos coletivo não é também um processo de isolamento? Toda ação, em nossa vida, não é um processo de auto-enclausuramento? Podeis observá-lo pessoalmente, em vossa vida diária, não podeis? A família se tornou um processo de isolamento; e, estando isolada, só pode existir em oposição. Assim, todas as nossas ações conduzem ao auto-isolamento, o qual gera o sentimento de vazio; e, vazios que estamos, tratamos de preencher o vácuo com programas de rádio, com barulho, tagarelice, mexericos, com leituras, estudos, com a respeitabilidade, o dinheiro, a posição social, etc. etc. Mas tudo isso faz parte do processo de isolamento, e por essa razão só torna mais forte o isolamento. Assim, para a maioria de nós, a vida é um processo de isolamento, de negação, resistência, conformidade a um padrão; e, naturalmente, nesse processo não há vida, e daí o sentimento de vazio, o sentimento de frustração. Ora, amar uma pessoa é estar em comunhão com ela, não num determinado nível, mas de maneira completa, integral, profusa; mas nós não conhecemos tal amor. Só conhecemos o amor como sensação — meus filhos, minha esposa, minha propriedade, meu saber, minha realização; e

te êsse enorme problema.

que desejarão sair dêsse estado, prossigamos, pois, em sua companhia.

Ora, para se sair do estado de solidão, de vazio, precisamos compreender todo o processo da mente, não achais? Que é isso que chamamos solidão, vazio? Como sabemos que é vazio êsse estado, como sabemos que é solitário? Qual a medida pela qual verificamos que êle é "isto" e não "aquilo"? Compreendeis o problema? Quando dizeis que êle é solitário, que êle é vazio, qual a vossa medida? Como sabeis que é vazio? Só o podeis saber pela medida do velho. Dizeis que êle é vazio, dais-lhe nome, e pensais tê-lo compreendido. O dar nome a uma coisa não é justamente um obstáculo à sua compreensão? Ora, senhores, os mais de nós sabemos o que é essa solidão, não é verdade? É essa solidão da qual estamos sempre procurando um meio de fugir. Os mais de nós estamos cônscios dessa pobreza interior, dessa insuficiência interior. Ela não é uma reação incompleta, é um fato, e com lhe darmos um nome qualquer, não podemos dissolvê-la — ela continua a existir. Pois bem, como conhecer o seu conteúdo, como conhecer a sua natureza? Conheceis alguma coisa com lhe dar um nome? Vós me conheceis, chamando-me por um nome? Só podeis conhecer-me, observando-me e estando em comunhão comigo; mas o chamar-me por um nome, o dizer que eu sou isto ou aquilo, isso, evidentemente, põe fim à comunhão comigo. De modo idêntico, para se conhecer a natureza daquela coisa chamada solidão, é preciso haver comunhão com ela; e a comunhão não é possível se lhe dais nome. Para se compreender algo, a primeira coisa de que devemos desistir é o dar nome. Se desejais compreender o vosso filho verdadeiramente — do que duvido — que fazeis? Vós o

olhais e vigiais, quando brinca, o observais, o estudais, não é verdade? Por outras palavras, vós amais aquilo que desejais compreender. Quando amais uma coisa qualquer, naturalmente há comunhão com ela; mas o amor não é uma palavra, um nome, um pensamento. Não podeis amar aquilo que chamais solidão porque não estais plenamente cônscio dela, vós vos aproximais com mêdo — não dela, mas de outra coisa. Ainda não pensastes a respeito da solidão, porque não desejais saber realmente o que ela é. Senhores, não sorriais, isto não é um argumento sutil. Experimentai a coisa, enquanto falamos, e vereis a sua significação.

Assim, aquilo a que chamamos o vazio é um processo de isolamento, o qual é o produto das relações de cada dia; porque, nas relações, estamos sempre, consciente ou inconscientemente, buscando a exclusividade. Desejais ser o dono exclusivo de vossa propriedade, de vossa espôsa ou marido, de vossos filhos, desejais dar à coisa ou à pessoa o nome de "meu", o que obviamente significa aquisição exclusiva. Esse processo de exclusão deve inevitàvelmente conduzir a um sentimento de isolamento, e uma vez que nada pode viver no isolamento, existe conflito; e dêsse conflito tentamos fugir. Tôdas as formas concebíveis de fugir — atividades sociais, o beber, a busca de Deus, o *puja*, a execução de cerimônias, a dança e outros divertimentos — estão no mesmo nível; e se percebemos, na vida diária, êsse processo total da fuga do conflito, e desejamos sair dêle, precisamos compreender as nossas relações. Só quando a mente não está fugindo, de alguma maneira, é possível estar em comunhão direta com aquela coisa a que chamamos solidão; e para entrarmos em comunhão com ela, há necessidade de afeição, há necessidade de amor.

Por outras palavras: precisamos amar a coisa, para a compreendermos. O amor é a única revolução; e o amor não é uma teoria, não é uma idéia, êle não segue nenhum livro nem nenhum padrão de conduta social. Nestas condições, a solução do problema não pode ser encontrada em teorias, que só servem para criar mais isolamento; ela só pode ser encontrada quando a mente, que é pensamento, não está procurando uma fuga da solidão. A fuga é um processo de isolamento, e a verdade contida na questão é que só pode haver comunhão quando existe o amor; e só então é que o problema da solidão está resolvido.

PERGUNTA: A Índia tem uma velha tradição de vida simples e poucas necessidades. Presentemente, entretanto, milhões de indivíduos se acham nas garras da pobreza e da privação, enquanto na outra extremidade da escala estão as opulentas classes superiores, que dominam o país e já estão vivendo pelos moldes europeus. Como podemos descobrir a relação adequada com as posses e as coisas que dão confôrto?

KRISHNAMURTI: Senhor, que entendeis por simplicidade? Não importa verificarmos, em primeiro lugar, o que é simplicidade de vida? Possuir poucas vestes, uma ou duas tangas — isso é vida simples? É uma vida simples ter poucas necessidades e se satisfazer com uma só refeição diária? A exterior ostentação de simplicidade — é simples isso? Ou deve a simplicidade começar num nível inteiramente diferente, não na periferia, mas no centro? Vejamos, pois, o que significa simplicidade.

A mente complexa, que luta por desenvolver virtudes, que ambiciona o domínio, procurando seguir um ideal, procurando ser não-violenta, que se disci-

consideramos através de qualquer padrão determinado. A compreensão não está em conformidade com nenhum plano, seja comunista ou socialista, seja da direita ou da esquerda. Enquanto nos servimos da propriedade como meio de engrandecimento próprio, haverá conflito, haverá uma sociedade baseada na violência. Não se trata apenas de um problema econômico, porém, muito mais, de um problema psicológico; e os economistas que estão diligenciando resolvê-lo no plano econômico, falharão sempre, uma vez que é muito mais profunda a sua significação. Não estais usando a propriedade, as comodidades, a autoridade, como meios de auto-engrandecimento? O saberdes que tendes uma certa quantia de dinheiro no banco, que possuís um título, um patrimônio — isso não vos confere importância, um sentimento de poderio? Se não é a propriedade o que ambicionais, nesse caso quereis ser alto funcionário, burocrata, comissário, embaixador, e sabe Deus o que mais; e disso derivais um sentimento de satisfação, o sentimento de ser alguém.

Vemos, pois, que baseamos as nossas relações no auto-engrandecimento. E enquanto nos servimos de pessoas, de idéias, de coisas, para nosso engrandecimento próprio, tem de haver violência. O problema não pode ser resolvido por meio de nenhum padrão de ação econômica ou social, pois o que se requer é a compreensão de todo o nosso ser psicológico; por essa razão se torna necessária uma revolução interior, e não apenas uma revolução no exterior. É dificílimo sermos qual o nada, não exigirmos coisa alguma, porque os mais de nós queremos resultados satisfatórios; estamos todos atrás do bom êxito sob uma ou outra forma. No mundo dos negócios ou no mundo social, na política, como escritor, como poeta, quere-

mos que reconheçam os nossos méritos, queremos bom êxito; o problema pois é, com efeito, muito mais interior e psicológico, do que exterior e objetivo. Enquanto basearmos as nossas relações na propriedade, tem de haver essa horrível divisão entre os que têm e os que não têm, entre ricos e pobres; e estamos procurando abolir essa divisão por meio de uma revolução baseada em idéia, que é um padrão de ação externa, determinando como os indivíduos devem proceder na sociedade, sem se cuidar de uma transformação radical e fundamental no centro, que é a *psique*. E eis porque uma revolução que apenas substitui um padrão por outro não é revolução absolutamente. Pensamos que, com uma revolução exterior, podemos criar um mundo novo baseado no que *deveria ser*. Mas a revolução só pode ser no centro, na *psique*, e então produzirá a verdadeira revolução no exterior; mas, o que quer que façamos, a mera revolução externa nunca provocará a revolução interior.

Nosso problema, portanto, não é de como criar um novo padrão ou um novo substituto, mas, sim, de como despertar a revolução radical em nós mesmos. Este é o verdadeiro problema; porque o que sois o mundo é. Vosso problema é o problema do mundo, não estais separados do mundo; vós e o mundo sois um processo integral, o mundo não existe sem vós. Assim, a menos que haja uma revolução no centro, qualquer revolução externa tem muito pouca significação. A maioria de nós não deseja transformar-se, ou só queremos modificar-nos superficialmente, mantendo nas mesmas condições certas coisas que estão em relação com nossas exigencias psicológicas, mas só uma radical revolução interior terá o poder de transformar o mundo. Ela deve começar em vós como indivíduo, pois não a podeis

com senso de integração, porque só aí se encontra a solução. Essa integração não é possível se vos chegais ao problema com uma idéia de resistência, sob qualquer forma de compulsão ou de conformismo. Por conseguinte, a coisa que produz a integração é o amor; mas para amar o problema, não podeis sobrecarregá-lo com nenhuma teoria ou disciplina. Se desejais realmente resolver êste problema da relação correta com a propriedade, deveis ser capaz de compreender tôda a estrutura do vosso ser. Mas, como sabeis, vós desejais soluções rápidas, desejais uma resposta imediata, uma solução fácil para o problema; e ninguém neste mundo é capaz de vo-la dar. Não há solução imediata para um problema muito complexo. A instantaneidade está na reação do indivíduo e não na solução do problema. Podeis transformar-vos imediatamente, se o desejardes — mas não o fazeis. Quando se vos apresenta uma crise é que tendes de transformar-vos. Uma crise significa que deveis aplicar-vos ao problema de uma maneira absolutamente completa, pois do contrário não é crise. Mas não desejais crises em vossas vidas; e é por isso que tendes advogados, que tendes sacerdotes, que tendes revolucionários oficiais. Evitais a crise, mas quando fordes ao seu encontro, achareis, então, a solução correta.

PERGUNTA: Que é autoconhecimento? A tradicional via de acesso ao autoconhecimento é o conhecimento do Atman como distinto do "ego". É isso o que entendeis por autoconhecimento?

KRISHNAMURTI: Senhores, vós todos sois muito lidos, não é verdade? Lestes todos os livros religiosos, e foi assim que viestes a conhecer a idéia do *Atman*; do contrário, não teríeis nenhuma noção

dade. Encontrastes essa idéia nos livros, ela vos agradou, e por isso a adotastes; mas, em verdade, não sabeis se o *Atman* existe ou não. Desejais permanência, e o *Atman* vo-la garante. Suponhamos agora que nunca tivésseis lido um único livro religioso a respeito do *Atman*, o *Super-Atman*, e tudo o mais — que faríeis? Poderíeis inventar; mas se não tivésseis nenhum conhecimento prévio, qual seria vossa atitude? A minha atitude é esta: Nunca li um livro religioso nem de psicologia, porque deles não preciso. Não que eu seja presunçoso; mas, uma vez que a coisa está toda em vosso próprio interior, podeis descobri-la por vós mesmo — e não procurando-a fora de vós. Por outro lado, como sabeis que Sankaracharia, ou Buda, ou a autoridade mais em moda, não estão errados?

Assim, para se descobrir a verdade, tem de haver liberdade; liberdade não no fim, mas bem no começo. A liberdade não está no fim, a libertação não é um produto final, ela tem de estar no começo, pois do contrário não podemos descobrir. Por conseguinte, precisamos de liberdade, precisamos estar livres do passado — e é isso o que vós e eu vamos verificar. Desejais saber o que é autoconhecimento. Não é conhecimento do "ego", não é conhecimento do *Atman*, — não sabeis o que isso significa. Só sabeis que existis, que sois uma entidade em relação com outras pessoas, com vossa esposa e vossos filhos, com o mundo — é tudo o que sabeis. Este é o fato real. Se o *Atman* existe ou não, é uma mera teoria, uma especulação e toda especulação é desperdício de tempo; é coisa para os indolentes, os que não pensam.

Agora, que sou eu? É só isso o que importa: que sou eu? Vou verificar o que sou, vou ver até onde posso penetrar, nesse sentido, e ver aonde sou

levado. Porque, êste é que é o fato — e não o *Atman*, o "ego", o *super-super-super*. Não penso nestas coisas, embora Buda e Cristo e quem mais seja, tenham falado a seu respeito. O que me é possível conhecer são as minhas relações com a propriedade, com pessoas, com idéias. Temos, portanto, que o comêço do autoconhecimento está na compreensão das relações, e que as relações funcionam em todos os níveis, e não num só nível determinado. Tenho de averiguar o que são as minhas relações com minha espôsa, meus filhos, minha propriedade, a sociedade, as idéias. As relações são o espêlho no qual vejo a mim mesmo assim como sou, e o ver-me tal qual sou é o comêço da sabedoria. A sabedoria não é coisa adquirível nem por meio de livros nem por intermédio de um *guru*; isso é mera aquisição de conhecimento, e a sabedoria não é conhecimento. A sabedoria é o comêço do autoconhecimento, e vem essa sabedoria quando compreendemos as nossas relações.

Pois bem, para compreendermos as relações, para percebermos claramente, em nossas relações, aquilo que somos de fato, não deve haver condenação nem justificação — precisamos observar o fato com liberdade. Como podeis compreender uma coisa, se a condenais, ou se desejais que ela seja diferente do que é? Com a compreensão das nossas relações, vem-nos o descobrimento, de minuto em minuto, das tendências do nosso pensar, da estrutura da nossa mente; e enquanto a mente não compreender o seu processo total, tanto o consciente como o inconsciente, não pode haver liberdade. Assim sendo, nas relações proporcionadas pelos nossos contactos diários, pelas nossas ações diárias, chegamos a um ponto em que percebemos que o pensante não é diferente do pensamento. Quando dizeis que o *Atman*

é diferente do "ego", isso está ainda compreendido na esfera do pensamento; e se não compreendermos o "processo", o funcionamento do pensamento, é de todo vão falar na realidade ou do *Atman*, porque essas coisas não têm existência; não passam de preconceitos do pensamento. O que nos cabe fazer é compreender o "processo" do pensamento, e êste só pode ser compreendido em nossas relações. O autoconhecimento começa com a compreensão das relações — e disso trataremos mais tarde.

Vem a seguir a questão relativa ao pensante e pensamento, "experimentador" e "coisa experimentada", questão que já nos é familiar. Existe um pensante como entidade separada do pensamento? Ora, não há entidade separada; só há pensamento, e foi o pensamento que criou a entidade separada chamada pensante. O pensamento é reação da memória, tanto da consciente como da inconsciente, da oculta como da patente; a memória é experiência, e a experiência é reação; estímulo e, depois, o processo de dar nome, o qual empresta mais desenvolvimento à memória. A memória reage como pensamento, nas relações, e todo êsse processo de pensamento, êsse ciclo de memória, estímulo, reação, experiência, e dar nome, que vai alimentar a memória, é o que chamamos consciência. É só isso o que sou, e é só isso o que sei. Vejo, pois, que a minha mente funciona dentro da esfera do conhecido; e poderá ela funcionar fora dessa esfera? Percebo agora o processo integral do meu pensar, o que me leva a fazer a pergunta: Poderá a mente transcender o pensamento, que é o resultado do conhecido? Não pode, evidentemente; porque, quando o pensamento procura passar além, o que êle segue é sua própria "projeção". O pensamento não pode experimentar o desconhecido, só pode experimentar o que êle pró-

presente na mente de todo silenciosa. A verdade não é coisa que possa ser procurada, experimentada, conservada, e adorada. Só é possível "experimentar" o atemporal, quando a mente está liberta de todo condicionamento. Assim, o autoconhecimento é a compreensão do condicionamento.

O que importa é compreender o processo total da mente. Trataremos disso mais tarde. Cumpre-nos, agora, perceber que a verdade não é uma coisa suscetível de ser lembrada. O que é lembrado é do tempo, é coisa do passado, e a verdade nunca é do passado, nem do futuro; a verdade só pode estar no presente, naquele estado em que não existe o tempo. O tempo é o processo da mente; a mente é pensamento; o pensamento é reação da memória. A memória é a experiência do estímulo e da reação, e porque esta é inadequada, cria-se o problema das relações. Assim, a compreensão do processo total do "eu" reside na compreensão das relações, na vida cotidiana, e essa compreensão liberta a mente do tempo, e ela, por conseguinte, é capaz de experimentar a realidade de momento em momento, o que não constitui um processo de lembrança. Talvez não mais podemos chamar "experiência" a êsse estado, que é inteiramente diverso. Êsse "estado de ser" é felicidade suprema, não é algo que aprendemos em livros e repetimos como discos de gramofone. Nêsse estado, um homem é feliz, não repete; para êle a vida não tem problemas. É só a mente que cria problemas.

12 de fevereiro de 1950.

Afinal de contas, por individualidade entendemos a qualidade que encerra originalidade, fôrça criadora, a qualidade de singularidade criadora. Senhores, a ação que não contribui para aumentar o sofrimento, o caos, a destruição, só é possível quando existe a individualidade verdadeira, e a individualidade só é possível quando compreendemos todo êste processo de conformismo e imitação. Para a maioria de nós, viver é mera observância de um padrão, o padrão do *que foi*, ou o padrão do que *será*. Se examinamos a nossa conduta de cada dia, nossa cotidiana maneira de pensar, veremos que o processo de nossa ação é imitação contínua, mero copiar. Tudo o que sabemos e tudo o que adquirimos está baseado na imitação. E porque vivemos imitando, copiando, não somos, absolutamente, indivíduos. Citamos o que disse fulano de tal, o que disse Sancàracharia, Buda, ou Cristo, porque se tornou nosso padrão de existência nunca descobrir, nunca achar a verdade por nós mesmos, mas repetir o que outras pessoas descobriram, o que outra pessoa experimentou. Quando tomamos a experiência alheia, por verdadeira que seja, para padrão de nossa ação, ela, a nossa ação, está nesse caso baseada na imitação, e é uma mentira. Por favor, notai vós, senhores, que estas reuniões não se destinam aos que não estão sèriamente interessados. Isto aqui não é uma reunião política, nem um espetáculo a que vimos para mostrar as nossas caras e fazer-nos fotografar (risos). Vós não fareis isso num templo religioso, não é verdade? Estamo-nos ocupando da vida, e não do mero aspecto externo das coisas; e para compreendermos a vida, temos de compreender êste processo completo do viver, que somos nós mesmos. Para compreendermos a nós mesmos, devemos compreender todo o con-

teúdo da mente consciente e da mente inconsciente; e se prestais escassa atenção ao que se está dizendo, receio que não aprendais o seu inteiro significado.

A ação, pois, que está baseada na imitação, no copiar, no conformismo, no cultivo de um padrão, conduzirá inevitàvelmente à confusão — e é justamente o que está acontecendo no mundo na época atual. Por que nos conformamos, por que imitamos, copiamos, citamos autoridade, por que estamos aferrados à sanção do que *foi* ou do que *será*? Por que não podemos descobrir a maneira de viver, diretamente, por nós mesmos, em vez de copiarmos outra pessoa? Não é porque a maioria de nós tem medo de ficar sem segurança? Os mais de nós desejamos um certo estado, que chamamos "paz", mas que, na realidade, é um estado no qual não queremos ser perturbados. Os mais de nós não somos aventurosos, e é por isso que só vivemos copiando, e nos satisfazemos com a imitação. Só quando nos desvencilhamos de tudo, quando compreendemos o processo da imitação, há possibilidade da ação individual, que é criação.

Principalmente nêstes tempos em que tanta confusão lavra pelo mundo, em que há tantas autoridades, tantos *gurus*, tantos guias, cada um dêles afirmando e negando, cada um oferecendo um novo padrão de ação, não será importante descobrir o que é a ação independente do padrão, independente da cópia? Isso só podemos descobrir quando compreendermos o processo e o significado da imitação — não só a imitação de um exemplo externo, mas a imitação e o conformismo produzidos pela autoridade de nossa própria experiência. A autoridade vem à existência — não é verdade? — quando desejamos estar bem seguros; e quanto mais desejarmos segurança,

tanto menos a teremos — o que bem demonstram estas guerras intermináveis. Cada grupo constituído de supostos indivíduos deseja estar em segurança e por isso cria um sistema, um padrão de segurança baseado em sua própria autoridade, em conflito com a autoridade de outros. Assim sendo, enquanto buscais a segurança, sob qualquer forma, psicológica ou fisiológica, haverá conflito, haverá destruição. O desejo de segurança implica conformismo; e só quando a mente está de fato insegura, completamente incerta, quando não depende de autoridade alguma, nem exterior nem interior, quando não está imitando um exemplo, um ideal, ou aferrada à autoridade do que *foi* — só então está a mente isenta de conformismos e, portanto, livre para descobrir; e só então há criação.

Nosso problema, pois, não é de como agir, mas de como fazer surgir aquêle estado de criação que é a verdadeira individualidade. Aquêle estado, obviamente, não se baseia em idéia alguma, porque a criação nunca pode ser uma ideação. A ideação tem de cessar, para que surja a ação criadora. Não pode haver ação criadora enquanto existir um padrão, uma idéia; e como a nossa vida está baseada na idéia, no ajustamento ao ideal, não somos criadores — e êste é o problema real, e não como agir. Qualquer um pode dizer-vos como agir, qualquer político, qualquer sistema ou sacerdote, pode indicar-vos o que deveis fazer, mas, ao fazê-lo, criareis mais malefícios, mais sofrimentos, mais confusão, mais luta, porque vossa ação não é conseqüência da criação. Eis porque importa que o indivíduo seja livre do conformismo e seja um verdadeiro indivíduo. Para o conseguir, precisamos saber o que somos, a cada momento; e na compreensão do que somos, encontra-se a possibilidade de criar uma

sociedade não baseada no conflito, na destruição e no sofrimento. Um indivíduo nesse estado é um indivíduo feliz, e a sociedade não exige imitação de virtude; ao contrário, a felicidade cria virtude. Um homem feliz é um homem virtuoso — o homem infeliz é que não é virtuoso; e por mais que se esforce por se tornar virtuoso, enquanto fôr infeliz, para êle não existe virtude. Pode êle tornar-se respeitável, mas a respeitabilidade só servirá para encobrir a sua infelicidade. O que tem importância, portanto, é descobrir por nós mesmos o padrão de conformismo e perceber a verdade relativa a êsse conformismo; porque só quando percebermos que o padrão é criado pelo temor à insegurança atingiremos o estado de criação.

Como de costume, recebi muitas perguntas. Enquanto as examinarmos juntos, seja-me permitido sugerir-vos que não resistais ao que se disser, ouvindo-o, antes, do mesmo modo como se ouve música. Escutai-me, pois, sem espírito de disputa. Disputar e negar é a maneira habitual e fácil de proceder, mas a mente dada à disputa nunca pode achar-se em estado de tranqüilidade, que é o único em que pode nascer a compreensão. Também, se posso sugerí-lo, não fiqueis apenas à espera de explicações, não espereis de mim uma conclusão ou uma solução, pois não as darei. Não há resposta categórica aos problemas reais da vida, o que há é só compreensão; e compreender significa aprender o inteiro significado do problema, notar todo o seu conteúdo. Peço-vos, pois, que me ouçais com simpatia, com o propósito de verificar a significação do problema, em vez de esperardes por uma solução.

PERGUNTA: Afirmais que nunca lêstes um só livro, mas o afirmais deveras? Não sabeis que

declarações inconsistentes como esta causam irritação? Parece que conheceis a terminologia mais moderna da política, da economia, da psicologia, e das ciências; quereis dar a entender que obtendes estas informações por meio de faculdades sobre-humanas?

KRISHNAMURTI: Senhor, quer vos agrade sabê-lo, quer não agrade, o fato é que nunca li um único livro religioso, nem livros sôbre psicologia ou ciência; o fato é também que quando jovem não fiz nenhum curso rigoroso de filosofia ou psicologia. Por alguma razão, sempre senti relutância em lê-los — enfadavam-me, e esta é que é a verdade. Naturalmente, conheço grande número de pessoas de tôdas as condições — cientistas, filósofos, psicanalistas, religiosos, etc. — que vêm discorrer comigo; e, vez por outra leio alguns semanários sôbre política e assuntos mundiais. Isso é tudo o que possuo em matéria de cultura geral. Ora, por que vos irrita isso? Não é porque vós lêstes tanta coisa, e vossa ignorância vos é mostrada por um homem que não leu nada? Senhor, vós ledes para vos tornardes sábio? Sapiência é sabedoria? A sabedoria não é coisa inteiramente diversa da sapiência? Mas aqui temos dois problemas: um dêles é o de saber porque sentis irritação, e o outro o de como eu obtenho a matéria das minhas palestras. Vamos, pois, em primeiro lugar indagar os motivos por que sentis irritação.

Não é importante descobrir por que sentis irritação? Vós ledes jornais, revistas, livros sagrados, todos os comentários sôbre filosofia, psicologia e ciência, e continuais lendo, lendo sempre. Por que ledes, por que conservais a vossa mente tão constantemente ocupada? E por que o ressentis quando

coletiva e individualmente, somos o resultado do total de tôda a humanidade — não é verdade? Somos o resultado total de todos os pais e de todas as mães; e se compreendermos a maneira de perceber-nos, a nós mesmos, não necessitamos de ler um só livro sôbre religião, filosofia, ou psicologia, porque o livro somos nós mesmos. Temos, talvez, de ler para adquirir conhecimentos científicos, aprender matemática, etc., mas isso pode ficar guardado nas bibliotecas. Por que atulhar a mente de fatos, quando temos em nós mesmos um tesouro a exigir o máximo de atenção, o máximo de vigilância? Aí é que está tôda a essência da questão. Embora tenhamos contactos com pessoas de todos os tipos, de todos os graus de erudição, é a compreensão de nós mesmos que traz o conhecimento infinito, a infinita sabedoria.

Senhores, estou bem certo de que nos tempos antigos, quando não se publicavam livros, quando não havia seguidores, instrutores e *gurus*, houve descobridores originais, que nunca tinham lido um livro. Porque não havia *Bhagavad Gita*, nem Bíblia, nem livro de espécie alguma, tinham êles de descobrir por si mesmos, não é assim? Como procediam? Êles, é claro, não tinham gurus, não aceitavam estupidamente a autoridade de um indivíduo. Investigavam a verdade por si mesmos, encontravam-na nos santuários de suas próprias mentes e corações. Sem dúvida, também nós podemos descobrir a verdade por nós mesmos, nos santuários de nossas mentes e corações. Mas descobrir, perceber o que *é*, sem condenação nem justificação, é sobremodo difícil. A mente é mero processo do passado a servir-se do presente como de uma passagem para o futuro; e como pode a mente nestas condições perceber o que *é*? Para perceber o que *é*, tem a mente de estar livre de tôda aquisição, de tôda acumulação — mas este é outro pro-

sente-se a um grande prazer, uma satisfação profunda, que chama "o belo", mas um segundo mais tarde está tudo acabado, e aquele espetáculo é apenas memória; e eis como a mente dá continuidade à sensação daquilo a que chama beleza.

A mente, pois, está sempre pintando, imaginando o belo, que é sempre do passado. Mas a beleza está no tempo? Se não está no tempo, então a beleza é algo ilimitável, não achais? — não pode enquadrar-se na palavra "beleza". A mente pode inventar o belo, mas a experiência do "ilimitável" não pode ser conhecida pela mente que só busca a sensação de beleza. Vós e eu podemos ver a beleza externamente; mas o mero apreciar dessa expressão não é a beleza. A beleza, portanto, é algo que está fora da mente, fora da sensação, fora dos limites do tempo, fora da qualidade de pensamento circunscrito no tempo, e êsse percebimento ilimitado, em que estão tôdas as coisas, é beleza — o que significa ser realmente, infinitamente sensível. O homem que nega o mal, que nega o feio, não saberá jamais o que é a beleza, porque a própria negação é um meio de cultivar o feio. O "ilimitável" não pode ser encontrado em nenhum dicionário, em nenhum livro religioso ou de filosofia.

A beleza, pois, não é coisa da mente; entretanto, infelizmente, a civilização moderna está fazendo da beleza uma coisa da mente. Tôdas as revistas ilustradas, todos os cinemas o estão fazendo; quase todos os nossos esforços estão empenhados na produção de quadros maravilhosos, esplêndidos móveis, na construção de belas casas, na aquisição dos vestidos mais da moda, da última novidade em *baton* para os lábios, enfim de tudo o que é exibido nos anúncios. Estamos enredados nas coisas da mente, e esta é a razão por que são tão feias e tão vazias as nossas

vidas, esta a razão por que precisamos adornar-nos — o que não significa que *não* devamos adornar-nos. Mas há uma beleza interior, e quando a percebemos, ela comunica um significado ao exterior; mas o mero adornar do exterior, sem dar atenção ao interior, é o mesmo que rufar um tambor... que está sempre vazio. A beleza é uma coisa que está fora dos limites da mente; e para se achar o que é belo — chamai-o verdade, ou Deus, ou o que quizerdes — necessita-se estar libertado do processo do pensamento. Mas êste é outro problema, de que podemos tratar noutra ocasião.

PERGUNTA: Por meio de movimentos como o da Organização das Nações Unidas e o do Congresso Pacifista Mundial recentemente reunido na Índia, homens do mundo inteiro estão realizando um esfôrço individual e coletivo no sentido de evitar a terceira Guerra Mundial. Em que difere a vossa iniciativa da dêles? Esperais colher resultados apreciáveis? Pode ser impedida a guerra iminente?

KRISHNAMURTI: Tratemos primeiro dos fatos óbvios e depois entremos mais a fundo na questão. O primeiro fato é a guerra que se aproxima: podemos evitá-la? Que pensais, senhor? Os homens estão cheios do desejo de se trucidarem; estais trucidando o vosso próximo — não digo com espadas, mas não o estais explorando, politicamente, religiosamente, econômicamente? Há divisões sociais, comunais, linguísticas e não estais fazendo tanto barulho por causa delas? Não desejais evitar a guerra que nos ameaça porque alguns de vós vão ganhar dinheiro com ela (risos) Os astutos vão ganhar

tudo em nome da não-violência, tudo em nome de Deus e da paz, — e isso é contra-senso e hipocrisia, em grandes doses. Que entendemos por paz? Dizeis que a O.N.U. está tentando implantar a paz mediante a organização das nações que dela fazem parte, o que significa que está estabelecendo o equilíbrio de forças. Isso é maneira de cultivar a paz?

E temos também o agrupamento de indivíduos em tôrno de uma certa idéia daquilo que êles consideram como sendo a paz. Isto é, o indivíduo se opõe à guerra ou de acôrdo com sua persuasão moral, ou de acôrdo com suas idéias econômicas. Colocamos a paz numa base racional ou numa base moral. Dizemos que precisamos ter paz, porque a guerra não é lucrativa, e esta é a razão econômica; ou dizemos que precisamos ter paz porque o matar é contrário à moral, contrário à religião, que o homem é de natureza divina e não deve ser destruído, etc. Existem, pois, tôdas estas explicações do porque não devemos ter guerra: de um lado as razões religiosas, morais, humanitárias, ou éticas em apôio da paz, e do outro lado os motivos racionais, econômicos ou sociais.

Ora, a paz é uma coisa da mente? Se temos uma razão, um motivo para a paz, isso nos dará a paz? Entendeis o que quero dizer? Se me abstenho de matar-vos porque considero imoral o ato, isso é ser pacífico? Se, por razões econômicas, eu não destruo, se não me alisto no exército porque acho que não compensa — isso é ser pacífico? Se vos amo porque sois belo, porque me agradais corporalmente, etc., isso é amor? Senhores, tende a bondade de prestar um pouco de atenção porque o assunto é importantíssimo. Os mais de nós cultivamos de tal maneira as nossas mentes, somos tão intelectuais, que desejamos encontrar razões para não matar, sendo essas razões

o terrível poder destrutivo da bomba atômica, os argumentos morais e econômicos em prol da paz, etc.; e pensamos que quanto mais razões temos para não matar, tanto mais havemos de ter paz. Mas pode-se ter a paz por meio de uma razão, pode a paz ser uma causa? A causa não faz justamente parte do conflito? Será a não violência, a paz um ideal que devemos seguir e alcançar afinal, através de um gradual processo de evolução? Tudo isso são raciocínios, racionalizações, não achais? Assim sendo, se refletimos, por pouco que seja, vemos que a nossa questão é saber se a paz é um resultado, o produto de uma causa, ou se a paz é um "estado de ser", não no futuro, ou no passado, mas agora. Se a paz, se a não-violência é um ideal, isso evidentemente denota que, na realidade, vós sois violento, não sois pacífico. Desejais ser pacífico e apresentais as razões por que *deveríeis* ser pacífico; e, satisfeito com as razões, continuais violento. O fato é que um homem que deseja a paz, que percebe a necessidade de ser pacífico, não tem nenhum ideal de paz. Não faz esforço por se tornar pacífico, mas percebe a necessidade, a verdade do ser pacífico. Só o homem que não percebe a importância, a necessidade, a verdade do ser pacífico, só êsse homem faz da não-violência um ideal — o que, na realidade, não passa de adiamento da paz. E é isso o que fazeis; todos rendeis culto ao ideal da paz, enquanto, no ínterim, colheis os frutos da violência (risos). Senhores, vós rides; é fácil divertir-vos, não? Este é uma outra forma de entretenimento, para vós; e quando saírdes desta reunião, continuareis a proceder exatamente como antes. Esperais ter a paz com os vossos fáceis argumentos, vossas fortuitas falas? Não tereis a paz, porque não desejais a paz, não tendes interêsse nela, não perce-

vidade, criará sempre mais sofrimento; e a compreensão da mente é o começo da paz.

PERGUNTA: Repetis incessantemente que a mente deve extinguir-se para que a realidade venha à existência. Por que então atacais a oração, a adoração e as cerimonias, cujo verdadeiro fim é aquietar a mente?

KRISHNAMURTI: Por meio de um expediente, podemos fazer a mente tranquila: tomamos uma droga ou um copo de vinho, praticamos ritos, adoramos, rezamos. Há muitos meios de fazer a mente ficar tranquila. Mas estará a mente tranquila, quando a *fizermos* ficar tranquila? Alguns de vós orais, não é verdade? Repetis o *Gayatri*, rezais em côro, para aquietar a mente, ou juntais as mãos e vos hipnotizais até cairdes num estado a que chamais paz. O auto-hipnotismo pela repetição de palavras é muito simples. Quando ficamos a repetir certas palavras, nossa mente se torna muito tranquila, muito quieta; com o tomar certas posturas, respirar de determinada maneira, forçar a mente, podemos, sem duvida, reduzir a atividade da mente. Isto é, por meio de varios expedientes, de disciplina, compulsão, conformismo, fazemos a mente ficar tranquila; mas quando fazemos a mente tranquila, está ela de fato tranquila? Ela esta é morta, não é verdade? Acha se em estado de hipnose. Quando orais, repetis certas frases, e isso serve para aquietar a mente; e nessa quietude dão-se certas reações, ouvis vozes, as quais naturalmente atribuis ao Supremo. Esse "Supremo" atende sempre ao vosso pedido mais instante, e a sua resposta vos proporciona satisfação. Esse é um processo psicológico

Como pode a mente estar deveras tranquila? Ora, a mente só está quieta quando compreende sua própria atividade. Assim como as águas de uma lagoa se tornam muito tranquilas, muito serenas, quando cessa o vento, assim também a mente está tranquila quando não mais está criando problemas. Nessas condições, a nossa questão não é de como fazer a mente ficar tranquila, mas sim de como compreender o criador dos problemas; porque no momento em que compreendemos o criador dos problemas, a mente está quieta. Não fecheis os olhos e não percais a serenidade, só porque foi mencionada a palavra "tranquila". A compreensão do criador de problemas traz tranquilidade à mente. Por isso, precisais de compreender o pensamento, porque o pensamento é o fator de problemas. O pensamento cria o pensante, o pensamento está sempre em busca de um estado permanente; percebendo o seu próprio estado de transição, de fluidez, de impermanência, o pensamento cria uma entidade, a que chama o pensante, o *Atman*, o *Paramatman*, a alma — segurança em nível cada vez mais alto. Isto é, o pensamento cria uma entidade a que chama o observador, o "experimentador", o pensante permanente, distinto do pensamento impermanente; e a vasta distância entre os dois cria o conflito do tempo."

Ora, a compreensão de todo êste processo: o pensamento criando o pensante, e a incarnação do pensamento como pensante — origina a tranquilidade da mente. Isso significa que temos de compreender o que é pensamento. Que coisa é essa a que chamais pensar? Enquanto não compreendermos isso, tudo o que o pensamento fizer só servirá para criar mais confusão; enquanto não conhecermos todo o significado e tôda a profundeza do pensamento, tanto consciente como inconsciente, tanto individual

da memória, a verdade não vem de conhecimentos, não vem da erudição. A verdade não é nem da mente nem do sentimento, ela nada tem que ver com sensações, não é a projeção do "eu" como a imagem, a voz do Todo-Poderoso. A verdade não é da memória, e por conseguinte não é do tempo. Como a verdade não é da mente, ela só pode vir à existência quando a mente está tranqüila, quando o pensamento está em silêncio. A verdade tem de ser vista momento por momento, e só a verdade pode resolver os nossos problemas, e não a mente ou as invenções da mente.

19 de fevereiro de 1950.

III

CONFERENCIA REALIZADA EM BOMBAIM

Desejo mais uma vez acentuar a importancia de saber ouvir. Os mais de nós ouvimos sem compreender, ouvimos apenas as palavras, mas a palavra não é a coisa, a palavra nunca pode ser o real. A palavra só se torna o real quando tem um significado profundo, mas para se apanhar o significado profundo da palavra precisamos saber ouvir. Quero esta tarde falar a respeito da virtude; talvez eu diga algo fora das linhas tradicionais, algo novo; por isso espero que tenhais a bondade de ouvir sem opor resistência, nem contestação. Ouvi com o propósito de apreender verdadeiramente o seu significado, e então, talvez venhamos a compreender a extraordinária importância da virtude. A dificuldade em apreender o significado de qualquer coisa que se diz, será sem dúvida, a de transpor as barreiras de nossos preconceitos e experiências pessoais.

Pois bem, a virtude é essencial, e para compreendê-la precisamos transcender a luta por tornar-nos virtuosos, transcender a significação ou definição convencional da palavra. Porque tornamos a virtude uma coisa fastidiosa e aborrecida, uma coisa horrível; não dá alegria o ser virtuoso. É um esfôrço constante, uma luta, um trabalho penoso. A virtude é um fato, e para compreender o fato precisamos estar livres para olhá-lo como um fato. Só o homem infeliz luta por ser virtuoso, e a própria luta

significação, a beleza, a verdade do problema, e tal só é possível quando podemos ver o fato e dêle não fugimos.

PERGUNTA: *Observamos as pessoas que vos rodeiam, para ver se notamos algum sinal de transformação. Como se explica que, enquanto caminhais na luz, os que mais de perto vos seguem permanecem embotados e feios no seu viver e na sua conduta?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, o seguidor destrói o guia. Seguir alguém não é achar a verdade. Se se quer compreender o que é a verdade, não pode haver nem seguidor nem instrutor. Não há *guru* que possa levar-vos à verdade, e seguir qualquer pessoa é negar aquela liberdade que a virtude confere. Isso não são meras frases de efeito. Procurai perceber a verdade aí contida, isto é, que seguir a autoridade, de qualquer espécie que seja, é negar a inteligência. Nós seguimos porque estamos em confusão, e por causa de nossa confusão escolhemos o guia; por conseguinte o guia só pode estar confuso (risos). Senhor, não façais pouco caso disso. Escolheis o *guru* para satisfazer a vossa ânsia de segurança, e o que seguis é vossa própria "projeção", vossa própria satisfação, e não a verdade. Quando seguis uma pessoa, estais destruindo essa pessoa e a vós mesmo. Eu não tenho seguidores, nem tampouco sou instrutor de ninguém; se o fôsse, vós me destruiríeis e eu vos destruiria. Em tal caso não haveria amor entre nós, só haveria acompanhamento; porque os que seguem e os que conduzem não têm amor no coração.

Agora, o interrogante mostra-se muito interessado pelas pessoas que me rodeiam. Por que? Que lhe interessa se os outros são belos ou feios? Ora, o

que tem importância é a minha própria condição e não a dos outros. Se minha mente é mesquinha, estreita, limitada, eu hei de enxergar a mesma coisa nos outros. Êste desejo de criticar os outros é verdadeiramente extraordinário. Como posso saber o que outra pessoa é, se não sei o que eu próprio sou? Como posso julgar outra pessoa, se minha medida é defeituosa? Qual é o instrumento, a balança, com a qual peso outra pessoa, quando desconheço o "processo" integral de mim mesmo? E quando me livro inteiramente de "mim mesmo", não há tempo para julgar outros, nem tenho vontade de fazê-lo. É a mente indolente, agitada, preocupada, que julga, é a mente inquieta que se ocupa perenemente com criticar a outros; e como pode a mente inquieta, que desconhece a si mesma, observar claramente alguma coisa? É só quando tendes capacidade para observar as coisas diretamente e com clareza que ficais livre dessas coisas.

O terceiro ponto desta pergunta é êste: Como sabeis que eu caminho pela luz? Presumis que o faço, mas como podeis sabê-lo? Êsse extraordinário desejo de aceitar as coisas e admiti-las como verdadeiras, é indício de uma mente embotada. Do contrário, seríeis cético. Ceticismo não é cinismo ou negação; é o estado em que se encontra a mente que não concorda prontamente, que não aceita e admite as coisas como verdadeiras. A mente que aceita está em procura, não do esclarecimento ou da sabedoria, mas de refúgio. O que importa, sem dúvida, não é se eu caminho pela luz, mas, *sim*, se vós o fazeis. O que interessa é a vossa vida, e não a minha; é a vossa felicidade, vossa conduta, vossos sofrimentos. Que vantagem há em pensar que outra pessoa está caminhando pela luz? Pode estar e pode não estar; mas, que valor tem isso para vós, se estais entregue ao

sofrimento? Se apenas crêdes na luz de outra pessoa, vós vos tornais um seguidor, um copista, um imitador, isto é: ficais sendo um disco de gramofone, a tocar sempre a mesma música, sem terdes uma canção em vosso coração.

Há ainda outro ponto nesta pergunta: em vez de criticardes e atacardes a mim, investis para os "seguidores". Isso é o mesmo que surrar uma criança, em vez de surrar o rei; o rei não pode errar, por isso avançais para a criança. De modo idêntico, vós investis contra aquêles que considerais como meus seguidores. Felizmente, no que me respeita, não há seguidores. Como já disse, seguir alguém significa destruição, e êste é o mal do mundo na época atual. Somos meros copistas, meros imitadores; seguimos sofregamente, tanto política como religiosamente, e por isso somos levados à destruição. Não quer isso dizer que devamos tornar-nos individualistas desenfreados, que é o outro extremo; mas o ser um homem capaz de viver feliz, de perceber a verdade por si mesmo, não exige o seguimento de outro. O homem feliz não segue a ninguém. O homem que sofre é que está em confusão, que se põe a seguir outro, sofregamente, na esperança de encontrar um refúgio; e achará um refúgio, mas êsse refúgio é cheio de escuridão, é sua perda. Só o homem que procura descobrir o fato do que êle é, em si mesmo, conhecerá a liberdade e, portanto, a felicidade.

PERGUNTA: *Quanto mais vos ouvimos, tanto maior a nossa impressão de que estais pregando a renúncia à vida. Sou funcionário do Secretariado, tenho quatro filhos e ganho apenas 125 rupias por mês. Quereis ter a bondade de explicar como posso empenhar-me na luta sombria pela existência, na nova maneira que preconizais? Pensais realmente*

a amplidão e tôda a profundidade da vida? Digo que é possível, e que esta é a única maneira de compreendermos a vida. Qualquer que seja a experiência, qualquer que seja o desafio e a reação à vida, se podemos compreender essa "experiência" de maneira completa, não tem significação alguma a busca de outras experiências, que se torna pura perda de tempo. Porque somos incapazes de assim proceder, inventamos a ilusória idéia de que mediante a acumulação de experiência chegaremos afinal — sabe Deus aonde.

Mas o interrogante deseja também saber se estou pregando a renúncia à vida. Que entendemos por vida? Estou pensando no problema em voz alta. Vamos pois segui-lo juntos. Que se entende por vida? O viver só é possível em relação, não é verdade? Se não há relação, não há vida. Ser é estar em relação; a vida é um "processo" de relações, de estar em comunhão com outra pessoa, com duas ou com dez, com a sociedade. A vida não é um processo de isolamento, de retraimento. Mas para a maioria de nós o viver é um processo de isolamento, não é verdade? Lutamos por isolar-nos, na ação, nas relações. Tôdas as nossas atividades visam ao auto-enclausuramento, à limitação, ao isolamento, e neste mesmo "processo" há atrito, tristezas e dôres. A vida é relação, e nada pode existir no isolamento; por conseguinte não é possível o retraimento à vida. Pelo contrário, torna-se necessária a compreensão das relações — das vossas relações com vossa esposa, vossos filhos, a sociedade, a natureza, a beleza dêste dia, os raios de sol sôbre as águas, o vôo de um pássaro, com as coisas que possuís e com os ideais que vos governam. Para compreender tôdas essas coisas, um homem não se afasta delas. A verdade não se encontra no retraimento e no isolamento; ao contrá-

mo, no isolamento, seja ele consciente ou inconsciente, só existe treva e morte.

Está visto, pois, que não preconizo a deserção da vida, a supressão da vida; pelo contrário, só podemos compreender a vida em relação. Porque não compreendemos a vida, fazemos constante esfôrço para retrair-nos, isolar-nos; e tendo criado uma sociedade baseada na violência, na corrupção, torna-se Deus o nosso isolamento final.

Quer ainda saber o interrogante como, ganhando tão pouco, poderá viver a vida de que estamos falando. Ora, em primeiro lugar, o ganhar a vida não é apenas um problema do homem que ganha pouco, mas também vosso e meu, não é verdade? Podeis ter um pouco mais de dinheiro, podeis estar em boa situação, ter um emprêgo melhor, uma posição melhor, um depósito maior no banco, mas o problema é também vosso, tanto como meu, porque esta sociedade é uma coisa que criamos, todos nós. Enquanto nós três — eu, vós e um terceiro — não compreendermos verdadeiramente as nossas relações, não podemos realizar nenhuma revolução na sociedade. O homem que tem o estômago vazio não pode, sem dúvida, procurar a realidade; precisa, primeiro, alimentar-se, mas o homem que tem o estômago cheio, a êste cabe, por certo, a responsabilidade direta de cuidar de que haja uma revolução fundamental na sociedade, de que as coisas não continuem no estado em que estão. O pensar e sentir todos êstes problemas, a fundo, compete muito mais aos que dispõem de tempo, aos que têm lazeres, do que ao homem que ganha pouco e vive empenhado numa luta tremenda pela subsistência, que não dispõe de tempo e está extenuado, por obra desta sociedade corrupta e exploradora. Assim, sois vós e sou eu, todos os que dispomos de um pouco

mais de tempo e de lazeres, que devemos atender de maneira completa a estes problemas — o que não significa que tenhamos de tornar-nos oradores profissionais, oferecendo um sistema para substituir outro. Cabe a vós e a mim, que temos tempo, que temos lazeres para pensar, achar a maneira de se fundar uma nova sociedade, uma nova civilização.

Agora, que acontece ao homem pobre, que ganha 125 rupias ou coisa parecida? Tem de sustentar a família, tem de aceitar as superstições de sua avó, suas tias, seus sobrinhos, etc., tem de casar-se de acôrdo com um certo padrão, de praticar o *puja*, praticar cerimônias, e de acomodar-se a todos êsses supersticiosos absurdos. Está preso a esse padrão; e se se revolta, nós, as pessoas respeitáveis, o estrangulamos.

Assim, a questão do meio de vida correta, é vosso problema tanto como meu, não é verdade? Mas a nós, em maioria, não importa absolutamente o meio de vida correto: sentimo-nos satisfeitos e gratos se temos um emprêgo; e, dêsse modo, mantemos uma sociedade, uma civilização que torna impossível um meio de vida correto. Senhores, não considereis a questão teòricamente. Se, encontrando-vos numa profissão inadequada, vós fizerdes realmente alguma coisa a respeito dessa situação, não vêdes que revolução isso produzirá em vossa vida e na vida dos que vos cercam? Mas se ouvis indiferentemente e continuais como dantes, porque tendes um bom emprêgo e para vós não existe problema algum, é bem evidente que continuareis a causar sofrimentos no mundo. Para o homem que tem muito pouco dinheiro existe um problema; mas êle, como nós outros, só está interessado em ter mais, e, quando consegue ter mais, o problema continua a existir, porque então quer mais ainda.

espiorado, controlado, pelo govêrno, que é a sociedade. Êste, evidentemente, é um meio de vida injusto.

E há, ainda, a profissão de advogado. Não é ela um meio de vida injusto? Vejo alguns de vós sorrirem. Provàvelmente sois advogados e sabeis melhor do que eu em que se baseia o sistema. Fundamentalmente — não superficialmente — êle está baseado na manutenção das coisas no estado em que estão; está baseado em discordias, disputas, confusão, litígios, favorecendo a divisão e a desordem, em nome da ordem.

Há também a profissão injusta do homem que quer tornar-se rico, o grande negociante, o homem que está juntando, acumulando, amontoando dinheiro, por meio da exploração, da crueldade — mesmo quando o faz em nome da filantropia ou em nome da educação.

É bem evidente que todos êsses são meios de vida injustos, e uma completa modificação da estrutura social, uma revolução da qualidade correta, só é possível quando começa em vós mesmo. A revolução não pode basear-se num ideal ou num sistema; mas ao perceberdes tudo isso como um fato, estais libertado dêle, e por conseqüência estais livre para agir. Mas, senhores, vós não desejais agir; temeis ser perturbados e dizeis: "Já há confusão suficiente, por favor não a aumenteis". Se vós não criais mais confusão, outros a estão criando no vosso lugar, e utilizando essa confusão como um meio de adquirir poder político. Positivamente, compete-vos, como indivíduo, perceber a confusão interior e exterior, e tomar uma iniciativa — em vez de aceitá-la e ficar à espera de um milagre, de uma Utopia maravilhosa, criada por outros e na qual podeis ingressar sem esfôrço.

Senhores, este problema é vosso, tanto como o é do homem pobre. O pobre depende de vós e vós dependeis dele; êle é vosso guarda livros, enquanto vós passeais num carro suntuoso e percebeis gordos proventos, acumulando dinheiro à sua custa. O problema, pois, é tanto vosso como dêle, e enquanto não houver uma alteração radical nas relações entre vós e êle, não haverá revolução real; embora possa haver violência e derramamento de sangue, continuareis a manter as coisas, essencialmente, no mesmo estado em que estão. Por conseguinte, o nosso problema é a transformação das relações; e essa transformação não está no nível intelectual ou verbal, mas só pode realizar-se quando compreendermos o fato do que somos. Não podeis compreendê-lo, se ficais a especular, a verbalizar, negar ou justificar, e por isso é que importa seja compreendido o "processo" total da mente. Uma revolução que é mero produto da mente, não é revolução, em absoluto, mas a revolução que não é da mente, que não é da palavra, nem do sistema — essa é a única revolução, a única solução para o problema. Mas, infelizmente, cultivamos o nosso intelecto, isso que chamamos intelecto, em tal grau que perdemos todas as faculdades, excepto a capacidade meramente intelectual e verbal. Só quando vemos a vida como um todo, quando a vemos na sua inteireza, na sua totalidade, se encontra a possibilidade de uma revolução que proporcione tanto ao pobre como ao rico o que lhes é devido.

PERGUNTA: A mente consciente é ignorante e teme a mente inconsciente. Vós vos dirigis sobretudo à mente consciente, e basta isso? Vosso método terá eficácia para nos libertar do inconsciente?

Tenha a bondade de explicar de que maneira podemos lidar a fundo com a mente inconsciente.

KRISHNAMURTI: Êste é um problema sobremodo complexo e difícil, que requer muita penetração, e por isso espero que presteis atenção não apenas verbalmente, mas escutando de fato e percebendo a verdade no mesmo contida.

Ora, sabemos que existe a mente consciente e a mente inconsciente, mas a maioria de nós funciona apenas no nível consciente, na camada superficial da mente, e tôda a nossa vida, na prática, se limita a isso. Vivemos na chamada mente consciente e nunca damos atenção à mente inconsciente, mais profunda, da qual nos vem ocasionalmente uma mensagem, uma sugestão; mas essa sugestão não é atendida, ou é adulterada, ou traduzida de acôrdo com as nossas exigências do momento. Mas o interrogante pergunta: "Vós vos dirigis principalmente à mente consciente, e basta isso?" Vejamos o que se entende por mente consciente. A mente consciente é diferente da mente inconsciente? Separamos o consciente do inconsciente; e isso se justifica? Isso é verdadeiro? Existe uma tal divisão entre o consciente e o inconsciente? Existe uma barreira precisa, uma linha de demarcação, onde o consciente termina e o inconsciente começa? Sabemos que a camada superficial — a mente consciente — é ativa; mas é êste o único instrumento que está ativo durante todo o dia? Ora, se eu estivesse me dirigindo só à camada superficial da mente, então, por certo, o que estou dizendo não teria valor, não teria significação alguma. E, entretanto, a maioria de nós está apegada ao que foi aceito pela mente consciente, a qual acha conveniente ajustar-se a certos fatos óbvios; mas o inconsciente pode revoltar-se, como

muitas vezes acontece, e por isso há conflito entre o chamado consciente e o inconsciente.

Nosso problema, portanto, é êste: Existe, de fato, um estado único e não dois estados, como sejam o consciente e o inconsciente; só há um "estado de ser", que é a consciência, embora gostemos de dividi-la em consciente e inconsciente. Mas a consciência é sempre do passado, nunca do presente; só temos consciência das coisas já passadas. Tendes consciência de me ouvir um pouco depois do fato passado — não é verdade? — e o compreendeis um momento após. Nunca estamos conscientes do agora. Observai os vossos corações e as vossas mentes, e vereis que a consciência funciona sempre entre o passado e o futuro, sendo o presente mera passagem do passado para o futuro. A consciência, portanto, é um movimento do passado para o futuro. Tende a bondade de acompanhar o que estou dizendo. A matéria é um pouco abstrata e é difícil dar exemplos, símiles; e pensar por símiles não é, absolutamente, pensar, porque os símiles são sempre limitados. Precisamos pensar abstratamente ou negativamente, que constitui a mais elevada forma de pensar.

Se observardes a vossa própria mente em função, vereis que o movimento para o passado e para o futuro é um processo no qual o presente não existe. Ora é o passado um meio de fuga do presente, que pode ser desagradável, ora é o futuro, uma esperança que nos leva para longe do presente. A mente, pois, vive ocupada com o passado ou com o futuro e sacode de si o presente. Isto é, a mente está condicionada pelo passado, condicionada como hinduísta, brahmane ou não-brahmane, cristã, budista, etc., e essa mente condicionada se projeta no futuro; por esta razão nunca é capaz de olhar direta

e imparcialmente um fato qualquer. Ela ou condena e rejeita o fato, ou o aceita e com ele se identifica. Em tais condições, como é natural, a mente é incapaz de perceber qualquer fato como um fato. Tal é o nosso estado de consciência, que é condicionado pelo passado, e o nosso pensamento é a reação condicionada, ao desafio de um fato; e quanto mais reagimos de acôrdo com o condicionamento da crença, do passado, tanto mais consolidamos o passado. Essa consolidação do passado é, sem duvida, a continuidade dêle próprio, com o nome de futuro. Tal é, pois, o estado da nossa mente, da nossa consciencia — um pêndulo que oscila entre o passado e o futuro. Tal é a nossa consciencia, que é constituida não apenas das camadas superficiais da mente, mas também das camadas mais profundas. Essa consciência, por certo, não pode funcionar num nivel diferente, porquanto só conhece aquêles dois movimentos oscilatórios.

Ora, se observardes com muita atenção, percebereis que não há um movimento ininterrupto, mas que existe um intervalo entre dois pensamentos; ainda que seja por uma fração infinitesimal de segundo, há um intervalo de importância, no vaivém do pêndulo. Percebemos, pois, o fato de que o nosso pensar é condicionado pelo passado, o qual se projeta para o futuro; e no momento em que admitimos o passado, temos também de admitir o futuro; porque não há dois estados tais como o passado e o futuro, mas só um estado que inclui todo o passado — o consciente e o inconsciente, o coletivo e o individual. O passado coletivo e o individual, reagindo ao presente, produzem certas reações que criam a consciência individual; a consciência, portanto, é produto do passado, e nêle está tôda a base de nossa existência. E no momento em que temos

perceber o intervalo entre pensamentos. Êsse intervalo é espontâneo, não é produzido por nenhuma ação causal, por nenhum desejo, por nenhuma compulsão. "Experimentai", junto comigo, para ver a vossa mente em funcionamento, à medida que, aos poucos, vou entrando na matéria. Não vos inquieteis, não vos estou hipnotizando (risos). Não tenho interesse algum em vos hipnotizar ou influenciar, porque se ficais hipnotizado ou influenciado, conscientemente ou inconscientemente, vós vos tornareis meu seguidor; e tornando-vos seguidor, destruís a vós mesmo e a mim; e, por conseguinte, não existe amor entre nós. Quando há amor, não há hipnose, não há seguidor nem instrutor, nem homem nem mulher; só há a chama do amor. É êsse amor que estabelece a comunhão entre nós.

Embora seja difícil, perante auditório tão numeroso, demonstrar como a mente funciona na realidade, vou tentar fazê-lo, e podeis "experimentar", e ver por vós mesmos. Sabemos que o pensar é uma reação do "fundo de condicionamento" (*background*). Pensais como hinduísta, como *parsi*, como budista, ou sabe Deus como que mais, não apenas no vosso pensar consciente, mas também no pensar inconsciente. Vós sois o "fundo", não sois separado, pois não há pensante separado do fundo; e a reação dêsse fundo é o que chamais pensar. Êsse fundo, quer culto, quer inculto, instruído ou ignorante, está sempre correspondendo a algum desafio, a algum estímulo, e essa reação cria não apenas o chamado presente, mas também o futuro. Tal é o nosso processo de pensar.

Agora, se observardes com muito cuidado, vereis que, embora a reação, o movimento do pensamento, pareça tão célere, existem vãos, existem intervalos entre os pensamentos. Entre dois pensamentos há

um período de silêncio não relacionado com o "processo" do pensamento. Se observardes, vereis que êsse período de silêncio, êsse intervalo, não é de tempo; e o descobrimento dêsse intervalo, o completo "experimentar" do mesmo, vos liberta do condicionamento. Assim, a compreensão do processo do pensar é meditação — do que trataremos noutra ocasião. Agora estamos não apenas examinando a estrutura e o processo do pensamento, que é o fundo de memória, de experiência, de conhecimento, mas também tentando descobrir se a mente pode libertar-se dêsse "fundo". É só quando a mente não está dando continuidade ao pensamento, só quando tranqüila, com uma tranqüilidade não provocada, isto é, sem nenhuma ação causal — é só então que estamos livres do fundo. Espero ter explicado suficientemente a questão.

PERGUNTA: Por que o espírito humano se apega tão tenazmente à idéia de Deus, por várias maneiras diferentes? Podeis negar que a crença em Deus não trouxe consôlo e uma razão de ser a inúmeras criaturas que se acharam sós e desoladas? Por que quereis roubar ao homem êsse consôlo, pregando uma nova espécie de nulismo?

KRISHNAMURTI. Senhores, esta questão é tão importante como a precedente, porque todos os problemas humanos vitais são importantes Logo, tende a bondade de não resistir ao que digo, mas procurai compreendê-lo, para vêrdes.

A crença é a negação da verdade, a crença é um obstáculo à verdade; crer em Deus não é achar a Deus. Nem o crente nem o descrente encontrarão a Deus; porque a realidade é o desconhecido, e a vos-

desgraças pelo mundo; ainda que vos tenha proporcionado algum consolo momentâneo, ela, na realidade, vos tem proporcionado mais infelicidade e destruição, sob a forma de guerras, fome, divisões de classe, e a atividade desumana de determinados indivíduos. A vossa crença portanto não tem validade, em absoluto. Se de fato crêsseis em Deus, se fosse isso uma "experiência" real para vós, não estaríeis destruindo seres humanos. Não estou fazendo retórica; tende a bondade de olhar os fatos.

Vós não credes realmente em Deus, porque se crêsseis não seríeis ricos, não teríeis templos, não teríeis pobres, não seríeis um filântropo, com um título pomposo, depois de explorar os vossos semelhantes. Vossa crença em Deus, portanto, é sem valor; e ainda que vos dê algum consôlo temporário, ainda que vos compense e vos esconda da vossa aflição, vos proporcione um respeitável meio de fuga, reconhecido pela humanidade como santificante, ela não tem validade, não tem significação de espécie alguma. O que tem significação é a vossa vida, a maneira como viveis, a maneira como tratais o vosso criado, a maneira como olhais para outro ser humano.

Assim, o que prego não é negação. O que digo é que semeais o sofrimento, apegando-vos a ilusões que vos ajudam a eximir-vos de olhar as coisas como elas são. Olhar um fato de frente é ficar livre do fato, e a crença é um obstáculo ao percebimento do que é. Afinal de contas, vossa crença é resultado do vosso condicionamento. Podeis ser condicionado para crer em Deus, e outro homem pode ser condicionado para não crer, para negar a existência de Deus. Portanto, a crença impede o conhecimento real do que é; e perceber a verdade dêste fato e estar

26 de fevereiro de 1950.

capacidade de encarar o fato; e não podemos encarar o fato, qualquer que êle seja, enquanto estivermos munidos de explicações, enquanto as nossas mentes estiverem cheias de palavras. São as palavras, as explicações, as lembranças, que obscurecem a compreensão do fato. O fato é sempre novo, porque o fato é um estímulo, um desafio; mas o fato deixa de ser um estímulo, se o considerarmos apenas como velho e o pomos de lado. Assim, ao considerarmos estas questões, espero que vós e eu pensemos juntos em cada problema, a fundo. Não vou apresentar-vos soluções: vamos pensar profundamente em cada problema, juntos, para descobrirmos a verdade nele encerrada.

PERGUNTA: Vossa pregação parece ter muita afinidade com as doutrinas dos Upanishads; *por que razão, então, ficais tão perturbado se alguém faz citações de livros sagrados? Quereis dar a entender que estais expondo algo que ninguém ainda disse? A citação de palavras de outra pessoa estorva a peculiar técnica hipnótica que estais empregando?*

KRISHNAMURTI: Por que fazeis citações, e por que fazeis comparações? Costumais dizer, "Citando, posso comparar e compreender"; mas citais porque, na vossa mente, não sois nada mais do que citação (risos). Não riais, senhores, vêde bem a verdade da questão. Um disco de gramofone repete o que outra pessoa disse. Tem isso algo de vital na busca da verdade? Compreendeis citando os *Upanishads* ou outro livro qualquer?

Nenhum livro é sagrado, asseguro-vos; assim como um jornal, são só palavras impressas em papel, não há nada sagrado nem num nem noutro.

O intelectual pode ter a capacidade de falar, de expressar-se com mais clareza, mas também êle se recolhe nas suas idéias e ali vive muito tranquilo, indiferente à sociedade, acalentando suas ilusões, nascidas da mente; nessas condições, não vejo nenhuma diferença entre os dois. Tanto um como o outro estão sofrendo ilusões da mente, e nem o letrado nem o iletrado, nem o místico, o *sadu*, que foge, que se retrai do mundo, nem o comissário — nenhum dêles pode dar-nos a solução. Somos nós, vós e eu, a gente comum, que temos de resolver êste problema, sem sermos intelectuais nem místicos, sem escaparmos pela racionalização nem por meio de termos vagos e de hipnose por palavras e métodos que são autoprojeções nossas. O que sois o mundo é, e se não compreendeis a vós mesmos, o que criardes aumentará sempre a confusão e o sofrimento; mas a compreensão de vós mesmo não é um processo pelo qual tereis de passar a fim de agir. Não significa que primeiramente deveis compreender a vós mesmo e depois agir; ao contrário, a compreensão de vós mesmo está justamente na ação das relações. Ação é relação na qual compreendeis a vós mesmo, na qual vos vedes claramente; mas se esperais pela perfeição ou pela compreensão de vós mesmo, essa espera equivale a morrer. Os mais de nós estivemos ativos, e essa atividade deixou-nos vazios, estéreis; e, sendo mordidos, detemo-nos e interrompemos a ação, dizendo: "Não quero agir enquanto não compreender". Esperar, para compreender, é um processo de morte; mas se compreendeis inteiramente o problema da ação, do viver minuto por minuto, o que não exige espera, então a compreensão está naquilo que fazeis, está na própria ação, e não separada do viver. Viver é ação, viver é relação, e porque não compreendemos as relações, porque evitamos as re-

ção, absolutamente. A verdadeira revolução vem de dentro, e essa revolução não pode ser realizada pela fuga, só vem quando compreendeis as vossas relações, as vossas atividades diárias, vossa maneira de proceder, de pensar, de falar, vossa atitude para com o próximo, para com vossa esposa, vosso marido, vossos filhos. Se não compreendeis a vós mesmo, podeis fazer o que quiserdes, fugir para o mais longe possível, mas só produzireis mais sofrimento, mais guerras, mais destruição.

PERGUNTA: A prece é a única expressão do coração humano; é o apelo de unidade, do coração. Todas as escolas de Bhaktimarga se baseiam na tendência instintiva para a devoção. Por que a repudiais, considerando-a coisa da mente?

KRISHNAMURTI: A maioria das pessoas reza — todos vós o fazeis — num templo, no seu quarto, ou, silenciosamente, no seu coração. Quando rezais? Ora, rezais quando estais em dificuldade, não é assim? Quando estais em face de um problema grave, quando estais atribulado, quando não tendes quem vos ajude em vossa dificuldade, quando sois infelizes, quando estais confusos, perturbados, e desejais socorro — então, orais. A prece é o grito de socorro, de todo ente humano, na aflição. A prece, portanto, em geral, é uma petição, não é verdade? É uma súplica dirigida a uma entidade exterior a vós, separada de vós, para que ela vos ajude, — e desejais estar em união com essa entidade.

Pois bem, senhores, a maioria de vós ora, de uma ou de outra maneira, por isso procurai compreender o que estou dizendo; não lhe oponhais resistência, sem primeiro averiguar bem. Não vos estou mesmerizando, estou procurando comunicar-vos que resistir

a uma coisa nova não é compreendê-la. Não digais que eu esteja condenando a prece, que a considero sem valor; porque pode haver uma maneira diferente de considerar esse problema. Se não me acompanhardes com um certo grau de atenção, receio que não compreendereis o que desejo transmitir-vos. A prece é uma súplica, um apelo dirigido a algo exterior a nós. Existe alguma coisa exterior a nós? Não citeis os *Upanishads* ou Marx, porque citações não tem valor. Os *Upanishads* podem afirmar que existe alguma coisa fora de nós, e o marxista dizer que nada existe, mas todos dois podem estar errados. Vós tendes de descobrir a verdade a esse respeito, e para a descobrirdes tereis de examinar o "processo" de vós mesmos na oração; tereis de compreender porque orais. Não estamos por ora considerando se há uma resposta à oração, ou como vem essa resposta; trataremos disso mais adiante. Quando orais, está entendido que orais a outra pessoa, a uma entidade superior, uma entidade exterior a vós; mas antes de examinarmos este ponto, precisamos primeiramente verificar por que oramos.

Qual é o "processo" da oração? Em primeiro lugar, evidentemente, oramos porque estamos confusos. Um homem feliz não ora, não é verdade? Um homem que sente alegria, que sente deleite, não reza. É o homem que está na aflição, o homem que se defronta com uma dificuldade, que está em confusão, que sofre, — é êsse homem que reza; e sua prece ou é para que se dissipe a sua confusão, ou é uma súplica relativa a alguma outra necessidade urgente. Assim, o homem que reza está em confusão, em aflição, em tribulação. E que acontece, quando êle reza? Já observastes a vós mesmos, quando orais? Vós vos ajoelhais ou vos sentais, quieto, tomais uma certa postura, não é assim? Ou,

mas a resposta procede sempre de vós mesmo e não do exterior. As memórias coletivas, os instintos coletivos, as idiossincrasias e reações coletivas — tudo isso projeta na mente tranquila a sua sugestão, mas esta provém sempre da entidade limitada, da consciência condicionada, e não de uma esfera exterior. Eis como são atendidas as vossas preces. Vós sois parte do coletivo, e vossas preces são atendidas pelo coletivo que está em vós; e a resposta à oração tem de ser satisfatória para a mente consciente, pois do contrário não a aceitareis. Vós crêdes e orais, porque desejais ser tirados de vossas dificuldades; e a maneira de sairdes de vossas dificuldades é sempre agradável, pois de algum modo, as vossas preces são sempre atendidas segundo a satisfação que desejais. Assim, as nossas orações, que são súplicas, obtêm uma resposta das profundezas de nós mesmos, e não de fora de nós.

A outra questão é a seguinte: Existe alguma coisa fora de nós mesmos? Para o averiguarmos requer-se uma maneira de pensar inteiramente diferente, que dispensa a prece, a meditação, e as citações, sendo apenas necessária a compreensão de todo o processo da consciência. A mente pode "projetar" idéias relativas a Deus ou à realidade, mas o que a mente projeta não está fora do domínio do pensamento; e enquanto estiver ativa, projetando as suas próprias concepções, não pode a mente, de certo, descobrir se existe algo fora dela própria. Para o descobrir, deve a mente deixar de "projetar", porque tudo quanto pensar apenas exteriorizará o próprio pensamento, consciente ou inconsciente. O que a mente pode "projetar" não está fora do seu próprio campo, e para descobrirmos se existe alguma coisa exterior à mente, esta, como pensamento, deve deixar de existir. Todo movimento, tôda atividade

por parte da mente é sempre "projeção" dela própria, e enquanto existir pensamento nunca poderá ela achar aquilo que está além dela mesma. O que está além da mente só pode ser descoberto quando ela estiver tranquila; e o tranquilizar da mente não é um processo de vontade, de ação determinada. A mente posta tranqüila, pela ação da vontade, não é, por certo, uma mente tranquila; o problema, por conseguinte, é como pode o pensamento terminar sem o forçarmos, pela vontade, a terminar; porque, se disciplino a mente para que fique tranqüila, terei então uma mente morta, uma mente fechada, e não uma mente livre. Só a mente livre é capaz de descobrir o que está além dela própria, e essa liberdade não pode ser imposta à mente. Imposição não é liberdade, disciplina não é liberdade, conformismo não é liberdade; e quando a mente percebe isso, que conformismo, condicionamento, não é liberdade, então está livre. Perceber o fato é o começo da liberdade; perceber o falso como falso e o verdadeiro como verdadeiro, não num futuro distante, mas de momento em momento; só então temos aquela liberdade, na qual a mente pode ser simples e serena, e essa mente serena pode saber o que existe além dela própria.

PERGUNTA: Aceitais a lei da reencarnação e do karma *como válida, ou admitis um estado de completo aniqüilamento?*

KRISHNAMURTI: Como provàvelmente a maioria de vós crê na reencarnação e no *karma*, peço-vos que não oponhais resistência ao que vou dizer. Pela resistência não há compreensão, pela resistência não há comunhão; para compreendermos uma coisa, precisamos amá-la, o que significa que

devemos estar em comunhão com ela e não temê-la. Em primeiro lugar, a crença, de qualquer espécie, é a negação da verdade. A mente que crê não é uma mente que perscruta, a mente que crê nunca pode achar-se em estado de "experimentação". A crença é apenas um vínculo criado por determinado desejo. O homem que crê na reencarnação, não pode conhecer a verdade a seu respeito, porque sua crença é mero conforto, uma fuga à morte, ao mêdo da não-continuidade; êsse homem não pode achar a verdade relativa à reencarnação, porque o que êle deseja é confôrto e não a verdade. Pois bem, se tendes verdadeiro interêsse, podemos, vós e eu, averiguar a questão; e o que importa é a maneira como nos aplicamos ao problema. Como nos aplicamos ao problema da reencarnação? Aplicamo-nos a êle com o sentimento de temor, com curiosidade, ou com o desejo de continuidade? Ou desejais conhecer o que é? Não é isso fundamental, a pergunta? A mente que deseja conhecer a verdade, como quer que ela seja, encontra-se, decerto, num estado diferente da que, porque teme a morte, anda em busca de confôrto, de continuidade, e por isso está apegada à reencarnação. Essa mente, é claro, não se acha em "estado de descobrimento". Assim, a maneira como nos aplicamos ao problema tem importância; e admito que estejais vos aplicando ao problema de maneira correta, não com o desejo de confôrto mas, sim, de descobrir a verdade contida nesta questão.

Ora, que se entende por reencarnação? Que é que se reencarna? Sabeis que existe a morte; não importa o que façamos, não podemos evitá-la. Podemos adiar a morte, mas ela constitui um fato, o qual vamos examinar daqui a pouco. Que é que se reencarna? De duas, uma — ou é uma entidade espiritual, ou é uma coisa que representa apenas

uma acumulação de experiência, de conhecimentos, de memória, não só individual mas também coletiva, a qual toma forma de novo numa outra vida. Examinemos, pois, estas duas coisas. Que entendeis por "entidade espiritual"? Existirá em vós uma entidade espiritual, algo que não é da mente, que está além da sensação, algo que não é do tempo, algo imortal? Direis que sim — como o fazem todas as pessoas religiosas. Dizeis que existe uma entidade espiritual que está fora do tempo, fora da mente, fora da morte. Tende a bondade de não resistir, vamos pensar bem nesta questão. Se dizeis que há em vós uma entidade espiritual, essa é, sem dúvida, o produto do pensamento, não é verdade? Falaram-vos a respeito dela; não é uma "experiência" vossa. Assim como um homem fica condicionado, se o educam com a idéia de que não existe entidade espiritual mas apenas o encontro de várias influências sociais, econômicas e ambientes, assim também estais condicionado pela idéia de uma entidade espiritual, não é verdade? Ainda que vós mesmo tenhais descoberto que existe uma entidade espiritual, ela por certo está ainda compreendida no domínio do pensamento; e o pensamento é resultado do passado, o pensamento é produto do passado, o pensamento é acumulação, memória. Isto é, se podeis pensar numa entidade espiritual, essa entidade, por certo, está ainda compreendida no domínio do pensamento, logo, é produto do pensamento, projeção do pensamento; e, por conseguinte, não é uma entidade espiritual. O que é suscetível de ser pensado está sempre compreendido no domínio do pensamento, não pode ser algo situado fora dele.

Ora, se não existe entidade espiritual, que é então que se reencarna? E se existe entidade espiritual, pode ela reencarnar-se? É ela uma coisa do

tempo, uma coisa da memória, que vem e vai, segundo nossa conveniência, segundo nosso desejo? Se ela nasce, se é um "processo" no tempo, se progride, então de certo, não é nenhuma entidade espiritual; se não é do tempo, então não pode reincarnar, tomar uma nova vida. Nessas condições, se não existe entidade espiritual, então o "vós" é apenas um feixe de lembranças acumuladas; o "vós" é vossa propriedade, vossa esposa, vosso marido, vossos filhos, vosso nome, vossas qualidades. A acumulação das experiências do passado, em conjunção com o presente, constitui o "vós", tanto o consciente como o inconsciente, tanto o coletivo como o individual — êsse feixe todo é o "vós", e o feixe pergunta: "Reincarnar-me-ei, terei continuidade? Que acontecerá depois da morte?". Se existe uma entidade espiritual, ela está fora do pensamento, não pode ser colhida na rêde da mente; e para descobrir essa entidade, êsse estado espiritual, a mente deve estar quieta, não pode estar agitada pelo funcionamento do pensamento. Ora, perguntais se o "vós" tem continuidade — o "vós", que é o nome, a propriedade, os móveis, as lembranças, as idiossincrasias, as experiências, os conhecimentos acumulados. Tem isso continuidade? Isto é, o pensamento condicionado tem continuidade? O pensamento, é claro, tem continuidade; para o perceberdes não precisais investigar muito. Tendes continuidade em vossos filhos, em vossa propriedade, em vosso nome; isso sem dúvida continúa, de uma maneira ou de outra. Mas essa continuidade não vos satisfaz, não é verdade? Desejais continuar como entidade espiritual, e não apenas como pensamento, como um feixe de reações — isso não tem graça. Mas, sois alguma coisa mais do que isso? Sois algo mais do que vossa religião, vossas crenças, vossas divisões de casta,

"eu", êsse pensamento continuará, e tudo o que continua tem em si a semente da morte e da deterioração, e não é criador. Só o que termina pode ver o que é novo, fresco, o todo, o desconhecido. Senhor, isto é simples e muito claro. Enquanto persistirdes no hábito de um determinado pensamento, não podeis naturalmente conhecer nenhuma coisa nova, podeis? É só depois de largardes tôdas essas coisas, completamente, que vem o novo. Mas não ousais largar o velho, porque temeis o novo; porque temeis a morte é que tendes tantos meios de fuga. Escrevem-se mais livros sôbre a morte do que sôbre a vida, porque desejais evitar a vida. Viver é para vós uma continuidade, mas o que continua se estiola, não tem vida; tem sempre medo de encarar o fim — e é por isso que desejais a imortalidade. Tendes a vossa imortalidade no vosso nome, na vossa propriedade, nos vossos móveis, no vosso filho, nas vossas roupas, na vossa casa; tudo isso é a vossa imortalidade — vós a tendes, mas desejais algo mais. Quereis imortalidade do "outro lado" — e essa também a tendes, através do vosso pensamento identificado como "vós", na continuação; e o "vós" persistirá enquanto se preocupar com idéias e coisas: casa, roupas, móveis, crenças, etc. Mas, não vos caberia averiguar se aquilo que continua pode em algum tempo conhecer o atemporal? O que continua implica um processo de tempo — o passado, gerando, em conjunção com o presente, o amanhã, o futuro, que, por sua vez, gera outro futuro; e existe, assim, a continuidade. Mas pode essa continuidade fazer surgir, descobrir o desconhecido, o incognoscível, o eterno? E se não pode, que vantagem há em fazer continuar êsse pensamento que se identifica como "eu"? O "eu", que é pensamento identificado, estará sempre em estado de conflito, de constante sofrimento, de preocupação

perpétua com problemas, etc.; e tal é a condição da continuidade. Só quando a mente findar, quando não estiver identificada como "eu", conhecereis o que está além do tempo; mas o mero especular sôbre o que está além é desperdício de energia, é a ação do indolente. Assim, aquilo que tem continuidade nunca pode conhecer o real, mas o que finda conhecerá o real. Só a morte pode mostrar o caminho para a realidade — não a morte da velhice, nem a morte da doença, mas a morte de cada dia, o morrermos a cada minuto, para vermos o novo.

Nesta questão está também implicado o problema do *karma*. Não preferiríeis que eu tratasse dêle noutra ocasião? Já são sete e meia. Ou quereis que o faça agora?

Manifestação do Auditório. Sim, senhor.

KRISHNAMURTI: Compreendestes o que eu disse acêrca da reencarnação? Compreendestes, senhores? Por que êste estranho silêncio? (Interrupção). — Não estamos aqui em discussão, senhor. Discutiremos na próxima terça-feira, sôbre a questão do tempo, e na quinta-feira à noite trataremos da meditação. Mas, se pensardes deveras no que acaba de ser dito, percebereis a extraordinária profundeza do findar, do morrer. A mente que é capaz de morrer a cada minuto, conhecerá o eterno; mas a mente que tem continuidade nunca pode conhecer aquilo que a transcende. Senhor, não estou expressando algo para ser citado ou discutido; tendes de vivê-lo, e só então conhecereis a sua beleza, conhecereis a profundeza e a significação do morrer a cada minuto. Morrer significa apenas o findar do passado, que é memória — não a memória que consiste em recordar e reconhecer fatos; refiro-me ao findar da

acumulação psicológica que constitui o "eu" e o "meu". E nesse findar do pensamento identificado encontra-se o novo.

Desejais agora que eu responda à pergunta relativa ao *karma*. Tende a bondade de considerar esta questão com liberdade, e não com resistência, com superstição, com vossas crenças. Evidentemente, existe causa e efeito. A mente é o resultado de uma causa; vós sois o produto de ontem, e de muitos, muitos milhares de dias passados; causa e efeito são um fato óbvio. A planta contém em si, ao mesmo tempo, a causa e o efeito. É especializada; uma determinada semente não pode tornar-se algo diferente. A semente do trigo é especializada, mas nós, os entes humanos, somos diferentes, não é verdade? O que se especializa pode ser destruído; qualquer coisa que se especializa tem de perecer, biológica e psicologicamente; mas, quanto a nós, o caso é diferente, não é verdade? Vemos que a causa se torna efeito e o que foi efeito se torna uma nova causa, e isso é muito simples. Hoje é o resultado de ontem, e amanhã será o resultado de hoje; ontem foi a causa de hoje, e hoje é a causa de amanhã. O que foi efeito se torna causa, e temos, assim, um processo infinito. Não há causa separada do efeito, não há divisão entre causa e efeito, porque a causa e o efeito se entrelaçam; e logo que perceba o processo da causa e efeito, como êle realmente opera, pode o indivíduo ficar livre dêle. Enquanto nos preocuparmos só com a conciliação dos efeitos, a causa se assimila com padrões e êstes se tornam então o motivo determinante da ação; mas existirá, em algum momento, uma linha de demarcação, onde a causa termina e o efeito começa? Não existe, por certo, porque causa e efeito estão em movimento constante. Na realidade, não há causa e efeito, mas apenas um movimento do "que

foi", através do presente, para o futuro; e, para a mente que está cativa nêsse processo no qual "o que foi" faz do presente uma passagem para "o que será", só há resultados. Isto é, à mente em tais condições só interessa resultados, só interessa a conciliação dos efeitos, e, por conseguinte, para essa mente não há fuga possível, das suas próprias "projeções". Assim, enquanto o pensamento está preso no processo da causa e efeito, a mente só é capaz de operar dentro da sua própria clausura e, portanto, não há liberdade. Só há liberdade quando percebemos que o processo da causa e efeito não é estacionário, estático, mas está sempre em movimento; uma vez compreendido, êsse movimento cessa — e dá-se, então, a possibilidade de passarmos além.

Assim sendo, enquanto a mente funcionar apenas em reação a estímulos do passado, tudo quanto ela faça só irá aumentar o seu infortúnio; mas, logo que perceba e compreenda o fato representado por todo êsse processo de causa e efeito, essa mesma compreensão do fato a libertará dêle. Só assim é a mente capaz de conhecer o que não é resultado nem causa. A verdade não é um resultado, a verdade não é uma causa; é algo sem causa. Tudo o que tem causa é produto da mente, tudo o que tem efeito é produto da mente; e para se conhecer o incausado, o eterno, o que está fora do tempo, cumpre que a mente, que é efeito do tempo, deixe de operar. O pensamento, que é efeito e causa, deve deixar de funcionar, pois só então é possível conhecer aquilo que está além do tempo.

5 de março de 1950.

V

CONFERÊNCIA REALIZADA EM BOMBAIM

ESTA é a última conferência realizada aqui. Creio que haverá uma conferência na terça-feira, dia 14, em Dadar, às nove horas; provàvelmente já estais informados a respeito.

Penso que é importante compreender o significado das palavras, não apenas superficialmente, de acôrdo com o dicionário, mas também percebendo a sua significação além do nível verbal; porque somos hipnotizados por palavras e pensamos que, entendendo uma palavra, compreendemos todo o seu conteúdo. A palavra só se torna significativa quando ultrapassamos o seu nível superficial, a acepção ordinária ou comum, e lhe penetramos o significado mais profundo. Temos sido hipnotizados por palavras tais como "Deus", "amor", "vida simples", e, sobretudo nos tempos modernos, em que há tanta confusão, em que há tantos guias, tantos livros, teorias e opiniões, tendemos a ser fàcilmente hipnotizados pela palavra "atividade" ou "ação". Julgo, portanto, que seria vantajoso entrarmos no problema examinando primeiramente o que entendemos por ação, em vez de nos deixarmos meramente hipnotizar por essa palavra. Julgamo-nos muito vivos e muito ativos quando estamos em constante agitação, em constante movimento, sempre fazendo alguma coisa, seja no clube, na política, na família, ou em qualquer outro setor. Pensamos que atividade é

vida; mas será vida, realmente? Viver nas reações mecânicas da existência cotidiana — isso é vida? Uma vez que a mera atividade nos toma a maior parte das energias, é importante que compreendamos as palavras "ação" e "atividade", em vez de nos deixarmos mesmerizar por elas? A ação, sem dúvida, é necessária, ação e vida — mas em que nível? Agimos de acôrdo com a opinião, de acôrdo com a memória e a tradição, e somos toda uma série de reações condicionadas. Nossa ação e nossa moral baseiam-se no "que foi", e o nosso pensar — evidentemente base da nossa ação, é quase mecânico; os mais de nós somos como máquinas, nas coisas que fazemos. Manejamos uma máquina de determinada maneira, e ela nos oferece certas reações; de modo idêntico, recebemos certas comunicações através dos sentidos, e reagimos. Assim, o nosso pensar e as nossas atividades são quase mecânicos, e a êsse pensar mecânico, com suas reações e sua atividade, chamamos "viver". Satisfazemo-nos com viver nêsse nível, e somos hipnotizados pelos nossos guias, por nós mesmos, pelas nossas influências ambientes, para continuarmos a viver nêsse estado.

Ora, será possível passar além e averiguar o que é ação? Para a maioria de nós ação é mera reação mecânica a um estímulo. Pergunto-vos uma coisa e vós respondeis. Há uma constante invasão de estímulos e uma reação constante, consciente ou inconsciente; e êsse "processo" do nosso "fundo", da tradição do "que foi", reagindo mecânicamente ao desafio, aos estímulos, constitui tôda a nossa existência, constitui o nosso pensar e a nossa atividade. Religiosamente, ou politicamente, estamos sempre reagindo a um desafio, e a essa reação chamamos atividade. Mas essa reação é ação? Pode ela em algum tempo ser ação? Por certo, ela não é ação,

êle que transparece, quer o coloquemos no mais alto nível, chamando-o de *Atman*, *paramatman*, ou alma, quer seja o possuidor das coisas, o que aspira ao poder, à virtude. O "eu" é, apenas, reação e, por conseqüente, o findar da reação é o findar do "eu". Eis porque importa se compreenda todo o processo do "eu", que significa, evidentemente, o processo do pensar. Porque baseado na reação, o nosso pensar é mecânico. O "eu" é mecânico e, por conseguinte, só pode reagir mecânicamente; e para se passar além necessita-se autoconhecimento completo. O "eu" é reação, porisso quando houver a compreensão do "eu", descobriremos o que é ação, porque ação é desafio, não é uma reação; a ação parte do centro que não tem ponto. Ora, nós habitualmente agimos de um centro que tem um ponto, que é o "eu": — meus temores, minhas esperanças, minhas frustrações, minhas ambições, meu condicionamento sociológico, de ambiente ou religioso, é êsse o centro de onde reagimos; enquanto êsse centro não for perfeitamente compreendido, por mais que tentemos resolver os nossos problemas, êles só tenderão a multiplicar-se, e haverá mais sofrimento, mais luta, mais catástrofes. Eliminar a reação é criar um centro sem ponto; e quando existe êsse centro sem ponto, surge a ação, e a ação é, ela própria, desafio.

A compreensão da mente só é possível nas relações; relações com a propriedade, as pessoas e as idéias. Atualmente essas relações são reações, e um problema criado pela reação não pode ser resolvido por outra reação; só pode ser resolvido quando compreendido todo o processo da reação, que é o "eu". Vereis então que há uma ação que não é reação, que é o próprio desafio, que é criadora; mas êsse estado não se realiza pelo processo de fechardes os olhos e cairdes em profunda e peculiar meditação, em deva-

ódio, e que sei eu? Religião, portanto, é autoconhecimento é o começo da compreensão da reação; e sem autoconhecimento não existe base para o pensar, só há base para a reação. O "processo" da reação não é pensar. O pensar é ação sem centro — mas, nêsse caso, já não é pensar, porque não há mais verbalização, acumulação de memória, de experiência... Só podemos resolver os nossos problemas, quando a êles nos aplicamos de maneira nova, quando há ação criadora, e não pode haver ação criadora se há reação mecânica. Uma máquina não é criadora, por mais maravilhosamente montada que seja; e nós temos uma mente maravilhosamente montada, mecânica, criadora de problemas. Para resolver êsses problemas, damos-lhes ocasionalmente um choque, e depois choques e mais choques; o método de choque não constitui a solução de nenhum problema. A solução dos problemas se verifica quando há ação que não é reação, e isso só é possível quando compreendemos todo o processo da mente nas suas relações da vida diária.

Religião, pois, é compreensão da vida diária, e não uma teoria ou um processo de isolamento. Um homem religioso que recita certas palavras e ao mesmo tempo explora a outros sem misericórdia, é òbviamente um "escapista"; sua moral, sua respeitabilidade não têm significação. A compreensão do "eu" é o comêço da sabedoria, e sabedoria não é reação. Só quando compreendo todo o processo da reação, que é condicionamento, só então existe um centro sem ponto, que é a sabedoria.

Parece que é fácil fazer perguntas, pois numerosas me foram enviadas. De tôdas essas perguntas, foi feito um resumo das mais típicas. Ei-las aqui. Nessas condições, se as vossas perguntas específicas não forem respondidas exatamente como as formu-

lastes, estarão sendo respondidas apenas diferentemente, mas os problemas são os mesmos. Respondendo a estas perguntas, tende a bondade de não acompanhar apenas no nível verbal o que se disser, mas procurai "experimentá-lo". Façamos juntos a jornada e observemos, por assim dizer, cada flôr, cada pedra, cada animal morto que encontrarmos pelo caminho, tôda a sujidade e tôda a beleza que orlam a estrada. Esta é a única maneira de resolvermos qualquer dos nossos problemas: observando com clareza, com precisão e atenção, tudo o que vemos e sentimos.

PERGUNTA: Quereis ter a bondade de explicar o "processo" da vossa mente, quando falais aqui? Se não acumulastes conhecimentos, se não tendes um reservatório de experiência e de memória, de onde vem a vossa sabedoria? Como conseguis cultivá-la?

KRISHNAMURTI: Estou hesitante, porque não vi as perguntas antecipadamente. Responderei espontâneamente e, assim sendo, tereis de acompanhar-me de maneira espontânea, abstendo-vos de pensar pelas linhas tradicionais. A questão, pois, é de como a minha mente funciona, e como acumulo sabedoria. "Se não tendes um reservatório de experiência e de memória, de onde vem a vossa sabedoria? Como consegue cultivá-la?". — Antes de mais nada, como sabeis que o que estou dizendo é sabedoria? (risos). Não riais, senhores. É fácil rir e passar adiante, sem dar mais atenção à coisa. Como sabeis que o que estou dizendo é a verdade? Qual o critério, qual o padrão que vos serve de medida? Há medida para a sabedoria? Podeis dizer que "isso" é sabedoria e "aquilo" não é? A sensação é sabedoria, ou a reação à sensação é sabedoria? Senhor, não sabeis o que é sabedoria, e, por conseguinte, não po-

deis dizer que eu estou exprimindo sabedoria. Sabedoria não é algo que se experimente ou se encontre em algum livro. A sabedoria não é coisa que se possa experimentar, que se possa captar, acumular. Pelo contrário, a sabedoria é um "estado de ser" em que não há acumulaçao de espécie alguma; não se pode acumular sabedoria.

O interrogante deseja saber como a minha mente funciona. Se posso estender-me um pouco a êsse respeito, eu vo-lo mostrarei. Não há um centro de onde ela opera, não há memória de onde ela reage. Há a lembrança do caminho que acabo de tomar, do caminho no qual eu vivo, há o reconhecimento de pessoas, de incidentes, mas não há processo de acumulação, não há processo mecânico de gradual acumulação do qual procede a reação. Se eu desconhecesse o uso do inglês ou de outra língua qualquer, não estaria em condições de falar. A comunicação no nível verbal é necessária, para que possamos entender-nos; mas o que se diz, como é dito, e de onde é dito, isso é que tem importância. Ora, quando se faz uma pergunta, se a resposta parte de uma mente que acumulou experiências e lembranças, essa resposta é então mera reação e não é, portanto, raciocínio; mas quando não existe acumulação, o que significa que não existe reação, não há frustração, nem esfôrço, nem luta. O "processo" de acumulação, o centro acumulador, assemelha-se a uma árvore de raízes profundas, dentro de um curso dágua, a juntar dejectos em redor de si; e o pensamento, sentado no alto dessa árvore, imagina que está pensando, vivendo. A mente assim só está acumulando; e a mente que acumula, sejam conhecimentos, seja dinheiro ou experiência, não está vivendo, evidentemente. Só quando a mente se move, quando flui, há o viver. O interrogante deseja saber como

entre a Índia e o Paquistão? Esta situação está criando uma mentalidade de vingança e represália em massa. De nada adiantam apelos e argumentos. A inação é crime. Como fazer frente a um problema como êste?

KRISHNAMURTI: Senhor, por que chamamos crime à inação? Segundo vós, só há duas maneiras de atender a êste problema, a saber: ou tornar-se pacifista ou empunhar um fuzil. Essa é a única maneira como reagis, não é verdade? Essa é a única maneira que a maioria das pessoas conhece, de resolver um problema desta natureza. Para vós o fuzil e o pacifismo representam os únicos meios de ação, não é verdade? Pensais que respondeis ao desafio, ao exercerdes vingança, um fuzil nas mãos, ou de qualquer outra maneira, e se pensais que a violência não constitui solução, vos tornais pacifista. Em outras palavras, desejais que a vossa ação seja aprovada, e a aprovação vos satisfaz; dizeis: "sou pacifista" ou "tenho um fuzil", e essa etiqueta que colais em vós mesmo vos satisfaz e pensais ter resolvido o problema. Essa é, por certo, a reação geral, não é verdade? É por isso que dizeis que a inação é crime. É crime, naturalmente, dêsses dois pontos de vista. O homem que não tem um fuzil nas mãos ou não se declara pacifista é para vós um criminoso, porque pensais, segundo as etiquetas consagradas, em conformidade com aquêles dois modos de pensar. Visto isso, verifiquemos se a inação é crime — entendendo-se por inação o não operar segundo aquelas duas normas ou seus equivalentes. É crime isso? É crime dizer "Não sou pacifista, e não ando armado de fuzil"? Em que caso diríeis tal coisa? — Ao perceber que tanto uma como a outra norma não passam de meras reações ao desafio e que por meio

de reação não se resolve o problema. Por certo, o homem que empunha um fuzil, assim procede por causa da sua reação, a qual é produto do seu condicionamento como nacionalista, como hindú, como cidadão do Paquistão, ou como quer que seja chamado. O empunhar um fuzil é apenas uma reação conforme com o seu condicionamento. E o homem que não anda de fuzil, que se denomina pacifista, está também reagindo de acôrdo com seu particular ponto de vista, não é verdade? São estas as duas reações que conhecemos e com que todos estamos familiarizados. Em tempo de guerra fazeis do pacifista um mártir, etc.; mas êsses são os dois modos de atividade reconhecidos e quando procedeis de acôrdo com uma dessas duas normas, com tudo o que elas implicam, sentis-vos satisfeitos, pensando que pelo menos estais fazendo alguma coisa com relação à guerra, e que os outros reconhecem que a estais fazendo. Sentis-vos satisfeitos, e êles se sentem satisfeitos; e quanto mais fuzis forem empunhados, tanto melhor.

Pois bem, o homem que em tempo de guerra nem se arma de fuzil nem se denomina pacifista, que fica inativo, no sentido profundo da palavra, que não corresponde ao desafio por meio de reação — a êsse homem declarais inativo e, portanto, criminoso. Ora, é criminoso, êsse homem? Está êle inativo? Não sois vós os criminosos, tanto o pacifista, como o homem do fuzil? O criminoso, sem dúvida, não é o homem que diz: "não reagirei, em face da guerra, de maneira nenhuma" — porque êsse homem não tem pátria, não pertence a religião alguma, a nenhum dogma, não tem guia, nem político, nem religioso, nem econômico, não pertence a nenhum partido, porque tôdas essas coisas são reações; êle, por conseguinte, nem é pacifista nem anda armado

de fuzil. E quando um homem não reage a um desafio, mas é o desafio, a êsse homem chamais inativo, um inútil, porque não se enquadra em nenhuma dessas duas categorias. Sem dúvida está tudo errado, tanto o pacifismo como o empunhar do fuzil, porque são meras reações, e por meio de reação nunca chegareis a resolver problema algum. Resolvereis o problema da guerra só quando vós mesmo fôrdes o desafio, e não meramente uma reação.

Vemos, pois, que o homem que empunha um fuzil não resolve o problema; pelo contrário, aumenta-o; porque toda guerra produz outra guerra — isso é um fato histórico. A primeira guerra mundial produziu a segunda guerra mundial, a segunda produzirá a terceira, e assim por diante. Pois bem, em face do problema, vós reagis e dizeis: "Sou pacifista, não empunharei fuzil e irei para a prisão, sofrerei por isso; tenho uma causa pela qual estou agindo". O sofrer, o tornar-se mártir, é ainda uma reação e por conseqüência também não pode resolver o problema. Mas o homem que não está reagindo em face da guerra por maneira nenhuma, é o próprio desafio, êle é, em si mesmo, o quebrador das velhas tradições, e êsse homem é a única entidade capaz de resolver este problema. Eis porque é de importância que compreendais a vós mesmo, o vosso condicionamento, a maneira como fostes criado, educado; porque o govêrno, o regime, é vossa própria "projeção". O mundo sois vós; o mundo não está separado de vós. O mundo, com seus problemas, é projetado pelas vossas reações, e por conseqüência a solução não se encontra em mais reações. Só pode haver uma solução quando há ação que não é reação, e isso só pode realizar-se ao ser compreendido todo o processo da reação a estímulos tanto de fora como de dentro, o que significa que compreendeis então a estru-

tura do nosso próprio ser, da qual se origina a sociedade.

PERGUNTA: Conhecemos o sexo como uma natural necessidade física e psicológica, e êle parece ser uma causa profunda do caos na vida pessoal de nossa geração. Inspira êle horror às mulheres jovens, que são vítimas da lascívia dos homens. Tanto a repressão como a transigência são igualmente ineficazes. Como resolver este problema?

KRISHNAMURTI: Por que logo transformamos num problema tudo quanto tocamos? Fizemos de Deus um problema, fizemos do amor um problema, fizemos das relações, do viver, um problema, e fizemos do sexo um problema. Por que? Por que tudo o que fazemos é um problema, uma coisa medonha? Por que sofremos? Por que se tornou o sexo um problema? Por que nos sujeitamos a viver cheios de problemas, e por que não lhes pomos termo? Por que não morremos para os nossos problemas, em vez de os levarmos conosco, dia por dia, ano por ano? O sexo, sem dúvida, é uma questão relevante, da qual me ocuparei mais adiante. Existe, porém, uma questão primária: Por que fazemos da vida um problema? O trabalho, o sexo, ganhar dinheiro, pensar, sentir, experimentar, enfim, todo o nosso viver — por que tudo isso é problema? Não é, essencialmente, porque nós sempre pensamos de um determinado ponto de vista, de um ponto de vista fixo? Estamos sempre pensando de um centro para a periferia, mas a periferia constitui o centro, para a maioria de nós, e por isso qualquer coisa que tocamos é superficial. Mas a vida não é superficial, ela exige que a vivamos completamente, e porque estamos vivendo apenas superficialmente, só conhecemos a reação superficial. Tudo o que fazemos na

periferia há de criar, inevitavelmente, um problema, e tal é a nossa vida: vivemos à superfície e nos contentamos com viver nela, com todos os seus problemas. Assim, existem problemas enquanto vivermos superficialmente, na periferia, sendo essa periferia o "eu" e suas sensações, o qual pode ser exteriorizado ou subjetivado, o qual pode ser identificado com o universo, com a nação, ou com outra coisa qualquer feita pela mente. Enquanto vivermos dentro da esfera da mente, haverá complicações, haverá problemas; e é só isso o que sabemos. A mente é sensação, a mente é o resultado de sensações, de reações acumuladas, e qualquer coisa que ela toca há de criar, necessàriamente, sofrimento, confusão, um problema infinito. A mente é a causa real dos nossos problemas, a mente que funciona mecânicamente, noite e dia, consciente e inconscientemente. A mente é uma coisa sobremodo superficial e levamos gerações, levamos toda a nossa vida a cultivar a mente, tornando-a cada vez mais eficaz, cada vez mais sutil, cada vez mais astuta, mais desonesta e solerte, — sendo tudo isso muito evidente, em tôdas as atividades da nossa vida. A própria natureza da mente é o ser desonesta, solerte, incapaz de enfrentar os fatos; e essa é a coisa que cria problemas, e ela própria, essa coisa, é o problema. Agora, que entendemos, quando falamos de "problema do sexo"? É o ato ou é o pensamento a respeito do ato? Evidentemente, não é o ato. O ato sexual não é problema algum, tampouco o é o comer; mas se ficamos a *pensar* o dia inteiro a respeito do comer ou de qualquer outra coisa, ela se torna um problema para nós (risos). Não riais e não olheis uns para os outros, essa é a vossa vida. Qual é então o problema: o ato sexual, ou o pensamento relativo ao ato? E por que pensais a esse respeito? Por que dais desenvolvimento a

esse pensamento, como evidentemente fazeis? Os cinemas, as revistas, os contos, a moda feminina, tudo isso alimenta o vosso pensar a respeito do sexo.

E por que o entretém a mente, por que pensa a respeito do sexo? Por que, senhores e senhoras? Este problema vos concerne. Por quê? Por que se torna êle um problema central na vossa vida? Quando há tanta coisa a solicitar, a exigir a vossa atenção, vós a dais toda inteira, ao pensamento do sexo. Que se passa, por que estão as vossas mentes tão ocupadas com êle? Porque êle constitui um meio de fuga, não é verdade? Um meio de completo auto-esquecimento. Temporariamente, pelo menos, podeis esquecer-vos de vós mesmos — e não há outro meio de esquecerdes a vós mesmos. Tudo o mais que fazeis na vida confirma o "eu". Vossa ocupação, vossa religião, vossos deuses, vossos guias, vossas ações políticas e econômicas, vossas fugas, vossas atividades sociais, vossa adesão a um partido e rejeição de outro — tudo isso está confirmando e reforçando o "eu". Isto é, senhores, só existe ato no qual não há afirmação do "eu", e por esta razão esse ato se converte num problema, não é verdade? Quando só existe uma coisa, em vossa vida, que constitui uma via suprema de fuga, de completo esquecimento de vós mesmos, ainda que por alguns segundos, vós lhe ficais apegados, por ser o unico momento em que sois felizes. Qualquer outra coisa com que vos ocupais se torna um pesadelo, uma fonte de angústia e de dor, e por isso estais apegados à única coisa que vos proporciona completo auto-esquecimento, a que dais o nome de felicidade. Mas, por causa dêsse apêgo, ela se torna um pesadelo, e quereis então ficar livre dela, não desejais ser seu escravo. E inventais, assim, mais uma vez pela ação da mente, a idéia da castidade, do celibato, e pro-

curais ser celibatário, ser casto, por meio de refreamento, de negação, de meditação, por meio de esforços religiosos de tôda espécie, sendo todas essas coisas operações da mente no sentido de desvencilhar-se do fato. Isso, também, dá especial relêvo ao "eu", que tenta tornar-se alguma coisa, e de novo caímos nas garras da tribulação, da perturbação, do esforço da dôr. O sexo, nessas condições, se torna um problema em extremo difícil e complexo, enquanto não se compreende a mente que pensa a respeito do problema. O ato, em si, nunca pode ser um problema, mas o pensamento relativo ao ato cria o problema. O ato, e se tendes o cuidado [illegible] var e viver [illegible] fazer dela uma [illegible] aparentemente, e muito respeitável; e [illegible] com as coisas [illegible] O problema, naturalmente, só pode ser resolvido ao compreenderdes todo o processo e estrutura do "eu" e do "meu": minha esposa, meu filho, minha propriedade, meu carro, minha "realização", meu bom êxito; e enquanto não compreenderdes e resolverdes tudo isso, continuará a existir o problema do sexo. Enquanto fordes ambiciosos, politicamente, religiosamente, ou por qualquer outra maneira, enquanto estiverdes a reforçar o "eu", o pensante, o "experimentador", alimentando-o de ambições, seja em vosso próprio nome como indivíduo, seja em nome da pátria, do partido, ou de uma ideia a que chamais religião — enquanto houver essa atividade de expansão do "eu", tereis um problema sexual. Por certo, estais criando, nutrindo, expandindo o vosso "eu", por um lado, e por outro lado diligenciais esquecer-vos de vós mesmo, ainda que seja por um momento. Como podem coexistir as duas coisas? Vossa vida, portanto, é uma contradição: afirmação do "eu" e esquecimento do "eu".

O sexo não é problema: o problema é esta contradição existente na nossa vida; e a contradição não pode ser conciliada pela mente, porque a mente, ela própria, é contradição. Só pode ser compreendida a contradição compreendendo-se plenamente todo o "processo" da existência diária. O frequentar os cinemas, para contemplar mulheres, na tela, a leitura de livros que estimulam o pensamento, as revistas cheias de gravuras semi nuas, vossa maneira de olhar para as mulheres, os olhares furtivos que vos fascinam — todas essas coisas estimulam a mente, por vias tortuosas, a afirmar o "eu"; e ao mesmo tempo procurais ser bondoso, delicado, terno. As duas coisas não podem andar juntas. O homem ambicioso, espiritualmente ou a outros respeitos, nunca pode estar sem um problema, porque os problemas só terminam quando o "eu" foi esquecido, quando o "eu" é inexistente; e êsse estado de não existência do "eu" não é um ato de vontade, não é mera reação. O sexo se torna uma reação, e quando a mente procura resolver o problema, só o torna mais confuso, mais perturbador, mais doloroso. Assim, não é o ato o problema, mas a mente é que é o problema, a mente que diz que precisa ser casta. A castidade não é coisa da mente. A mente só pode reprimir as suas atividades, mas repressão não é castidade. A castidade não é uma virtude, a castidade não pode ser cultivada. O homem que está cultivando a humildade, não é, de certo, um homem humilde, êle pode chamar o seu orgulho humildade, mas é um homem orgulhoso, sendo por isso que procura tornar-se humilde. O orgulho nunca pode tornar-se humilde, e a castidade não é coisa da mente — não podeis tornar-vos casto. Só conhecereis a castidade quando houver amor, e o amor não é da mente, nem coisa da mente.

Assim, o problema do sexo, que tortura a tantas pessoas, no mundo inteiro, não pode ser resolvido enquanto a mente não fôr compreendida. Não podemos fazer cessar o pensar; mas o pensamento cessa logo que cessa o pensante, e o pensante só pode cessar quando há compreensão de todo o "processo". Vem o mêdo à existência, quando há divisão entre pensante e pensamento; quando não há pensante, só então não há conflito no pensamento. O que é implícito não requer nenhum esfôrço para ser compreendido. O pensante nasce em consequência do pensamento e se esforça, então, por moldar, por controlar os seus pensamentos e fazê-los cessar. O pensante é uma entidade fictícia, uma ilusão da mente. Quando há conhecimento real do pensamento como um fato, não há necessidade de se pensar no fato. Se há percebimento simples, sem escolha, então o que está implícito no fato começa a revelar-se. Por conseguinte, o pensamento, como fato, deixa de existir. Vereis então que os problemas que nos devoram o coração e a mente, os problemas de nossa estrutura social, podem ser resolvidos. Então, o sexo já não é um problema, tem o seu lugar próprio, não é nem uma coisa impura nem uma coisa pura. O sexo tem o seu lugar próprio, mas quando a mente lhe atribui o lugar predominante, então êle se torna um problema. A mente atribui ao sexo um lugar predominante, porque não pode viver sem um pouco de felicidade, e por isso o sexo se torna um problema; mas logo que a mente compreende, de modo integral, o seu próprio processo e deixa, assim, de existir, isto é, logo que cessa o pensar, há então criação, e é essa criação que nos faz felizes. Achar-se nêsse estado de criação é felicidade suprema, porque êle é auto-esquecimento, no qual não há reação procedente do "eu". Não é esta uma solução abstra-

ta ao problema diário do sexo: é a única solução. A mente nega o amor, e sem amor não existe castidade; e é porque não existe amor que fazeis do sexo um problema.

PERGUNTA: O amor, como o conhecemos, é uma função entre duas pessoas, ou entre os componentes de um grupo; ele é exclusivo e, nêle, há simultâneamente sofrimento e alegria. Quando dizeis que o amor é a única solução para os problemas da vida, dais à palavra amor significação que provàvelmente nunca experimentamos. Pode um homem comum, como eu, conhecer o amor no vosso sentido?

KRISHNAMURTI: Senhor, qualquer um pode amar, mas só conhecereis o amor quando souberdes olhar os fatos com clareza, sem resistência, sem justificação, sem explicações — olhar as coisas de perto, observá-las clara e minuciosamente. Ora, que coisa é essa a que chamamos amor? Diz o interrogante que êle é exclusivo e que, nêle, conhecemos dôres e alegrias. O amor é exclusivo? Veremos, ao examinar isso que chamamos amor, isso que o dito homem comum chama amor. Não há homem comum. Só há o homem, que sois vós e eu. O homem comum é uma entidade fictícia inventada pelos políticos. Só há o homem, que sois vós e eu, que vivemos na aflição, na dor, na ansiedade e no temor. Ora, que é a nossa vida? Para averiguarmos o que é o amor, comecemos com o que conhecemos. Que é o nosso amor? No meio do sofrimento, do prazer, sabemos que êle é exclusivo, pessoal: minha mulher, meus filhos, minha pátria, meu Deus. Sabemos que é uma chama que arde no meio do fumo, conhecemo-lo pelo ciúme, conhecemo-lo pelo desejo de domínio, de posse; conhecemo-lo na perda, quando o ente amado

se foi. Nessas condições, conhecemos o amor como sensação, não é verdade? Quando dizemos que amamos, conhecemos o ciúme, conhecemos o temor, conhecemos a ansiedade. Quando dizeis que amais alguém, tudo isso está implícito: inveja, desejo de posse, de domínio, medo de perder, etc. A tudo isso chamamos amor, e não conhecemos amor sem temor, sem inveja, sem posse; verbalizamos, meramente, aquêle "estado de amor" que é sem temor, chamamo-lo impessoal, puro, divino, ou sabe Deus o que mais; mas o fato é que somos ciumentos, temos a ânsia de domínio, de posse. Só conheceremos aquêle "estado de amor" depois que cessar o ciume, a inveja, a ânsia de posse e de domínio; e enquanto possuirmos, não amaremos. A inveja, a posse, o ódio, o desejo de dominar a pessoa ou coisa que chamo "minha", o desejo de possuir e ser possuído — tudo isso é processo de pensamento não é verdade? Mas é o amor processo de pensamento? É o amor coisa da mente? Na realidade para a maioria de nós, é Não digais que não é seria insensato dizê-lo. Não negueis o fato de que o vosso amor é uma coisa da mente. Êle o é, não é verdade? Do contrário, não possuiríeis, não dominaríeis, não diríeis "meu" E visto que o dizeis, o vosso amor é uma coisa da mente; o amor, para vós, portanto, é um processo de pensamento. Podeis pensar na pessoa amada; mas, pensar na pessoa amada — isso é amor? Quando pensais na pessoa que amais? Pensais nela, quando partiu do vosso lado, quando ausente, quando vos deixou só. Mas quando ela não vos causa agitação, quando dizeis "é minha", então não precisais pensar nela. Não precisais pensar nos vossos móveis; êles são parte de vós mesmos — o que é um processo de identificação, visto que tem o fim de evitar perturbações, evitar

incômodos, ansiedades, aflição. Assim sendo, só sentis falta da pessoa que dizeis amar, quando estais agitado, quando estais sofrendo; e enquanto possuirdes essa pessoa, não precisais pensar nela, porque na posse não há perturbação. Mas quando a posse é perturbada, começais a pensar, e então dizeis "Amo essa pessoa". Assim, o vosso amor é mera reação da mente, não é verdade? — o que significa que o vosso amor é mera sensação, e sensação, por certo, não é amor. Pensais na pessoa quando estais ao seu lado, senhores e senhoras? Quando a possuís, quando a tendes em vossas mãos, quando a dominais, controlais, quando podeis dizer "é meu" ou "é minha", não há problema algum. Enquanto estais seguro, na vossa posse, não há problema. E a sociedade, e tudo o que construístes ao redor de vós vos ajuda a possuir sem serdes perturbado, sem terdes necessidade de pensar a respeito da coisa que possuís. O pensar vem quando estais agitado — e, inevitàvelmente, estareis agitado enquanto o vosso pensar fôr isso que chamam "amor". Positivamente, o amor não é coisa da mente. E porque as coisas da mente encheram os nossos corações, não temos amor. As coisas da mente são: ciúme, inveja, ambição, o desejo de ser alguém, de lograr bom êxito. Essas coisas da mente encheram os nossos corações, e por isso dizeis que amais; mas como podeis amar, quando tendes dentro em vós todos esses elementos geradores de confusão? Quando há fumaça, como pode haver uma chama pura? O amor não é coisa da mente, e o amor é a única solução para os nossos problemas. O amor não é da mente, e o homem que acumula dinheiro ou conhecimento, nunca pode conhecer o amor, porque êle vive com as coisas da mente; suas atividades são da mente, e tudo o que

êle toca, disso êle faz um problema, uma confusão, uma miséria.

Portanto, o que chamamos o nosso amor é uma coisa da mente. Olhai a vós mesmos, senhores e senhoras, e vereis a verdade do que estou dizendo. Se assim não fôsse, nossas vidas, nosso casamento, nossas relações, seriam inteiramente diferentes, teríamos uma nova sociedade. Ligamo-nos a outra pessoa, não por fusão, mas por contrato, a que chamamos amor, casamento. O amor não funde, não ajusta — não é nem pessoal nem impessoal — é um "estado de ser". O homem que deseja fundir se com algo maior, que deseja unir se com outrem, está evitando o sofrimento, a confusão; mas a mente continua em separação, quer dizer, em desintegração. O amor não conhece nem fusão nem difusão, não é nem pessoal nem impessoal, é um "estado de ser", que a mente não pode atingir; pode ela descrevê lo, dar-lhe uma designação, um nome, mas a palavra, a descrição não é amor. Só quando a mente está tranquila conhecerá o amor, e êsse estado de tranquilidade não é coisa cultivável. O cultivar é ainda ação da mente, a disciplina é ainda um produto da mente, e a mente que é disciplinada, controlada, subjugada, a mente que está resistindo, explicando, não pode conhecer o amor. Podeis ler sôbre o amor, podeis escutar o que outra pessoa diz a respeito, mas isso não é amor Só quando pondes de parte as coisas da mente, só quando os vossos corações estão vazios das coisas da mente, há o amor. Sabereis então o que é amar, sem separação, sem distância, sem tempo, sem temor — e isso não está reservado para os poucos. O amor não conhece hierarquia, é só amor. Só há "os muitos" e o "um", só há exclusividade, quando não há amor. Quando

amais, senhor, não há nem "vós" nem "eu"; nêsse estado só há uma chama sem fumaça.

Já são sete e meia, e temos ainda uma pergunta. Desejais que eu responda à mesma? Não estais cansados?

PERGUNTA: A indagação — o que é a verdade — é muito antiga e ainda não foi respondida definitivamente. Vós falais da verdade, mas não vemos tentativas ou esforços por alcançá-la, como os vimos nas vidas de pessoas como o mahatma *Ghandi e a doutora Besant. Vossa agradável personalidade, vosso sorriso que desarma, vosso amor suave, é tudo o que vemos. Quereis explicar porque há tanta diferença entre a vossa vida e as vidas de outros que se consagraram à procura da verdade? Existem duas verdades?*

KRISHNAMURTI: Desejais provas? E por que padrão será julgada a verdade? Há os que dizem que o esfôrço e a tentativa são necessários para se ter a verdade; mas é a verdade alcançável por meio de esfôrço, de tentativa, de um jôgo de probabilidades? Há os que lutam e se esforçam na conquista da verdade, de modo espetacular, quer pùblicamente, quer na tranqüilidade de uma caverna; acharão êles a verdade? É a verdade coisa que se possa descobrir por meio de esfôrço? Existe um caminho que leva à verdade: o vosso caminho, o meu caminho, o caminho do que faz esfôrço e o caminho do que o não faz? Há duas verdades, ou tem a verdade vários aspectos?

Ora, o problema é vosso, e não meu; e vosso problema é o seguinte dizeis "Certas pessoas — duas, ou várias, ou centenas — fizeram esforços, lutaram, procuraram a verdade, ao passo que vós

não fazeis esfôrço algum, levais uma vida agradável e despretenciosa". Quereis, pois, comparar, isto é, tendes um padrão, tendes o retrato dos vossos guias, que lutaram por alcançar a verdade; e se chega um que não se ajusta ao vosso molde ficais decepcionado e perguntais: "Que é a verdade?" Ficais decepcionado — esta é que é a coisa importante, senhor, e não o saber se eu possuo a verdade, ou se outro qualquer a possui. O que importa é verificar se se pode descobrir a realidade sem esfôrço, sem ação da vontade, e sem luta. Isso traz compreensão? A verdade, por certo, não é algo que está distante, a verdade se encontra nas pequenas coisas da vida de cada dia, em cada palavra, em cada sorriso, em cada relação, mas nós não sabemos vê-la; e o homem que tenta, que luta valorosamente, que se disciplina, que se domina — possuirá êle a verdade? A mente que é disciplinada, controlada, limitada, por meio de esfôrço — perceberá ela a verdade? Evidentemente não a perceberá. É só a mente silenciosa que há de perceber a verdade, e não a mente que se esforça por *ver*. Sennor, se fizerdes esfôrço para ouvir o que estou dizendo, ouvi-lo-eis? Só quando estais quieto, quando estais realmente silencioso, compreendeis. Se observardes de perto, se ouvirdes tranquilamente, então ouvireis; mas se ficais tenso, lutando por assimilar tudo o que se está dizendo, vossa energia se dissipará na tensão, no esfôrço. Nessas condições, não encontrareis a verdade por meio de esfôrço, não importa quem a diga, se os livros antigos, se os antigos santos ou os modernos. O esfôrço é a negação da compreensão; só a mente tranquila, a mente simples, a mente que está quieta, que não se impõe esforços extenuantes — só essa mente compreenderá a verdade, verá a verdade. A verdade não é algo que está distante,

não há caminho que leve a ela, não há o vosso caminho, nem o meu caminho; não há caminho devocional, não há caminho de ciência nem caminho de ação, porque a verdade não tem caminho que a ela conduza. No momento em que tendes um caminho para a verdade, vós a dividis, porque todo caminho é exclusivo e o que é exclusivo no comêço há de acabar em exclusão. O homem que está seguindo um caminho nunca há de conhecer a verdade, porque está vivendo na exclusão; seus meios são exclusivos, e os meios são o fim, os meios não estão separados do fim. Se os meios são exclusivos, o fim também é exclusivo.

Assim, não há caminho que conduza à verdade, não existem duas verdades. A verdade não é do passado nem do presente, ela é atemporal; e o homem que cita a verdade do Buda, de Sankara, do Cristo, ou apenas repete o que eu estou dizendo, não encontrará a verdade, porque repetição não é a verdade. A verdade é um "estado de ser" que surge quando a mente — que sempre procura dividir, ser exclusiva, que só é capaz de pensar em referência a resultados, realizações — deixa de existir. Só então haverá a verdade. A mente que está fazendo esfôrço, disciplinando-se, com o propósito de alcançar um fim, não pode conhecer a verdade, porque o fim é projeção dela própria, e o cultivo dessa projeção, por mais nobre que seja, é uma forma de auto-adoração. O ser nestas condições está adorando a si mesmo, e por conseguinte não pode conhecer a verdade. A verdade só pode ser conhecida quando compreendemos todo o processo da mente, i. e., quando não existe luta alguma. A verdade é um fato, e o fato só pode ser compreendido depois de afastardes as várias coisas que foram colocadas entre a mente e o fato. O fato são as vossas relações com

a propriedade, com vossa espôsa, com os seres humanos, com a natureza, com idéias; e enquanto não compreenderdes o fato das relações, a vossa busca de Deus só servirá para aumentar a confusão; porque ela é uma substituição, uma fuga e, por conseguinte, destituída de significação. Enquanto dominardes a vossa espôsa ou ela vos dominar, enquanto possuirdes e fôrdes possuído, não podeis conhecer o amor; enquanto estiverdes refreando, substituindo, enquanto fôrdes ambicioso, não podeis conhecer a verdade. Não é a negação da ambição que torna a mente calma, e a virtude não é a negação do vício. A virtude é um estado de liberdade, de ordem, que o vício não pode dar; e a compreensão do vício é o estabelecimento da verdade. O homem que constrói igrejas ou templos, em nome de Deus, com o dinheiro que juntou pela exploração, pela astúcia e a desonestidade, não conhecerá a verdade; pode êle ter falas suaves, mas sua língua tem o sabor amargo da exploração, do sofrimento. Só conhecerá a verdade aquele que não está buscando a verdade, que não está lutando nem fazendo tentativas por alcançá-la. A mente, em si, é um resultado, e tudo o que ela produz é sempre um resultado; mas o homem que se contenta com o que é, êsse conhecerá a verdade. Contentamento não significa estar satisfeito com o *status* quo, com a manutenção das coisas como estão — isso não é contentamento. E no perceber um fato verdadeiramente e no estar livre dêle, que existe o contentamento, que é virtude. A verdade não é contínua, não tem morada, ela só pode ser vista momento por momento. O que foi verdade ontem, não é verdade hoje, o que é verdade hoje não será verdade amanhã. A verdade não tem continuidade. A mente é que deseja fazer contínua a "experiência" que ela chama "verdade", e essa mente

não conhecerá a verdade. A verdade é sempre nova; é ver o mesmo sorriso e vê-lo como se fôsse novo, ver a mesma pessoa, e vê-la de maneira nova, ver de maneira nova as palmas que se agitam, ir ao encontro da vida sempre de maneira nova. A verdade não pode ser conquistada por meio de livros, por meio de devoção ou de auto-sacrifício, mas ela é conhecida quando a mente é livre, quando tranqüila; e essa liberdade, essa tranquilidade da mente só vem quando os fatos das suas relações são compreendidos. Sem compreender as suas relações, tudo o que ela faz só cria novos problemas. Mas quando a mente está livre de tôdas as suas projeções, há um estado de tranquilidade em que cessam os problemas, e só então surge na existência o atemporal, o eterno. A verdade não é, pois, uma coisa de conhecimento, uma coisa para ser lembrada, uma coisa para ser repetida, impressa e divulgada. A verdade é aquilo que *é*, não tem nome, sendo, portanto, inacessível à mente.

12 de março de 1950.

VI

PALESTRA REALIZADA EM BOMBAIM

HOJE vai ser um pouco difícil, e espero que os que sabem inglês tenham a paciência de ouvir-me em *marati*.

Deve ser bastante evidente, para a maioria de nós a necessidade de introduzir-se no mundo uma diferente espécie de pensamento e ação, e tal coisa exige uma observação muito atenta de nós mesmos — não simples análise, mas uma penetração profunda nas atividades de cada um de nós. Os problemas de nossa existência diária são numerosos; e faltam-nos os meios e a capacidade de resolvê-los; e uma vez que as nossas vidas são tão insípidas, tão monótonas e estúpidas, procuramos escapar, intelectual ou misticamente. Intelectualmente, tornamo-nos cínicos, engenhosos, eruditos; misticamente, procuramos desenvolver certas faculdades ou seguir algum *guru*, esperando tornar os nossos corações mais caridosos e a nossa vida mais interessante. Ou, percebendo a insipidez da nossa vida e o que se implica em nossos problemas, e percebendo que os problemas se aumentam, se multiplicam, pensamos que para realizar uma transformação fundamental não podemos agir como indivíduos, devendo agir como massa, isto é, coletivamente. Penso que é grande êrro dizer-se que os nossos problemas devem ser resolvidos pela ação coletiva ou de massa. Acreditamos de muito pouca importância e sem cabimento a ação individual,

quando os problemas são tão vastos, tão complexos e urgentes; por essa razão volvemo-nos para a ação coletiva ou de massa. Pensamos que se vós e eu fôssemos agir individualmente, conseguiríamos insignificantes resultados, e, porisso, aderimos aos movimentos de massa e tomamos parte na ação coletiva. Mas, se examinarmos com tôda a atenção a ação coletiva, vemos que ela se baseia, realmente, em vós e em mim. Parecemos considerar a ação em massa como a única ação eficaz, porque ela produz um dado resultado, mas esquecemos que a ação individual é muito mais eficaz, porquanto a massa se compõe de muitos indivíduos, a massa não é uma entidade independente, não está separada de vós e de mim.

Importante, pois, é que se compreenda que a ação criadora, a ação verdadeiramente eficaz só pode ser promovida por indivíduos, isto é, por vós e por mim. A ação em massa é, na verdade, uma invenção do político. É uma ação fictícia, na qual não existe pensamento e ação independentes, do indivíduo. Se consultardes a história, vereis que todos os grandes movimentos que resultaram em ação coletiva, começaram em indivíduos como vós e eu, indivíduos capazes de pensar muito claramente e de ver as coisas como são; êsses indivíduos, com sua compreensão, atraem outros, e dá-se, aí, a ação coletiva. Afinal de contas, o coletivo é composto de indivíduos, e só a reação do indivíduo, de vós e de mim, pode produzir uma alteração fundamental no mundo; mas quando o indivíduo não percebe a sua responsabilidade, êle a passa para o coletivo, e o coletivo é então utilizado pelo político hábil ou pelo hábil guia religioso. Mas se perceberdes que a vós e a mim compete transformar as condições do mundo, o indivíduo assumirá extraordinária impor-

tico, abstrato e distante; mas se o examinamos com cuidado, veremos que o autoconhecimento é muito simples e requer, apenas, atenção às relações; e êle é essencial, se desejamos uma revolução fundamental na estrutura da sociedade. Se vós, o indivíduo, não compreendeis as tendências do vosso próprio pensamento, e das vossas atividades, a mera realização de uma revolução superficial na estrutura exterior da sociedade só criará mais confusão e sofrimento. Se não conheceis a vós mesmo, se seguis outra pessoa, sem conhecerdes todo o processo do vosso próprio pensar e sentir, sereis, òbviamente, levados a mais confusão e mais desastres. Afinal de contas, a vida é relação, e sem relações não há possibilidade de vida. Não há vida no isolamento, porque o viver é um processo de relações; e as relações não se efetuam com abstrações, mas sim com a propriedade, com pessoas, com idéias. Em vossas relações vêdes a vós mesmo tal como sois, não importa como sejais, se feio ou belo, se sensível ou grosseiro; no espêlho das relações vêdes com precisão todo problema novo, tôda a estrutura de vós mesmo, tal como sois. Porque julgais impossível alterar fundamentalmente as vossas relações, procurais fugir, intelectual ou mìsticamente, e essa fuga só criará novos problemas, mais confusão e mais desastres. Mas se, em vez de fugir, examinardes a vossa vida de relação e compreenderdes tôda a estrutura dessas relações, tereis a possibilidade de ultrapassar aquilo que está muito próximo. Por certo, para ir longe precisamos começar com o que está muito próximo; mas êsse começo com o que está próximo é dificílimo para a maioria de nós, porquanto desejamos fugir ao que é, do fato do que somos. Sem compreendermos a nós mesmos não podemos ir longe; e nós estamos em relação contínua, visto

que não há existência sem relações. A vida de relação pois, é o imediato, e para ultrapassarmos o imediato, precisamos compreender as relações. Mas preferimos examinar o que está muito distante, o que chamamos Deus ou a verdade, a promover uma revolução fundamental em nossas relações, e essa fuga para Deus ou para a verdade é de todo fictícia, irreal. As relações são a única coisa que temos, e sem compreendermos essas relações nunca descobriremos o que é a realidade ou Deus. Assim, para que se realize uma modificação completa da estrutura social, da sociedade, precisa o indivíduo purificar as suas relações, e essa purificação das relações é o começo da sua própria transformação.

Vou responder a algumas perguntas que me foram encaminhadas. Mas, ao considerarmos estas perguntas, não oferecerei nenhuma conclusão definitiva nem darei respostas categoricas, porquanto o que importa é descobrir a verdade contida no problema; e a verdade não se encontra na resposta, mas, sim, no proprio problema. Estamos, os mais de nós, habituados a repetir o que se nos diz, a recitar algo que aprendemos em algum livro; e assim sendo, ao fazermos perguntas, esperamos respostas que se ajustem ao nosso particular modo de pensar. Pensamos compreender os problemas da vida citando algum livro sagrado, o que, meramente, faz de nós discos de gramofone, e se a canção não fôr a mesma, ficamos desorientados. A pessoa dita religiosa e a pessoa dita incredula são, uma e outra, máquinas de repetição. Não são religiosas nem revolucionárias, porque só repetem uma formula, e a repetição não faz ninguém religioso nem revolucionário. Assim, ao considerarmos estas perguntas, viajemos juntos e examinemos cada problema de

maneira integral e ampla, em vez de apenas olhá-lo por fora.

PERGUNTA: A liberdade política ainda não gerou uma fé e uma alegria novas. Por tôda a parte encontramos cinismo, antagonismo comunal e lingüístico, e ódio de classe. Qual o vosso diagnóstico e o vosso remédio para esta situação trágica?

KRISHNAMURTI: Senhor, êste problema não existe só na Índia, mas no mundo inteiro. É um problema mundial e não meramente um problema hindú. Pois bem, um dos fatôres de desintegração nasce quando as pessoas se dividem em grupos comunais, lingüísticos ou seccionais. Parecemos pensar que com o nacionalismo seremos capazes de resolver os nossos problemas; mas o nacionalismo, por mais amplo que seja, é uma exclusão, é ainda separatismo, e onde há separatismo há desintegração. Embora cheio de promessas no início, cheio de esperanças, de alegrias e expectativas, o nacionalismo se torna um veneno, como se pode ver neste país — e é isso, exatamente, o que está acontecendo em todos os países. Como pode haver unidade onde há exclusão? A unidade implica que não deve haver separação de hinduista e muçulmano. A unidade é destruída quando se torna exclusiva, quando limitada a um determinado grupo. A unidade não é o oposto da exclusão; é a integração interior de todo o ser do indivíduo, em si mesmo, e não a mera identificação com um determinado grupo ou sociedade. Por que sois nacionalista, por que pertenceis a uma determinada classe? Por que dar tanta importância a um nome? Examinemos êsse processo de identificação com uma nação, com um povo, com um grupo idiomático, etc. Por que razão vos dizeis hinduista?

Por que vos chamais hindú, *guzerate*, ou outro nome qualquer? Não é porque, pela identificação com algo maior, vos tornais também maior? Em vós mesmo, não sois ninguém, sois árido, vazio, oco, e, identificando-vos com algo maior chamado Índia, Inglaterra, ou outra nação qualquer, pensais que vos tornais importante. Assim, se vos dizeis nacionalista, se vos identificais com um determinado país, isso indica, obviamente, que, em vós mesmo, sois vazio, insensível, néscio, feio; e no identificar-vos com algo maior do que vós estais apenas fugindo da nulidade que sois. Ora, tal identificação conduz necessariamente à desintegração; porque vós, como indivíduo, sois a base da sociedade, e se fordes desonesto no vosso pensar, a sociedade que criais ou "projetais" exteriormente, será baseada na desonestidade, destituída de toda realidade fundamental. E os políticos ou os hábeis guias religiosos se servem do nacionalismo como meio de alcançar um resultado, o qual é necessariamente artificial, porque carece da compreensão de toda a estrutura do pensamento e do sentimento humanos. Parecemos pensar que com a conquista da independência alcançamos a liberdade. A liberdade não se conquista, e ela não decorre da mera independência política. A liberdade vem quando há felicidade. Pela mera troca de uma burocracia branca por uma burocracia marrom não ficais livres, não é verdade? Continuais a ser o explorador e o explorado, continuais a ser cavalgados pelos políticos hábeis e pelos numerosos guias que estão tentando levar-vos sabe Deus aonde. O nacionalismo é como um veneno que opera sutilmente — e antes de sabermos o que está acontecendo, estamos dentro da guerra. Os governos soberanos, com o seu nacionalismo e suas forças armadas, levam inevitavelmente à guerra; e evitar a guerra não é tornar-se um mero

pacifista ou aderir a um movimento anti-bélico, mas, sim, compreender tôda a estrutura de nós mesmos, como entidades humanas, como indivíduos, em relações uns com os outros, constituindo a sociedade.

Assim, o compreenderdes a vós mesmos é muito mais importante do que o dar-vos um nome. Um nome é muito fácil de explorar; mas se compreendeis a vós mesmo ninguém pode explorar-vos. O nacionalismo sempre gera a guerra, e o problema não pode ser resolvido com o fomento do nacionalismo, o que representa, apenas, uma fuga do fato e uma expansão do mesmo veneno, — mas, sim, no estar livre do nacionalismo, do sentimento de pertencer a um determinado grupo, a uma determinada classe ou sociedade.

PERGUNTA: Pode o povo faminto e ignorante desta terra compreender a vossa mensagem? Como pode ela ter qualquer sentido ou significação, para êle?

KRISHNAMURTI: O problema da fome e do desemprêgo não existe apenas neste país, embora seja muito mais agudo aqui, — êle existe no mundo inteiro. Tem causas precisas, e enquanto não compreendermos essas causas, o mero arranhar da superfície não dará resultado algum. O nacionalismo é uma das causas, os governos separados, outra. Há suficientes conhecimentos científicos para criarem-se condições que possibilitem a todos os povos da terra a obtenção de alimento, de vestuário e de morada. Por que não se faz isso? Não é porque estamos disputando em tôrno de sistemas? Percebendo que há fome e desemprêgo no mundo, volvemo-nos para sistemas e fórmulas promissores de um futuro melhor; e já notastes que aquêles que têm

um sistema para a solução do desemprêgo e da fome e estão sempre lutando contra algum outro sistema? Os sistemas, pois, se tornam muito mais importantes do que a solução do problema da fome. O fato da fome nunca poderá ser resolvido por meio de uma idéia, visto que as idéias geram sempre mais conflito, mais oposição, mas fatos nunca podem produzir oposição. Há fome e desemprêgo, neste país e no mundo inteiro, e, percebendo o problema, aplicamo-nos a êle com uma idéia a seu respeito. Assim, a idéia, a teoria, o sistema, se torna muito mais importante do que o fato. Isto é, voltamo-nos do fato para uma teoria, uma idéia, uma crença, *a respeito do* fato; em tôrno da crença formam-se grupos, e êsses grupos combatem-se e liquidam-se e o fato permanece. (risos) O que tem importância é a compreensão do fato e não uma idéia a respeito do fato, e essa compreensão não depende de idéia alguma. A idéia é mera fabricação da mente, mas a compreensão não é um resultado da mente. Temos bastante inteligência, capacidade e conhecimentos para resolver o fato da fome e do desemprêgo; mas o que nos impede de o resolvermos é a nossa idéia relativa à solução. O fato existe, e nós criamos várias maneiras de considerá-lo: há a maneira do *yogi*, a do comissário, a do capitalista, a do socialista, etc. Ora, pode o fato ser apreendido quando o apreciamos de maneira parcial? A maneira parcial de apreciar o fato impede a sua compreensão. Assim, o fato da fome e do desemprêgo só pode ser resolvido quando não intervém a idéia, a crença, impedindo a compreensão do fato. Significa isso, não é verdade? — significa isso que vós, que sois uma parte da sociedade, precisais libertar-vos do nacionalismo, da crença numa determinada religião, da identificação com uma determinada idéia ou grupo. Assim, a so-

lução do problema não está nas mãos do comissário ou do *yogi*, mas em vossas próprias mãos, porquanto o que *vós* sois é que está impedindo a solução de todos êsses problemas. Se sois nacionalista, se pertenceis a uma determinada casta ou classe, se tendes estreitas tradições religiosas, então, evidentemente, estais impedindo o bem-estar da humanidade.

PERGUNTA: Não sois contrário ao matrimônio como instituição?

KRISHNAMURTI: Peço-vos prestar bastante atenção e ouvir inteligentemente, e não apenas levantar oposição ou resistência. É tão fácil ser contra alguma coisa, tão estúpido resistir sem compreender. Ora bem, a família é exclusiva, não é verdade? A família é um processo de identificação particularista; e quando a sociedade está baseada nessa idéia da família como uma unidade exclusiva, em oposição a outras unidades exclusivas, uma tal sociedade, inevitàvelmente, há de produzir a violência. Usamos a família como um meio de segurança para nós mesmos, para o indivíduo, e onde há a busca de segurança individual, de felicidade individual, tem de haver exclusão. Essa exclusão é chamada "amor", e nesse chamado estado de família ou de matrimônio, existe realmente amor? Ora, examinemos o que a família de fato é, em vez de nos atermos a uma teoria a seu respeito. Não estamos considerando o ideal do que ela *deveria* ser, mas vamos examinar com precisão o que é a família, tal como a conhecemos. Entendeis por "família" vossa espôsa e vossos filhos, não é verdade? É uma unidade em oposição a outras unidades, e nessa unidade sois *vós* quem tem importância — não a vossa espôsa, nem os vossos filhos ou a sociedade, mas somente vós,

que estais em busca de segurança, de nome, de posição, de poder, tanto na família como fora dela. Dominais a vossa esposa, e ela vos é subserviente; vós ganhais e gastais o dinheiro, ela é vossa cozinheira e a progenitora dos vossos filhos (risos). Criais, assim, a família, que é uma unidade exclusiva em oposição a outras unidades, multiplicando-vos por milhões, produzis uma sociedade na qual a família é uma entidade exclusiva, que se isola a si mesma, que se separa, em antagonismo e oposição a outras. Todas as revoluções tentaram abolir a família, mas sempre malograram, porque o indivíduo está constantemente em busca de sua própria segurança, pelo isolamento, pela exclusão, pela ambição e pela dominação. Assim, a família, que criastes como uma unidade separativa, se torna um perigo para o coletivo, que é também o resultado do indivíduo. Por conseguinte não pode haver reforma do coletivo enquanto vós, como indivíduo, fôrdes exclusivista e buscardes o auto-isolamento em cada uma de vossas ações, atendendo o vosso interêsse a vós mesmo.

Ora, esse processo de exclusão não é, de certo, amor. O amor não é criação da mente. O amor não é pessoal, impessoal ou universal — essas palavras são só da mente. O amor é algo que não pode ser compreendido enquanto existir o pensamento, que é exclusivista. O pensamento, que é a reação da mente, nunca pode compreender o que é amor; o pensamento é invariavelmente exclusivista, separatista, e quando o pensamento procura descrever o amor, tem, necessàriamente, de encerrá-lo em palavras, que também são exclusivas. A família, como a conhecemos, é invenção da mente, e por isso ela é exclusivista, é um processo de engrandecimento do "eu", que é resultado do pensamento; e na família, à qual nos apegamos com tanta constância, com tanto

desespêro, não há amor, há? Empregamos a pala vra "amor", pensamos que amamos, mas de fato não amamos, não é verdade? Dizemos que amamos a verdade, que amamos a espôsa, o esposo, os filhos; mas essa palavra está rodeada pelo fumo do ciúme, da inveja, da opressão, da dominação, e da batalha constante. A família se torna um pesadelo, torna--se um campo de batalha entre os dois sexos, e, por conseguinte, a família, invariàvelmente, fica em oposição à sociedade. A solução reside, não na legislação para abolir a família, mas na vossa própria compreensão do problema; e o problema só é compreendido, e por conseguinte desaparece, quando há o verdadeiro amor. Quando as coisas da mente não enchem o coração, quando a ambição individual, o bom êxito pessoal, não predominam, quando não têm lugar nenhum no vosso coração, só então conhecereis o amor.

PERGUNTA: Por que estais procurando abalar a nossa crença em Deus e na religião? Não é necessária alguma fé, para todo esfôrço espiritual, quer individual, quer coletivo?

KRISHNAMURTI: Por que necessitamos de fé, por que necessitamos de crença? Se observardes, vereis que a crença é um dos fatôres que separam os homens. Vós credes em Deus e outros não crêem em Deus, e, assim, as vossas crenças vos separam. A crença, em todo o mundo, está organizada como hinduísmo, budismo, ou cristianismo, e separa, portanto, o homem do homem. Estamos em confusão e pensamos que por meio da crença dissiparemos a confusão; isto é, sobrepomos a crença à confusão e esperamos que, dêsse modo, a confusão se dissipe. Mas a crença é mera fuga ao fato da con-

fusão; ela não nos ajuda a enfrentar e a compreender o fato, mas, sim, a fugir da confusão em que nos achamos. Para compreender a confusão, não é necessária a crença, e a crença só serve como um anteparo entre nós e os nossos problemas. A religião, pois, que é a crença organizada, se torna um meio de fuga do que é, do fato da confusão. O homem que crê em Deus, o homem que crê na vida futura, ou que tem qualquer espécie de crença, está fugindo do fato do que êle é. Não conheceis homens que crêem em Deus, que praticam *puja*, recitam rezas e palavras, e que na vida cotidiana são dominadores, cruéis, ambiciosos, embusteiros, desonestos? Acharão êles a Deus? Estão verdadeiramente procurando a Deus? Pode achar-se Deus por meio de repetições de palavras, por meio de crença? Mas tais pessoas crêem em Deus, adoram a Deus, vão ao templo todos os dias, e tudo fazem para não perceberem o que realmente são, — considerais respeitáveis a essas pessoas porque elas são iguais a vós.

Assim, a vossa religião, a vossa crença em Deus é uma fuga da realidade, e por conseqüência não é religião, absolutamente. O homem rico que acumula dinheiro por meios cruéis, desonestos, por meio da exploração ardilosa, crê em Deus; e vós também credes em Deus e sois também ardilosos, cruéis, perspicazes, invejosos. Pode-se encontrar Deus pelo caminho da desonestidade, do embuste, dos expedientes ardilosos da mente? O fato de terdes uma coleção de todos os livros sagrados e dos vários símbolos de Deus indica que sois uma pessoa religiosa? Mas religião não é fuga ao fato; religião é a compreensão do fato do que sois, em vossas relações de cada dia, religião é a maneira como falais, a maneira como vos dirigis aos vossos criados, como tratais vossa espôsa, vossos filhos e vizinhos. En-

quanto não compreenderdes as vossas relações com o próximo, com a sociedade, com vossa espôsa e vossos filhos, haverá confusão; e a mente que está confusa, faça o que fizer, só há de criar mais confusão, mais problemas e mais conflitos. A mente que foge da realidade, dos fatos da vida de relação, nunca encontrará a Deus, a mente agitada pela crença nunca conhecerá a verdade. Mas a mente que compreende a sua relação com a propriedade, com pessoas, com idéias, a mente que não mais luta com os problemas criados pela vida de relação, cuja solução não está na fuga e, sim, na compreensão que vem do amor — só essa mente é capaz de compreender a realidade. A verdade não pode ser conhecida pela mente que está confusa nas suas relações, ou que foge das relações para o isolamento, mas, sim, pela mente que compreende a si própria em ação; e só essa mente conhecerá a verdade. A mente tranqüila, a mente silenciosa não pode vir à existência mediante qualquer forma de compulsão, qualquer forma de disciplina, porque a mente só está quieta quando compreende as suas relações com a propriedade, com pessoas e idéias, e, não importa o que faça, a mente não está quieta quando agitada pelo fato dessas relações. A mente que é aquietada, sem compreensão das suas relações, é uma mente morta; mas a mente que nenhuma crença nutre, que está tranqüila porque compreende as suas relações, essa mente é silenciosa, criadora, e conhecerá a realidade.

14 de março de 1950.

ÍNDICE DAS CONFERÊNCIAS

ÍNDICE E RESUMO DAS PERGUNTAS

Que Estamos Buscando?

J. KRISHNAMURTI